

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXXXIII

FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA

N.º 1

PROF. DR. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO

TRATADO DE SEMÂNTICA GERAL APLI-
CADA À LÍNGUA PORTUGUÊSA DO BRASIL



SÃO PAULO — BRASIL

1947

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor da Universidade de São Paulo:

Prof. Dr. Lineu Prestes.

Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:

Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Melo.

Cadeira de Filologia e Língua Portuguesa:

Prof. Dr. Francisco da Silveira Bueno.

Assistente:

Licenciada, Dinorah da Silveira Campos.

Toda correspondência relativa ao presente Boletim
deverá ser dirigida à

CADEIRA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 105-B — S. PAULO — (BRASIL)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM LXXXIII

FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA

N.º 1

PROF. DR. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO

**TRATADO DE SEMÂNTICA GERAL APLI-
CADA À LÍNGUA PORTUGUÊSA DO BRASIL**



SÃO PAULO — BRASIL

1947

PROF. DR. FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO
Catedrático de Filologia e Língua Portuguesa

TRATADO DE SEMANTICA GERAL
APLICADA À
LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL.

I N D I C E

CAPÍTULO I

Antiguidade da semântica — Os estudos de Varro — Dificuldades do assunto — Nomes propostos — A opinião dos filósofos — Distinção de Millardet — Nexos íntimos com a etimologia e a fonética .. 9

CAPÍTULO II

A semeiologia — Sinal e símbolo — Qualidades do sinal — Cânones dos símbolos — O simbolismo linguístico — A velha teoria do grito e da interjeição — Opinião de Whitney, Lefèvre, Malinowski, Childe, Vendryès, Sapir, Carnoy, Wundt 17

CAPÍTULO III

O conteúdo psíquico da palavra — Graff e Dauzat — A imagem verbal — Língua e Fala — A seleção dos símbolos — Os elementos constitutivos da palavra — As variações fonéticas e a semântica — A etimologia — Princípios científicos desta ciência — A etimologia e a semântica — Auxílios mútuos — Conselhos de Weecley e Marouzeau 35

CAPÍTULO IV

São inconscientes os fenómenos semânticos? — Opinião de Bréal — Vitor Henry — Dauzat — Carnoy — Incongruências e contradições dos mestres neo-gramáticos — Argumentos pro-consciência dos fenómenos semânticos. 43

CAPÍTULO V

A renovação do vocabulário — Composição e derivação — Tipos de composição — Os empréstimos — Opinião dos linguísticos — Opinião sui-generis de Meillet — Causas do empréstimo — Como tratá-los — Consequências para a semântica 49

CAPÍTULO VI

O conteúdo psicológico da palavra — As três fases de Leroy — A base da semântica — Causa das mudanças do significado das palavras — A contribuição psicológica do indivíduo — A contribuição da sociedade — A descontinuidade da transmissão vocabular — Suas consequências — Influência gramatical — O desaparecimento do objeto simbolizado — Os sintágmata vocabulares — Os grupos sociais — As gírias — A língua dos sexos — Os índios carajás 57

CAPÍTULO VII

Causas provenientes da audição — A conversação — Opinião de Vossler — Exemplos curiosos de má audição — Termos novos — Explicações de provérbios já incompreensíveis — Exemplos franceses — Casos dos topónimos portugueses — Numerosos casos do interior do Brasil .. 77

CAPÍTULO VIII	
A necessidade da nomenclatura adequada à semântica — A criação de Carnoy — Aplicação à língua portuguesa — A metassemia e suas divisões — Exemplificação sobretudo do Brasil	87
CAPÍTULO IX	
A metendossemia — Velhos símbolos e referências novas — As antigas instituições sociais — A ecsemia — A tipossemia	93
CAPÍTULO X	
A prossemia — Restrição e especialização do significado — A Individualização — Efeitos da linguagem afetiva	101
CAPÍTULO XI	
A perissemia — Irradiação — Encadeamento — Contágio	107
CAPÍTULO XII	
A alemetassemia — Influências recíprocas — Antissemia — Homossemia	113
CAPÍTULO XIII	
A sissemia — Influência entre os sintágramas voculares — A acrossemia — Palavras de letras e abreviaturas — Braquissemia — Os hipocorísticos — Regras que observar	119
CAPÍTULO XIV	
A diassemia — Evocativa — Apreciativa — Quantitativa — Epissemia — A paressemia — A zoosemia	125
CAPÍTULO XV	
A metecsemia — Metáfora — Opinião infundada de Carnoy — Essência da metáfora — Classificação das metáforas: concetistas - lógicas - afetivas - patéticas - ectópicas - pragmáticas	131
CAPÍTULO XVI	
A zoosemia novamente — O antropomorfismo — Exemplo de Vicente de Carvalho — A linguagem do povo — Qualidades e defeitos dos povos	139
CAPÍTULO XVII	
A diassemia apreciativa — Eufemismos — Disfemismos — Causas — A profissão — Posição social — Cor — Enfermidades — Vícios humanos: Sexologia, Superstições, Enfraquecimento dos eufemismos — O disfemismo e os sufixos	145
CAPÍTULO XVIII	
A hipersemia — Hipérboles — Causas — Expressões hiperbólicas indefinidas — O comércio e as hipérboles — O menos pelo mais — A repetição intensiva — A hipossemia	155
CAPÍTULO XIX	
A criptossemia — As frases feitas — As linguagens secretas — Explicações da gíria dos gatunos — Linguagem e sinais cabalísticos — Símbolos supersticiosos	161

INTRODUÇÃO

Dirigindo a cadeira de *Filologia e Língua Portuguesa* da *Universidade de S. Paulo*, como catedrático da *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, sucedemos, após concurso de títulos e de provas, em 1940, ao ilustre Prof. Dr. Francisco Rebelo Gonçalves, da Universidade de Coimbra. Se bem que não nos escasseassem materiais e trabalhos que poderiam ser desde logo objeto de Boletins, não quisemos imediatamente iniciar tais publicações, esperando que o tempo consolidasse estudos que sem êle não lhe podem resistir ao ímpeto. Esta é a razão de já se passarem alguns anos de regência da cadeira e só agora se publicar êste primeiro Boletim.

Não quer isto dizer que não tenhamos feito outras publicações fóra da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Bastará citar as seguintes: *Antologia Arcaica (1941)* — *O Auto das Regateiras de Lisboa (1945)* — *Estudos de Filologia Portuguesa, 1 vol. — (1946)* — *Gramática Normativa, Superior da Língua Portuguesa (1944)* — Estas foram as publicações maiores porque das menores seria longo citar o número, lembrando apenas *A Arte de Escrever, A Arte de Falar em Público, Manuel de Califasia* e mais outros tantos compêndios escolares.

As opiniões citadas no presente *Tratado de Semântica Geral* são as mais recentes e autorizadas pelos nomes dos que as defendem. O nosso trabalho maior foi aplicar as teorias e os princípios semânticos à língua portuguesa, mormente, a falada no Brasil, pois, até o presente momento nenhuma obra de vulto e moderna conhecemos em português, quer publicada em Portugal, quer em nossa pátria. Chamamos a atenção dos nossos colegas e estudiosos das cadeiras de Sociologia e Psicologia porque o terreno da semântica é território em que a Linguística se encontra com as duas nobres ciências lembradas. Dêles aceitamos todas as sugestões que puderem esclarecer, completar e melhorar êste estudo, deixando-lhes desde já os nossos agradecimentos.

Alguns, especialmente, aqueles que andam alheios a trabalhos científicos, poderão melindrar-se com algumas expressões e

com alguns exemplos de que tivemos necessidade para a comprovação da doutrina. Nada temos que lhes esclarecer ou explicar: assim se faz em toda parte e este livro não é tratado de catecismo ou de teologia moral. Esta mesma, costuma ser escrita em latim, para que só os iniciados possam entender. A todos os que nos honrarem com as suas observações justas, os nossos obsequios.

S. Paulo, 29 de Abril de 1947.

Prof. Dr. Silveira Bueno

CAPÍTULO I

Antiguidade da semântica — Os estudos de Varro — Dificuldades do assunto — Nomes propostos — A opinião dos filósofos — Distinção de Millardet — Nexos íntimos com a etimologia e a fonética.

Uma velha e saborosa *cantiga d'amigo*, um maciço trecho de um cronista medieval, um canto pomposo de Camões e uma poesia moderna apresentados à consideração dos que estudam a evolução da língua portuguesa, oferecem dificuldades de compreensão, cada vez maiores quanto mais recuam no tempo até a possibilidade da incompreensão quase completa, necessitando-se de recorrer a dicionários e a especialistas no assunto. Confrontadas, entretanto, as composições, vê-se que o vocabulário é todo português e que as diferenças de construção sintática são insignificantes. Por que, pois, há dificuldade de compreensão? Porque o significado das palavras mudou, porque umas já desapareceram e outras surgiram inteiramente novas. Entre a significação de algumas e o nosso intellecto já não ha mais correspondência, faltando a cousa que concretizava a existência delas, tendo desaparecido o costume, a crença, a superstição ou a lei a que faziam referência.

O mundo social em que tais canções foram escritas, em que tais fatos se deram e foram conservados pelos cronistas já não é o actual e a comunidade humana em que vivemos guia-se por outros preceitos que já não são aquêles dos trovadores ou do Renascimento camonianiano. E como é que outras palavras são as mesmas, em nada alteradas quanto ao conceito? E mais curioso ainda, como se explica a inalterabilidade de tal significado desde o remoto latim, desde o grego ainda mais distante e, às vezes, desde o remotissimo sânscrito? Todas estas interrogações e tantas outras que o mundo das palavras desperta em quem o estuda, levam-nos a pensar na origem dos vocábulos, na possibilidade de surpreendermos o aparecimento dessa admirável entidade, quase intangível, fragilima, que se acomoda a todas as exigências do homem, em sua ascensão espiritual, mas, a tudo resiste, marcando a única perenidade real da terra, — a *palavra*.

Desde todos os tempos, filósofos e sacerdotes, artistas e broncos, todos se têm interessado por desvendar tão profundo mistério. Todas as obras do pensamento humano, quer religiosas, quer jurídicas, sejam de mera ciência positiva, sejam de desvairements de fantasia ocultista; venham de poetas imaginosos ou procedam de filósofos exatos, todas tiveram sempre a preocupação da *palavra*, da sua parte mais importante: a *significação*.

Já no Egito dos Faraós, onde tudo era segredo e demandava iniciação, onde cada mistério estava representado por um deus, este segrêdo da linguagem, esta origem inexplicável do sentido dos vocábulos perturbava as mentes dos sábios, consagrando-lhe o politeísmo egípcio uma divindade especial, denominada *Palavra*. Fôra, quem sabe, do velho Egito que levaram os gregos a sua doutrina do *Logos*, que depois serviu ao Evangelista S. João para o seu profundo ensinamento do *Verbum*. Na Índia, preocupavam-se os sacerdotes com o vocábulo e para que Brahma atendesse às preces, deixaram os gramáticos as mais minuciosas regras de fonética, o mais aperfeiçoado sistema de sinais gráficos para que essa entidade, — a *palavra*, — levasse, íntegra e perfeita, ao deus supremo, a idéia do pobre indiano.

“Quem poderá saber a origem das palavras que os poetas usam em seus hinos? clamava, em Roma, o venerando Varro, se o poeta Epimênides, tendo dormido cinquenta anos, quando acordou já não podia mais conhecer a ninguém; se Teucer, o guerreiro, ao regressar dos campos de Troia, depois de quinze anos de ausência, era já estranho até aos seus?” (Varro — De Lingua Latina — I — lib. VII — § 3). E que é isto em comparação com a idade das palavras? Toda a sua obra, entretanto, foi aplicada ao grande problema do nome das cousas, de como lhes foram as palavras aplicadas na lingua de Roma, já segundo o costume do povo, já dos poetas: “In his (libris) adscribam, a quibus rebus vocabula imposita sint in lingua latina, et ea quae sunt in consuetudine apud populum et ea quae inveniuntur apud poetas” (Idem — I — lib. V — § 1). Notando sabiamente que, no estudo das palavras, uma cousa é saber-lhes a origem e outra o emprêgo, o uso, de acôrdo com a significação, dividiu em duas partes seus livros, seguindo nisto os mestres gregos: *etimologia* e *semântica*: “priorem partem, ubi cur et unde sint verba scrutantur, Graeci vocant *ετυμολογίαν* illam alteram *περιοημαινομώνων*. E, observando, já naquêlo tempo, a dificuldade da semântica, confessa que muito pouco poderá dizer da segunda: “sed exilius de posteriore”. Tantos séculos depois, trilhando Bréal os mesmos caminhos, tomando ainda aos gregos a denominação da ciência, confessava também as mesmas dificuldades: “Je prie donc le lecteur de regarder ce livre comme une simple Introduction à la science que j’ai proposé d’appeller la *Semantique*”. E em nota a êste lugar: “*Σημαντική τέχνη* la science des significations, du verbe *σημαινω* signifier, par opposition à la Phonétique, la science des sons” (Essais de Sémantique — 9) — Tantos séculos depois, como Varro, dizia o mestre francês: “Ce livre, commencé et laissé bien des fois, . . . je me décide aujourd’hui à livrer au public. Que de fois, rebuté

par les difficultés de mon sujet, me suis-je promis de n'y pas revenir!" (Idem — 6-7).

A mesma dificuldade a encontraram Sêneca e Platão, a cujos espíritos tão profundos se erguiam temerosas as perguntas: existe o significado nas palavras, intrinsecamente, ou depende apenas do consenso humano? Toda a filosofia medieval aí bateu com as famosas discussões do nominalismo, do conceitualismo, do realismo, quer exagerado, quer mitigado, admitindo uns que as palavras eram entidades reais, nefastas, às vezes, propícias, outras; ensinando êstes, ao contrário, que os vocábulos não passavam de meros sons, *flatus vocis*, sem vitalidade própria, vivendo apenas da relação existente entre o conceito, a cousa e o seu sinal sonoro, a verdadeira palavra.

Nem foi só a idade média que fez eco aos gregos: Taine, Le Roy e Bergson defenderam o nominalismo em suas obras, afirmando o primeiro que os universais não passavam de *nomes commodes au moyen desquelles nous mettons ensemble, dans un compartiment distinct, tous les faits d'une espèce distincte*". Descartes e Kant foram conceitualistas, sustentando que os nomes são meras concepções do intelecto, que o espírito aplica às cousas. Mas já São Tomás de Aquino, retamente, ensinava que o universal depende, em parte, do intelecto, em parte, das cousas. Existe formalmente na inteligência, mas, fundamentalmente, na realidade. A palavra é um sinal convencional, não natural: *Vocabulum est signum conventionale, non naturale*. (Summa — p. I — q. 84.a.1 e 4 ou — p.1.q.85.a.2 e 3 — ou — p.1.q.86.a.1).

Se bem antiga é, pois, a preocupação dos povos, excogitando donde vieram as palavras, por que aparecem com tal significação e a substituem por outra no correr dos tempos, bem antiga é também a denominação de *semântica* para a ciência que do significado vocabular nos dá o conhecimento. Varro, com dedo de mestre, tocou a fonte grega *perissemainoménon*, indicando-a a Bréal que preferiu *Semantiqué (tecné)* donde tirou o termo francês, hoje, universalmente conhecido: *Sémantique* e, em português, *Semântica*. Os alemães, com o seu infernal orgulho, para não se submeterem ao francês genial, inventaram *Semasiologia*, ou em palavras puramente germânicas, *Bedeutungslehre*: tratado da significação. Outros ainda vieram com *semeiologia*, *semeótica* e até *onomasiologia*. E' necessário precisar a nomenclatura afim de se evitarem enganos. Millardet distingue bastante bem a *semântica* ou *semasiologia* da *onomasiologia*: "D'une part, il est possible d'étudier la signification des mots et les changements que ces significations ont subies dans le temps et dans l'espace. Cette partie de la lexicologie est ce que Michel

Bréal appelle la *sémantique* et que les Allemands ont décoré du nome de *semasiologie*. D'autre part, il est possible de cataloguer les mots servant à traduire une idée donnée et qui peuvent differer dans l'espace et dans le temps même à l'intérieur d'une famille de langues ou d'un groupe relativement cohérent de patois. Cette partie de la lexicologie est ce que l'on a nommé l'*onomasiologie*. Dans ces deux disciplines, la première part de la forme matérielle du mot pour aboutir à la pensée (*semasia*, signification, *semantiké tékne*); la seconde part de la pensée, de la signification, pour aboutir au mot (*ónomasia*, appellation, denomination) — (Millardet-Ling. et Dial. Rom. 339-40). A semântica, portanto, é a parte da lexicologia que estuda a significação das palavras e as mudanças que tais significações sofrem no tempo e no espaço. Toma por base a forma sonora, material, do vocábulo e desta ascende à parte intelectual, ao significado. A onomasiologia cataloga, inventaria as palavras que servem para traduzir determinada idéia, podendo variar no tempo e no espaço, quer dentro duma mesma língua, quer de um grupo de línguas ou de dialetos. Toma por base a significação, a parte intelectual e vai procurá-la nas diversas formas sonoras ou fonéticas em que pode ser encontrada. A denominação de *semiologia* não pode ser tomada como sinónimo de semântica ou de semasiologia: trata apenas de uma parte da ciência, pois, estuda somente os *sinais*, os *simbolos*. Da *semeiologia* diz Graff: "Semeiology, the science of signs and symbols, is only in its infancy; its accumulated data are yet too limited and sketchy to permit any exhaustive and final treatment of the problem." (Graff — Language and Languages — 72). Esta ciência, que estuda as relações entre o sinal e a cousa significada, entre o simbolo e a cousa simbolizada, trata também da palavra, mas, unicamente como sinal, como simbolo de conceitos. Seria, quando muito, uma parte da semântica.

Se é verdade, como diz Millardet, que a semântica parte da forma sonora, material, das palavras para terminar na significação, já se vê que íntimas devem ser as suas relações com a fonética e com a etimologia. Os neologismos são exceções no estudo do vocabulário: o grande péso das palavras procede de remotas eras e de remotas fontes, como essas que do sânscrito, língua já morta quando Alexandre invadiu a Pérsia, existem em nosso idioma nascido ontem, comparado a êsse ancianíssimo dialeto árico, língua sagrada dos brâhmanes filósofos. Como saber a primitiva significação já de todo desaparecida e, por vezes, ainda hoje conservada, se não através da etimologia? Como foi que *suta* e *tunda*, existentes em sânscrito, apareceram entre nós sob a forma de *sota* e *tunda*, com a mesma significação que os

séculos conservaram? E por que *mas*, significando *lua*, nessa lingua oriental, já em latim *me(n)s* e também em português — *mês* — tomou segundo significado? São outras tantas perguntas a que nem sempre a etimologia responde, mas, bem mais fáceis do que essas outras que se fazem sobre os *sons*: por que *filho* é *uios*, em grego, *suta* em sânscrito, *filius* em latim, *hijo* em castelhano, *fiyu* em romeno, *son* em inglês? Depende da forma sonora do vocábulo o significado? Podem as alterações fonéticas trazer mudanças na signficacão? Em que relações se encontra a palavra como *sinal*, como *simbolo*, para com a coisa signficada, para com a referência intelectual ou com o conceito que existe na mente humana?

Qualquer destas perguntas exige volumes e volumes de estudos profundos e variados, havendo especialistas que lhe devotaram toda a existência de aturado labor intelectual. Basta só pensar no vasto campo da etimologia; no mais vasto ainda da fonética, submetida hoje a pesquisas de laboratórios; nêsse outro da psicologia que vai confinar com a própria filosofia, exigindo largos conhecimentos de sociologia e de história. De todas se dirá o suficiente para que se compreenda a finalidade deste trabalho: a origem e as variações do significado das palavras.

CAPÍTULO II

**A semiologia — Sinal e simbolo — Qualidades do sinal —
Cânones dos símbolos — O simbolismo linguístico — A velha
teoria do grito e da interjeição — Opinião de Whitney, Lefèvre,
Malinowski, Childe, Vendryès, Sapir, Carnoy, Wundt.**

O significado das palavras, o ponto essencial de qualquer teoria da linguagem, não pode ser tratado sem uma satisfatória teoria dos sinais. Assim se expressam Ogden e Richards no início do terceiro capítulo do livro "*The Meaning of Meaning*". Pondo de parte muitas das suas idéias nem sempre claras e muito aceitáveis no campo da linguística, pois, como psicólogos, estudam o assunto na esfera apenas da sua especialidade, convimos em que, realmente, ao estudo das significações das palavras deve preceder o estudo dos sinais, dos símbolos, da *semeiologia*.

Tudo o que compreendemos, fazêmo-lo através de um símbolo e por isto já os antigos definiam o símbolo: *id omne in quo aliud cognoscitur*: tudo aquilo que nos leva a um ulterior conhecimento. E exemplificavam: o sinete do rei, as suas armas, levam-nos ao conhecimento da sua autoridade; a estátua do herói dá-nos o conhecimento da sua figura; a espada, a pena, a cruz, o arado, são outros tantos símbolos, isto é, objetos através dos quais penetramos no entendimento de outros conceitos: a vida militar, a literária, a religiosa, a agrícola. Apesar de os filósofos, quer meramente logicistas, quer psicólogos, terem elaborado toda uma completa nomenclatura com a finalidade de fazer-nos entender o processo da compreensão, nada de claro, de positivo possuímos neste ponto da inteligência humana, o que levou Graff a dizer: *Nevertheles the very process of meaning remains a mystery to which the key has not yet been found* — (*Lang. and Langs.* 71). Para os linguistas, entretanto, que tomam o conhecimento como um dos fatos da linguagem, suficiente lhes é explicar as relações existentes entre tais fatos na finalidade principal da mútua troca de idéias e emoções exigida pela sociedade.

Qualidades do sinal

Entre as principais qualidades exigidas para que o sinal atue eficazmente, exigiram sempre os antigos que fosse *anteriormente conhecido*, capaz de *impressionar* os centros sensoriais do homem, despertando a imagem, a idéia do objeto ou fato cujo conhecimento intentava produzir, *proporcionalidade* e *adequação* ao efeito procurado.

Requer-se que o sinal seja previamente conhecido sem o que não poderá levar-nos a ulterior conhecimento: se nunca vimos uma espada, como poderemos compreender por ela a vida militar? Daqui a necessidade de tornar, primeiramente, conhecido o simbolo para que depois possa atuar sozinho. Quando se cria um sinal novo, exige-se imediatamente que se torne vulgarizado: quando se criou a bandeira do Brasil republicano, foi indispensável que se desse a conhecer o novo simbolo a todos. Só depois de conhecido foi que se tornou apto a representar o Brasil com a sua simples presença. Deve o sinal ser sufficiente para despertar a imagem, a idéia, da cousa ou do fato acontecido. Não é, contudo, necessário que contenha todas as notas individualizantes do ser que simboliza; basta que encerre uma que possa lembrar as demais. As bandeiras, em geral, encerram cores, formas, adornos, desenhos, letras, etc.; algumas destas disposições chegam para a evocação do todo e por meio dêste todo o país simbolizado. Para os brasileiros será sufficiente dizer: *verde e amarelo*, ou então: *Ordem e Progresso*, ou mais simplesmente ainda: *o auriverde*. Para os francêses nada mais se exige que a palavra *tricolor*. Baseia-se esta qualidade do sinal na íntima conexão existente entre as notas individualizantes dos seres ou como atualmente se diz: do *contexto externo*. Imaginemos que, pela primeira vez, encontramos a deliciosa fruta *abacaxi*: notamos-lhes a forma própria, o tamanho comum, a coroa de espinhos, a cor, o cheiro característico e se a experimentarmos, sentiremos o sabor agri-doce que lhe é peculiar. Se repetirmos a experiência poderá ser que haja pequenas alterações na forma, no tamanho, no colorido, e o gosto será mais doce ou mais picante, porém, no conjunto, representam sempre a mesma fruta: o *abacaxi*. Esta reunião de notas características, outrora, ditas pelos filósofos *individualizantes*, toma, hoje, o nome de *contexto externo*. Por meio dos sentidos atingem o intellecto, despertando nêle igual conjunto de qualidades, imprimindo-lhe a *imagem* que depois de atuada pela intelligência passa a ser a *idéia*, o *conceito*, a palavra interior, o *verbo*. A reciproca do contexto externo, na parte psicológica do homem, denomina-se *contexto psicológico* ou *interno*. Para que tenhamos despertado em nós êste contexto psicológico, não necessitamos de todo o contexto externo: bastará, por exemplo, que sintamos o cheiro, que experimentemos o gosto para que, imediatamente, as demais notas características sejam lembradas pela conexão íntima entre elas existentes e se forme a imagem, a idéia do fruto americano. Tal conexão só existirá depois de muitas experiências feitas e repetidas, tornando-se habituais uma vez que sejam repetidas de maneira uniforme, constante. A uma pessoa que, só uma vez conheceu

o abacaxi, ou que o viu apenas já preparado, em fatias, será difícil estabelecer todo o contexto externo por uma única das suas notas constituintes.

Cânones dos símbolos

Ogden e Richards estabeleceram alguns *cânones* para os símbolos, como por exemplo, cada símbolo deve ter uma *única referência* embora esta referência possa ser *complexa*. Realmente, se o símbolo pode referir-se a vários objetos, a vários fatos, haverá ambiguidade e confusão na compreensão sugerida. Simboliza o *livro* a vida intelectual e só a vida intelectual posto que por este conceito *vida intelectual* se possa entender muita coisa, pela complexidade do seu conteúdo significativo. A *espada* representa a vida militar e só a vida militar. Quando se quis associar este símbolo à representação da *justiça*, juntou-se-lhe outro símbolo: a *balança*. Tudo isto para que se evitasse a confusão do símbolo. A *roda*, sozinha, sem outro determinativo, tanto pode representar a indústria, a navegação como a viação terrestre. Para dissipar-lhe a ambiguidade foi necessário acrescentar-lhe algum dispositivo determinante da referência: *dentada* para a indústria; *aspada* para a navegação, etc. A *lira* desprovida de qualquer acompanhamento incorre na mesma imperfeição de simbologia. Para que se referisse à poesia, foi indispensável cercá-la de louro.

Tudo isto, porém, não impede que uma mesma referência não possa ter dois ou mais símbolos, segundo a convenção social em que tais símbolos forem empregados. E' o caso das cores para o luto: a maioria admite a cor preta; alguns povos orientais adotam a branca. O respeito a outrem pode ser simbolizado pela *cabeça descoberta* para a quase totalidade dos homens; para os judeus, contudo, é ao contrário: *cobre-se a cabeça*. Quando o símbolo é ambíguo, requer-se uma determinação secundária para firmar a distinção de referência, como acima ficou explicado relativamente à *roda* e à *lira*. Preferem muitos considerar, então, cada símbolo como próprio, diferente do outro e, assim, em nosso caso, a roda dentada será um símbolo, a roda aspada, outro. Desta maneira, observaremos melhor o primeiro cânon que exige um símbolo para cada referência. Quando aplicarmos estas regras à linguagem, teremos o caso dos sinónimos: vários símbolos e todos com a mesma referência, v.g. *casa*, *moradia*, *residência*, *mansão*, *vivenda*, *lar*, etc. Convem, entretanto, notar que há sempre alguma diferença no sentido, no significado, de cada um destes símbolos e de acôrdo com essa insignificante,

mas, muito importante diferença, comprovamos ainda a necessidade de cada sinal referir-se apenas a um referido.

Outro cânon importante exige que a *abreviação* ou a *expansão* do simbolo não altere o referente. Acontece muitas vezes que um simbolo abreviado não é bastante claro ou compreensível; desenvolve-se, explanando-o, mas, conservando sempre o nexo que o liga ao referente. Quase todas as definições não passam de desenvolvimentos de simbolos contractos. Assim, *animal racional* é o mesmo simbolo que *homem*, apenas está desenvolvido, explanado. O *cravo vermelho* ou *branco*, que no segundo domingo de Maio, se trazem à lapela, são simbolos abreviados de *progenitora viva* ou já então *falecida*. O fumo, que se ostenta no chapéu ou no braço, é o simbolo abreviado do *luto*. Seja esta ou aquela forma do simbolo, o referente não se altera.

Outro cânon ainda exige que o simbolo seja *atual*, quer dizer, deve referir-se àquilo a que, no momento, está intimamente conexo, muito embora, em outra situação, não seja tal. A *Cruz de Lorena* simboliza a resistência francêsa à invasão alemã. Foi sempre assim considerada? Não. Mas atualmente o é e isto basta: é um simbolo *atual*. A *foice* representou a *morte*; o *martelo*, talvez, a *força*. Ambos juntos, entrelaçados, passaram a simbolizar a Rússia Soviética: é um simbolo *atual*.

Outros cânones ainda há na "legislação" de Ogden e Richards e que não mencionamos aqui por não achá-los aplicáveis ao nosso estudo de semântica. As pessoas curiosas em conhecê-los, poderão encontrá-los na obra e local acima citados.

O simbolismo linguístico

O *sinal*, o *simbolo* linguístico, por excelência, é a *palavra*. Embora exista o simbolismo dos gestos, da mímica, consideramos a palavra, constituída de sons, representáveis por letras, como sendo o *simbolo real* da linguagem. Claro está que os gestos, os movimentos da fisionomia e outras circunstâncias externas podem concorrer para que o simbolo seja mais perfeitamente interpretado e a compreensão mais vividamente obtida. Tudo, porém, pressupõe o vocábulo. O elemento essencial desta espécie de sinais é o *som*: ouvida a palavra, se oral; lida, se escrita, os sentidos externos devem transmitir ao intellecto a *impressão* que irá despertar a *imagem* da cousa ou do fato de que a palavra é o simbolo. Obtida a imagem, sob a ação da intelligência, for-

ma-se a *idéia* que, tornada consciente, se transforma em *conceito*, dando-se a compreensão.

Todo este processo exige que o simbolo seja de ante-mão conhecido e com tantas experiências repetidas que a mera presença dêle, quase instantaneamente desperte a recordação do conhecimento já anteriormente conseguido. Por isto se diz que conhecer é recordar. Assim, em face da palavra *abacaxi*, instantaneamente, ouvidas as sílabas, compreendemos tudo, isto é, formamos o *contexto interno, psicológico*, a *imagem*, a *idéia*, o *conceito*, o *verbo interior*, ou como dizem os ingleses, o *engram* do objeto, da cousa, e tudo isto porque muitas vezes, em sucessivas experiências, o *contexto externo* do fruto, vindo através dos sentidos externos, criou em nossa inteligência o seu correspondente, aquêle *conceito psicológico* acima lembrado. A palavra *abacaxi*, simbolo da cousa, é agora suficiente para despertar todo êste processo de compreensão, estabelecendo, assim, referências entre a *cousa* e a *idéia*. Se a palavra já nos não for anteriormente conhecida, tal processo não se operará, não se dando portanto o conhecimento. E' o que nos acontece quando encontramos vocábulos novos, simbolos que ainda nos são desconhecidos.

Há, por conseguinte, no simbolo linguístico, dois elementos bem claros e distintos: o *físico, material*, representado pelos *sons* e o *intelectual, espiritual* ou *moral*, representado pela *significação*. Como foi que êstes dois elementos se reuniram, na história da humanidade, é mistério cuja solução ninguém poderá encontrar. Nada podemos saber quanto à origem do significado das primeiras palavras. As línguas consideradas mais antigas já se nos apresentam formadas, completas, com sistemas de simbolos capazes de transmitir idéias, emoções à comunidade que delas se serviu. A análise dos processos atuais é que poderá levar-nos a pensar que assim também sucedeu nêsse passado remoto da humanidade. Lá como aqui, o conjunto de sons, o vocábulo, pôde transformar-se em simbolo de um conceito ou de uma cousa pela relação psicológica existente entre a cousa representada e a representação dela, isto é, entre a imagem e a palavra. Desde que tal esforço psicológico, talvez, em sua origem, puramente individual, passou a ser aceito pela comunidade, passando, portanto, a ser social, surgiu a palavra. Os exemplos atuais esclarecem a suposição de que assim foi no passado. Os neologismos completos, que tiveram de ser forjados, sem apropriação de elementos pre-existentes na língua, representam um dos tipos criadores de vocábulos. Quando o sábio belga Van Helmont necessitou de um termo para designar o vapor que se desprendia dos líquidos fermentados e, não encontrando nenhum adequado, propôs a

combinação de sons *gás*, tinha-se operado a primeira parte do trabalho: a parte psicológica do indivíduo. Aceito que foi o termo pelos outros, veio a segunda parte: a social e criou-se a palavra. Outro tipo de neologismos, os incompletos, são mais comuns: apropriam-se elementos já existentes na língua materna, dando-lhes nova referência psicológica, ou se buscam elementos, nas línguas clássicas, forjando-se o termo novo dentro de certo padrão já conhecido, obedecendo à força da analogia. A designação de *matinée* para o espetáculo diurno foi substituída, no Brasil, por *vesperal*. Pertence o neologismo ao acadêmico dr. Cláudio de Sousa. Já existia *Vesper*, como *Vesperalis*. O primeiro era corrente em português: a estréla da tarde, do crepúsculo, hora em que termina o espetáculo designado pelos franceses com o adjetivo *matinée*. O adjetivo *vesperal* foi adaptado à designação destes espetáculos e apareceu a expressão completa: *espetáculo vesperal*, que se simplificou depois, dizendo-se apenas *vesperal*. Trabalho idêntico se passou com o neologismo *necrotério*, substituto do galicismo ainda hoje usado em Portugal: *morgue*. Fê-lo outro acadêmico, o dr. Taunay, recorrendo ao grego do qual tomou *necrós* mais o sufixo *térion*, seguindo formações já conhecidas como *batistério*, *monastério*, *cemitério*. Em todos estes e nos muitos outros exemplos que seria fácil citar, temos primeiramente o trabalho psicológico do indivíduo na adaptação do novo conjunto de sons à antiga referência psicológica; secundariamente, a aceitação do simbolo pela comunidade em que vive o indivíduo, isto é, a consagração da palavra pela sociedade. Este mesmo trabalho ter-se-ia dado nos tempos primitivos, originandose, desta forma, muitas palavras cujo nascimento apenas assim poderemos conjecturar. Tudo isto, entretanto, já supõe absoluto desenvolvimento psíquico do homem e a sua existência, mais ou menos, perfeita, socialmente considerada. O homem primitivo, porém, que já falava, a seu modo naturalmente, como teria operado para obter o primeiro e indispensável núcleo de palavras, de sons, de símbolos através dos quais lhe foi possível manter a sua incipiente vida de grupo social? São interrogações que não cabem nos estudos da mera linguística, pertencendo as hipóteses aos antropologistas.

O dr. Bronislau Malinowski, professor de Antropologia na Universidade de Londres, dá-nos a chave destes mistérios, estudando o problema da significação nas línguas primitivas, no extenso e interessante suplemento I, publicado na sexta edição da obra *The Meaning of Meaning* de Ogden e Richards. A linguagem nunca foi empregada pelos povos selvagens como espelho do seu pensamento, mas, como a expressão das suas necessidades de trabalho, dos atos de que dependia o bem estar da sua vida.

A linguagem é apenas um modo de ação e não um instrumento de reflexão. As palavras são empregadas quando podem produzir uma ação e não para descrevê-la e muito menos para traduzir pensamentos. Elas possuem, portanto, o poder intrínseco de efectuar a ação, a cousa e não encerram a definição de tais cousas e atos. Assim, observando indivíduos das ilhas Trobriand, na Melanésia, em plena ação marítima, na pesca de coral, notou Malinowski que as palavras de comando, de ordem, tais como: *arremesar! vamos! mais para longe! jogar a rede! etc.*, não significavam pensamentos, idéias, nem davam o modo de ser do ato, mas, eram os próprios atos, as próprias ações necessárias para o trabalho coletivo. Não traduziam, assim, idéias, pensamentos, mas, ações. A entoação da voz, o prolongamento de certas sílabas acentuadas, podiam mudar o efeito da palavra empregada. Tais sons usados nem sempre chegam a formar possível palavra, não passando de meros sons encentivadores, de interjeições, de apêlos à energia dos indivíduos.

Sem recorrermos a indígenas da Melanésia, podemos observar fatos similares nos trabalhos rudes e feitos em turmas, como transporte de pêsos, tração de redes, de barcos, levantamento de postes, mudanças de trilhos nas estradas de ferro. Quando todos os trabalhadores pegam nas cordas, nos cabos ou nos puxadores, o feitor, o dirigente da turma, comanda o esforço coletivo por meio de sons que não chegam também a formar palavras: *upa! e... e... .. á!* Não há idéia alguma contida nêstes sons: são ordens, são ações.

A evolução da linguagem infantil é ainda mais curiosa, reproduzindo os mesmos estados do homem selvagem. Os sons emitidos têm sempre uma finalidade utilitária que deve redundar no bem estar da criança e são provocados por um estado psico-fisiológico de necessidade: fome, frio, incômodo causado pela micção, etc. Tais sons não envolvem significação alguma, mas, são apenas índices de um estado geral, vago, indeterminado que deve ser removido. O choro da criança não se diferencia, não apresenta gamas próprias para quando está com fome ou quando está molhada. Dêste estado de mero *grito*, passa o infante, quando já evoluiu mentalmente, para o da *imitação* dos sons que percebe, dos movimentos que observa. Surge a *redução* do som emitido: *ma, ma; pa, pa; da, da; co, co; pi, pi, etc.* Já se está no domínio da *onomatopéia* que acompanha a vida infantil até muito tempo: *au, au; né, né; dlim, dlim; tic, tac, etc.*

O terceiro estágio, tanto da criança como do homem selvagem, é o *uso, a prática*. Quando o pescador de coral ouve a palavra *rede* e liga tal nome à cousa, ao objeto, o significado de tal

simbolo não lhe veio pela descrição do objeto, mas pelo uso que dêle sempre fez. Assim também o menino, que antes dizia *au, au* e agora liga o nome *cão* ao animal com que brinca, entra na posse dêste significado, não pela descrição do animal e sim pelo uso que dêle faz. No decorrer de tôda a nossa vida de adultos o uso, o conhecimento prático das cousas é que nos dão o significado das mesmas.

A velha teoria do grito e da interjeição

As idéias de Malinowski, antropologista dos nossos dias, idéias comprovadas pelos seus estudos científicos e modernos entre povos primitivos da Oceania, vêm renovar a velha e desprestigiada teoria do *grito*, da *interjeição*, como primeira fase da palavra; da *onomatopéia* como segunda tão bem exposta, em épocas já remotas, por André Lefèvre, professor de antropologia em Paris, no seu livro: *Les Races et Les Langues*, de 1890 e do famoso linguista W. D. Whitney, catedrático de Yale, em 1875, na sua obra: *A Vida da Linguagem*. Recordemos as palavras dêstes sábios tão injustamente criticados e que ressurgem nas experiências dos mais modernos:

“O fato, porém, é que a necessidade de comunicação foi sempre a força principal, determinante, que obrigou o homem a falar. Se assim foi, temos virtualmente resolvido, nas medidas da possibilidade, o problema da origem da linguagem. Descobrimos as bases e o carácter do seu desenvolvimento. O ponto de partida foram os *gritos* naturais pelos quais os homens exprimem os seus sentimentos e mutuamente se compreendem; refere-se isto ao ponto de partida da linguagem audível porque não podemos afirmar que tal tenha sido o único e mesmo o principal meio de expressão primitiva de tais homens. O gesto e a pantomima são também naturais e tão inteligíveis quanto o grito e, no estado primitivo da linguagem, os meios visíveis podem ter prevalecido muito tempo sobre os meios audíveis na expressão do sentimento. Não é possível, porém, que a natureza, tendo dado voz ao homem, não o tenha incitado a fazer uso dela.”

.....

“A linguagem audível começou, podemos dizer, quando um grito de dor, arrancado pelo sofrimento, compreendido e sentido pela simpatia, se viu repetido, por meio da *imitação*, não mais instintivamente e sim, intencionalmente, para significar *sofro, sofri*, ou *sofrerei*; quando um rugido de cólera, produzido primeiramente, de maneira direta, pela paixão, foi reproduzido, como desaprovação ou ameaça e assim por diante. Para o edificio futuro esta base bastava.”

.....

“Se entramos em acôrdo em que o desejo da comunicação é a causa da produção da linguagem e que a voz é o principal agente, não nos será nada difficil estabelecer outros pontos relativos ao primeiro período da história dessa linguagem. Tudo o que por si mesmo se apresentava como meio prático de entendimento, era immediatamente utilizado. Dissemos que a repetição intencional dos gritos naturais, reprodução cuja finalidade era expressar alguma cousa semelhante às sensações ou sentimentos, que tinham produzido tais gritos, foi o começo da linguagem. Isto não é, absolutamente, a articulação imitativa, a onomatopéia, mas, a tanto nos conduz e de tal modo se aproxima que a distinção, nêste ponto, é mais teórica do que real.

A reprodução dum grito é, verdadeiramente, a natureza da onomatopéia; serve para reproduzir secundariamente o que o grito significou diretamente. Logo que os homens adquiriram a consciência da necessidade da comunicação e que começaram a esforçar-se para realizá-la, alargou-se o dominio da imitação. E' o corolário immediato do princípio que acabamos de enunciar. Sendo a compreensão mútua o objetivo e os sons articulados os meios, as cousas audíveis serão as primeiras a ser expressas; se o meio fosse outro, as primeiras cousas representadas também teriam sido outras. Para servirmo-nos ainda uma vez dum antigo, mas, feliz exemplo, se quiséssemos dar a idéia de um cão, lançando mão do pincel, far-lhe-íamos o retrato; se o instrumento fosse o gesto, esforçar-nos-íamos por imitar algum dos seus atos visíveis, os mais característicos: morder ou agitar a cauda; se o nosso instrumento fosse a voz, diríamos *au, au*. Eis a explicação simples da importância que se deve attribuir à onomatopéia no primeiro período da linguagem.”

(*A Vida da Linguagem — Cap. XIV*).

O antropologista Lefèvre ainda é mais explicito em sua teoria. Para êste sábio francês, o primeiro estágio, nêsse remoto período da linguagem, o do *grito*, da *interjeição*, é comum ao homem selvagem e ao animal irracional. Este, pela ausência de reflexão, permaneceu no mesmo, ao passo que aquêle, à medida que a inteligência se positivava, que a consciência se fazia sentir, foi progredindo, combinando os sons. Antes que a combinação dos sons pudesse já permitir a imitação fonética dos rumores e ruidos circundantes da natureza, conseguiu o homem um segundo estágio: o *alongamento* e a *reduplicação do som*. Já havia certa intenção racional nêstes fenômenos, procurando o ser humano chamar, assim, a atenção do ouvinte, fazendo res-

saltar certos sons como os mais importantes, e, por isto mesmo, repetindo-os. E' o processo que ainda empregamos quando, numa interjeição de apêlo, nos demoramos em certa sílaba, prolongando-a: *êêê! ôôô!* Esta última, pela força da acentuação, deu, em português, a ditongação *ou!* A reduplicação, característico especial da linguagem infantil: *dô, dô; dó, dói; tó, tó; etc.*, ainda é visível em muitos vocábulos dos mais antigos como em *bárbaro, púrpura, titio, vovô, papá, bobo, etc.*

Outro recurso de grandes efeitos na linguagem primitiva foi a *entonação*, pela qual um mesmo som pode significar sentimentos diversos, é ainda hoje empregada por nós. Todas as línguas monossilábicas fazem largo uso d'este recurso como acontece com o chinês onde uma mesma palavra, ou melhor, um mesmo som, segundo a entonação que receber, mudará de significação.

O terceiro estágio, de plena imitação fonética, é a *onomatopéia*. A analogia e a metáfora completam o vocabulário, aplicando aos objetos do tacto, da vista, do odorato e do gosto, as qualidades derivadas da onomatopéia. Vêm então a razão que, afastando a maior parte dessas riquezas incômodas, adota um número mais, ou menos grande de sons já reduzidos a um sentido vago e genérico; depois, pela derivação, sufixação, composição, faz decorrer desses sons-raízes séries indefinidas de palavras, que mantêm entre si todos os graus de parentesco, desde os mais íntimos até os mais duvidosos e que a gramática distribuirá em categorias conhecidas sob o nome de partes do discurso."

(*Les Langues et Les Races — Cap. II*)

Se na Universidade de Londres o professor Bronislaw Malinowski, antropologista, confirma com seus estudos os estágios de que nos falaram Whitney e Lefèvre, no Rio de Janeiro, o professor A. Childe, antropologista do Museu Nacional, dá-nos o seu testemunho no assunto, comprovando também as mesmas fases pelas quais deve ter passado a humanidade na sua evolução fonética: o grito, a onomatopéia, enfim, a composição e a derivação vocabular dos dias plenamente evoluídos. Encontra-se o seu testemunho na introdução ao famoso estudo filológico sobre os nomes do *cão* desde a antiguidade até os nossos dias — Arquivos do Museu Nacional — vol. XXXIX — Rio — 1940. Pensa o ilustre professor Childe que os radicais primitivos, os gritos, deviam ser espontâneos e idênticos em todos os homens. *Dans le premier cas les radicaux primitifs devaient naître spontanément, identiques chez les différents hommes, comme les divers individus de la même espèce animale ont un cri identique dans les mêmes circonstances*" (Introd. I). Para outras espécies de palavras a origem seria já a onomatopéia, a imitação pelo

som produzido: “On peut et avec raison, pour une certaine classe de mots, invoquer une origine onomatopoiétique, le nom ayant imité le bruit de la chose ou de l'être.” (Idem-ibidem). Entre êstes dois estágios, os homens primitivos usariam gestos na expressão daquelas cousas e seres que não podem ser imitadas onomatopaicamente, como o sol, a lua, uma árvore: “Beaucoup d'objets que j'appellerai donc *silencieux* ont du être représentés à l'esprit humain par un geste, un concept manuel, avant d'avoir un nom parlé et quand celui-ci fut crée, il est alors logique de supposer qu'il désignait souvent l'objet primitif à travers sa représentation mimée” (Idem — 12).

Tratando do problema do restabelecimento primitivo da linguagem, discorre Childe, na pág. 13 da Introdução, confirmando toda a teoria de que atrás fizemos menção. Dá grande valor à onomatopéia e à interjeição que tiveram, no jogo criador das palavras, dos sinais sonoros, maior influência que qualquer outro meio imaginado: “Si l'on imagine les premiers débuts, il faut attribuer à l'onomatopée et à l'interjection une part plus grande qu'à toute autre influence.” Quando começou a linguagem? Quando dois seres humanos puderam servir-se destas onomatopéias como comunicação: “Le langage n'a commencé que lorsque deux êtres humains se sont servi de ces onomatopées comme de communication”.

Outros linguistas e antropólogos dentre os mais modernos, se se não aceitam todos êstes quadros evolutivos, que acabamos de citar, entram em acôrdo com tais mestres em muitos pontos. Vendryès, em seu conhecido livro *Le Lagange*, assim se exprime: “A linguagem humana não é menos natural que a dos animais, sendo apenas de grau superior porque o homem, tendo dado aos sinais um valor objetivo, pôde fazê-lo variar ao infinito pela convenção. A diferença entre a linguagem animal e humana está na apreciação da natureza do sinal. O cão, o macaco, o pássaro, fazem-se compreender pelos seus congêneres; possuem gritos, gestos, cantos, que correspondem a certos estados psíquicos de alegria, de medo, de desejo, de appetite; alguns dêsses gritos são tão bem apropriados a necessidades particulares que se poderia traduzi-los por uma frase humana. Entretanto, não emitem frase; os animais são incapazes de variar os elementos de seus gritos por complexos que sejam, como fazemos variar nossas palavras que são, na frase, elementos de substituição. Para êles não se distinguem palavras e frases. Há mais ainda: esta palavra, em si mesma, grito ou sinal, como se queira chamá-la, não tem valor objetivo independente. Não é também objeto de convenção e, por conseguinte, a linguagem animal não é susceptível de transformações nem de progressos; não há vestígios de que o

grito dos animais fosse diferente outrora do que é hoje. O passaro, que solta gritos para chamar a mão portadora duma folha de alface, não tem consciência do seu grito enquanto sinal. A linguagem animal implica a aderência do sinal e da cousa significada. Para que cesse a aderência e que tome o sinal valor independente do seu objeto é necessária uma operação psicológica, que é o ponto de partida da linguagem humana. (Le Lang. 14-15).

Ainda no estado atual das linguas plenamente desenvolvidas surgem palavras novas que são verdadeiros gritos ou já onomatopéias quando não meras reduplicações fonéticas, que bem provam que o recurso dos tempos primitivos é ainda empregado nos momentos iniciais de um novo estado fonético-psicológico, isto é, a formação de um novo sinal para uma nova cousa significada. O chamado telefônico *alô!* embora provenha da deformação fonética de *allons!* não passa, hoje, de um grito de apêlo. O ruído próprio da máquina fotográfica ao abrir-se e fechar-se da objetiva, ato característico da operação, deu origem a *Kodak*, marca de uma das mais conhecidas máquinas de fotografia. A reflexão humana conseguiu abstrair o sinal da cousa significada, ou como acima disse Vendryès, conseguiu separar a *aderência* existente entre ambos e hoje *alô!* serve para qualquer apêlo ainda que não seja telefônico e *kodak* designa qualquer máquina fotográfica, seja lá qual for a sua marca e origem.

Nem todos, porém, como já dissemos, são desta opinião, rejeitando a teoria do grito inicial, da reduplicação fonética, da onomatopéia enfim. Entre os mais modernos encontramos Eduardo Sapir que tal teoria combate em sua obra *Language*. Só existe linguagem na opinião deste autor, quando há simbolismo e os gritos de emoção, sejam de alegria ou de dôr, meramente, instintivos, não são, de fato, símbolos de tais emoções: "This is well-known observation that under the stress of emotion, say of a sudden twing of pain or of unbridled joy, we do involuntarily give utterence to sounds that the hearer interprets as indicative of the emotion itself. But there is all the difference in the world between sund involuntarily expression of feeling and the normal type of communication of ideas that is speech. The former kind of utterence is indeed instinctive, but it is non-symbolic; in other words, the sound of pain or the sound of joy does not, as such, indicate the emotion, it does not stand aloof, as it were, and announce that such and such an emotion is being felt.

.....

Moreover, such instinctive cries hardly constitute communication in any strict sense. They are not addressed to any one,

they are merely overheard, if heard at all, as the bark of a dog, the sound of approaching footsteps, or the rustling of the wind is heard. If they convey certain ideas to the hearer, it is only in the very general sense in which any and every sound or even any phenomenon in our environment may be said to convey an idea to the perceiving mind. If the involuntary cry of pain which is conventionally represented by "Oh!" be looked upon as a true speech symbol equivalent to some such idea as "I am in great pain", it is just as allowable to interpret the appearance of clouds as an equivalent symbol that carries the definite message "It is likely to rain". (pg. 3).

Contra a teoria das interjeições ou dos gritos-raizes de que nos falou Childe, escreve longamente Sapir: "Interjections are among the least important of speech elements. Their discussion is valuable mainly because it can be shown that even they, avowedly the nearest of all language sounds to instinctive utterance are only superficially of an instinctive nature. Were it therefore possible to demonstrate that the whole of language is traceable, in its ultimate historical and psychological foundations to the interjections, it would still not follow that language is an instinctive activity. But as a matter of fact all attempts so to explain the origin of speech have been fruitless. There is no tangible evidence, historical or otherwise, tending to show that the mass of speech elements and speech processes has evolved out of the interjections. These are a very small and functionally insignificant proportion of the vocabulary of language; at no time and in no linguistic province that we have record of do we see a noticeable tendency towards their elaboration into the primary warp and woof of language. They are never more, at best, than a decorative edging to the ample, complex fabric." (5).

Em todo este capítulo do qual transcrevemos estes dois extensos excertos, Sapir se esforça por destruir as teorias fonéticas amplamente expostas nas páginas precedentes. Vê-se contudo que por maiores esforços feitos, admite que depois da fase meramente instintiva, durante a qual o grito humano é da mesma qualidade que a voz do animal irracional, outro se segue, não já instintivo, mas, refletido, convencional, em que tal grito de alegria ou de sofrimento é simbolizado por "Oh!" ou por "Uih!". E' justamente isto que ensinam Lefèvre, Whitney e Vendryès. Chegados a este ponto comum, o homem e o irracional se afastaram justamente porque aquêle, separando a *adequência* que havia entre o sinal e a coisa assinalada, pôde variar o significado dos símbolos, atribuindo-lhes novas referências de acôrdo com a convenção social, o que não foi ainda possível aos irracionais. Quando ataca a teoria das interjeições, achando que

todo o complexo material linguístico não poderia ter evoluído de tão pequenos fundamentos e que estes são apenas filetes decorativos destinados a uma ampla e complexa construção, sem o querer, está Sapir conosco, porque nenhum dos que admitimos a teoria onomatopaica, imitativa, jamais afirmou que todo o complexo material linguístico tenha saído das interjeições, nem das onomatopéias, nem dos gritos. Estas foram as primeiras fontes de que se serviu o homem na sua expressão idiomática; mas quando adquiriu a reflexão, a capacidade de abstrair, de comparar, de agrupar fatos semelhantes sob a lei da analogia, etc., entrou a razão em campo, a inventiva própria do ser racional e, pouco a pouco, foi sendo construído essa ampla e complexa fábrica de que fala Sapir onde as interjeições não são apenas meros frisos, e sim, fundamentos preciosos. As conclusões de Sapir são muito maiores do que lhe permitiam as premissas e como foi sempre dos seus hábitos confunde os dados do problema, exagera o lado que lhe não agrada para depois atribuir aos adversários conclusões com as quais nunca sonharam. Não são mais fundamentados nem menos exagerados os ataques que faz, páginas adiante, contra a onomatopéia. Seus argumentos, porém, não convencem e vê-se que há mais palavras do que idéias. Muito longe do que pensam alguns, a teoria do grito, representada pelas interjeições e a da imitação, representada pelas onomatopéias, aparecem nos tratados mais recentes de semântica, por exemplo, no livro de A. Carnoy, professor de Louvain: *La Science du Mot*. No capítulo III, trata o autor das interjeições, começando por dizer:

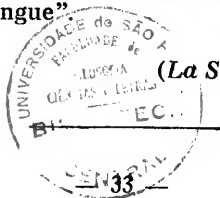
“Si l'on rassemble les mots “premiers” qui ont apparu de notre temps ou dans des périodes récentes, on s'aperçoit qu'ils appartiennent à quelques catégories bien déterminées. Tout d'abord, l'on a des *interjections* ou syllabes “réflexes” (plus ou moins régularisés par l'usage) émises en relation avec quelques état d'âme, quelque sensation ou besoin “(pg. 20). Em seguida, demonstra muito bem como tais interjeições, depois que a inteligência humana pôde adiantar-se na abstração do universal, deram origem a infinitas séries de palavras. A interjeição *ahan* deu origem a *ahanner*, em francês: a *afanar-se*, em português; a *affanarsi*, em italiano; *Zu*, em espanhol, *çu* em português, hoje escrito *su*, e aproximado ao latim *sus!* motivou *azuzar*, em castelhano, *açular*, em nossa língua. Da imitação fonética quer simples, quer reduplicada, característica principal da linguagem infantil, repontaram, em todas as línguas, numerosas palavras. Se em sânscrito, galo é *kukuta*; *coq*, em francês, temos *cocoricó*, em português e *kikiriki* em italiano. Foi do acalanto latino *ninna*, *nanna* que saiu *nino*, em italiano; *niño* em espanhol,

prendendo-se à mesma origem o italiano *nano*, o castelhano *ne-no* e o nosso *nenê*. Fazer *nana* ou simplesmente *nanar* quer dizer dormir, na linguagem das crianças. Numerosíssimas palavras cuja etimologia vagamente se procura, não passam de movimentos imitativos, traduzíveis por sons: *bobo*, *gago*, *momo*, *fofo*, *mamã*, *papá*, *bufo*, *bafo*, *vovô*, *vovó* ou em italiano: *papá*, *mamá*, *babbo*, *bimbo*.

São de tal maneira espontâneas e comuns em todos os idiomas tais imitações que o grande psicólogo Wundt lhes deu o nome de *leis naturais*. Não sabemos como é que Sapir teve a coragem de afirmar que tais imitações e muito menos as onomatopéias não se encontram senão muito raramente nas línguas civilizadas, havendo algumas indígenas que as desconhecem completamente! Basta atentarmos nas mais recentes criações vocabulares para certificar-nos do número sempre crescente de tais harmonias imitativas. Em nosso idioma são recentíssimas as inovações conhecidas como *fonfonar*, *chispar*, no sentido de correr em grande velocidade, *claxonar*, *ronronar*, *pinguepongar*, servindo de farta documentação a prosa dos nossos poetas que tiram grandes efeitos da onomatopéia, como se verifica em Martins Fontes, na sua formosa conferência “*Dança*”:

“No *dongolodrom* dos adufes, no *trastalastrás* das castanholas, as bandurras malaguenhas repinicam com frenesi, enquanto mil comentários fazem gargalhar a assembléia. *Zumbem*, *zunem* os *tambús* e os *urucungos*, *zinem* birimbaus, gritam *estridulos* apitos, *troam* tambores, *reco-recos* e timbales, ouvem-se *chios* de chinelos e de caixas, *cascabelhadas* de *chocalhos rechuchados*, *ringidos* e *remugidos rouquidos* e *zangareios*, *gulhos* de cangueiras e de *canzás*, *rascantes* sóidos arranhados de *gazás*, ressons de *murmurés*, de *puitas* e de marimbas, *zonzons* de embeaxós.” (págs. 60-61).

Fundadamente, portanto, escreve Carnoy: “Si l’onomatopée joue un rôle si important dans la production du langage, si elle continue à travailler celui-ci, si elle aide à la compréhension ou même si elle influence les sens des mots, elle ne constitue pas un élément essentiel d’une langue constituée. Cette observation n’est nullement en contradiction avec la thèse faisant remonter aux *Naturlaute* on aux anomatopées de divers ordres les premiers éléments du langage. Elle montre au contraire, comment en partant de ces faibles débuts, on peut an arriver au vaste bagage lexicologique d’une langue”



CAPITULO III

O conteúdo psíquico da palavra — Graff e Dauzat — A imagem verbal — Lingua e fala — A seleção dos símbolos — Os elementos constitutivos da palavra — As variações fonéticas e a semântica — A etimologia — Princípios científicos desta ciência — A etimologia e a semântica — Auxílios mútuos — Conselhos de Weecley e Marouzeau.

A palavra é uma entidade fonético-psicológica, diz Graff, ou apenas a união passageira duma idéia a um som ou a uma série de sons, afirma Dauzat. Ambas as definições se reduzem a uma única: só existe o vocábulo quando ao conjunto fonético, representado por letras, se escrito, corresponde, da parte de quem fala e de quem escuta, uma idéia, um conceito. O conjunto sonoro é o simbolo da idéia, da emoção, a cousa ou objeto simbolizados. Enquanto existir esta relação de simbolo existirá a palavra que perderá a existência no momento em que o seu conjunto sonoro não despertar mais conceito algum.

O grupo de sons *urso* é uma palavra porque, ao ouvi-lo, ao lê-lo, temos imediatamente despertado em nós a idéia do animal por tal nome designado. Mas o grupo *osso*, forma fonética a que havia chegado o latim *ursum*, já não nos desperta a mesma idéia daquêlê animal e sim, a de *osso*, do latim *ossum*, com o qual se confundiu foneticamente. No sentido, portanto, de *urso*, o vocábulo arcaico deixou de existir porque entre o grupo fonético e a parte psicológica do homem, não existe mais a correspondência de simbolo e simbolizado.

Esta contínua relação entre um conceito, uma idéia, uma emoção, e o grupo de sons que os representa, cria no homem um hábito psicológico de simbolização e de referência, cuja séde está na própria mente humana. De início, pode-se admitir que tal referência psicológica entre simbolo e simbolizado fosse meramente individual. Comunicada, porém, à comunidade, aceita pela maioria da sociedade, pelo tácito convênio do uso, entrou para os domínios da linguagem. Tal suposição é legítima porque assim se passa, hoje, com os neologismos que logram a fortuna de longa vida. O aparecimento, portanto, de um vocábulo é um trabalho fonético-psicológico-social.

Na estimativa dos psicólogos, o conceito precede ao simbolo sonoro: há primeiro a *imagem verbal*, verdadeira unidade psíquica, anterior à formação do grupo fonético que a representará. Sómente quando êstes dois elementos existem e entre ambos se processa a referência de simbolização é que aparece a *palavra*. (*Vendryès - Lang.* 78). Esta é, pois, uma entidade de dupla coalescência: física, material, enquanto se manifesta, exteriormente, pelos sons; intelectual, psíquica, enquanto é produção do

espírito humano. Só realmente merece a qualificação de *palavra* enquanto existe a dupla coalescência *fonético-psicológico* e a sagração definitiva, *social*, pela aceitação da comunidade falante.

Se a essência da palavra reside nessa relação viva entre o vocábulo sonoro e a imagem verbal, entre o símbolo e o simbolizado, claro está que, alterando-se esta relação de simbologia, alterar-se-á também a palavra. Por isto disse Graff: "Uma alteração no vocabulário é, pois, nada mais que uma alteração nos hábitos de simbolização e de referência de um grupo de sociedade humana" (Lang. and Langs. 292). Esta variação de referência, geralmente, não depende das modificações fonéticas da palavra, mas, exsurge da frase, do contexto morfológico-sintático através do qual se expressa o pensamento. Somente na *fala* é que encontramos estas variações, por vezes, excessivamente, subtis, que se prendem ao contexto e não nos dicionários onde as palavras existem arrancadas do seu meio vivo, meramente, catalogadas como elementos da *língua* e não da *fala*. O vocábulo *osso* existe nos dicionários arcaicos; pertence, por conseguinte, ao estoque da língua portuguesa. Mas como já não desperta mais em quem o lê a imagem verbal de *urso*, não é mais uma palavra viva, não pertence mais à *fala* portuguesa. Sim, porque é necessário distinguir entre *língua* e *fala*: esta é aquella em plena e atual atividade. Os elementos são os mesmos: quanto a estes, a *língua* abrange a *fala* porque esta se serve dos vocábulos daquela. Mas, sendo a *fala* uma atividade e a *língua* apenas o conjunto de sinais com que se entende a sociedade, diferem muito entre si de acôrdo com a força modificadora do contexto. Este é o elemento que transforma a *língua* em *fala*. Estes vocábulos: *negro*, *bêbado*, pertencem à língua e possuem significado próprio. Pronunciados, porém, do alto do púlpito, por pregador que esteja fazendo o panegírico de S. Benedito, impressionam muito mais e podem provocar revolta por parte dos ouvintes devotos do santo: "S. Benedito, êsse *negro* e *bêbado*..." O aumento da significação pode ir até o ponto de provocar a repulsa franca e declarada dos fieis e donde veio êle? do contexto, das circunstâncias: o local, o momento, a presença da imagem venerada. Todo o horror da frase desaparecerá se o orador continuar, explicando que era *negro* porque se queimara nas chamas do amor divino e era *bêbado* porque vivia enebriado na contemplação de Deus.

A Seleção dos Símbolos

Se é verdade que a palavra só existe quando entre o grupo sonoro e o conceito se estabelece íntima referência, poder-se-á exigir que a cada imagem verbal corresponda, externamente, um símbolo fonético, um vocábulo. Tal necessidade não é essencial nem verificável porque é dotado o homem de um alto senso seccionador e econômico de tais símbolos. A mente humana, pelos hábitos hereditários, sabe relacionar com um único vocábulo várias imagens verbais, estabelecendo entre êles pequeninas e subtis diferenciações psíquicas, todas fundamentalmente iguais, porém, matizadas diferentemente. Tais matizes expressam as alterações nos hábitos de simbolização e de referência dos grupos sociais. Ao símbolo fonético *trabalho* correspondem variadas acepções segundo o emprego o agricultor, o estudante, o ginecologista, o sacerdote, o artista, o gatuno. Para o primeiro *trabalho* será um desenvolvimento de energia física no amanho da terra e no plantio da sementeira; para o segundo, o é de energias intelectuais; para o terceiro, será o processo mais ou menos demorado do parto; o quarto, tratar-se-á apenas de uma fadiga espiritual, ao passo que o “fóra da lei” entende simplesmente o roubo, o furto. Para o artista ainda é mais complexo o conceito: envolve a concepção e a execução da obra de arte, o trabalho criador e o modelador.

Conforme o tempo e o meio social, tal alteração na referência do símbolo ao simbolizado pode ser tal que o mesmo sinal fonético venha a designar conceito inteiramente oposto. E’ o caso de *apricum* — *abrigo* — que, pelo semantema se prende a *aperire*, *apertum*, e indica atualmente lugar fechado. E’ caso ainda de *aperitivum*, do mesmo semantema, sinónimo outrora de purgante, conceito que hoje perdeu para significar apenas *beberete*.

Dos dois elementos, por conseguinte, de que se forma a palavra, o mais variável e difícil de fixação é o psíquico. Pode-se, contudo, perguntar se também as variações fonéticas incluem variações conceituais? Em regra geral, não. Noventa por cento dos vocabulários românicos prendem-se ao latino, acomodado à fonética própria de cada língua. As alterações, por vezes, são tão profundas que, à primeira vista, não se reconhece a filiação. A um leigo não lhe parecerá que *illum*, *illam* tenham evoluído em *il*, *le*, *la*, *o*, *a*. Dizer-se que *sadio* seja resultante de *sanativum*, que *viagem*, *viache*, *voyage*, *viaje*, *viaggio* são alterações de *viaticum* surpreenderá aos não iniciados nêstes assuntos. Apesar de tão profundas modificações sônicas, o conteúdo psíquico é ainda o mesmo. Algumas vezes, porém, por diversas causas que

serão expostas em seu lugar oportuno, há modificações também no elemento significante, segundo o estágio evolutivo do vocábulo foneticamente considerado. Se *manga*, *mácula*, *mancha*, *malha*, *mágua* se baseiam em *maculam*, damos a cada uma destas formas divergentes o seu matiz próprio: *mácula* e *mágua* são sempre morais, afetivas: Um coração *maguado*, a *mácula* de uma reputação. *Manga* e *malha* são sempre físicas, materiais: As *malhas* de um cão — Uma *manga* de chuva — *Mancha* abrange ambos os sentidos: Um nome que tem *manchas* — As *manchas* de uma roupa. Mas como se depreende; há sempre um fundo comum de significação que a sociedade especializa nos diversos campos da linguagem.

A Etimologia

Justamente por causa de tais transformações fonéticas serem tão profundas ao ponto de não nos ser possível, imediatamente, determinar a procedência histórica dos vocábulos, foi que se fundou a etimologia, a ciência que tem por objetivo primeiro estabelecer a origem do vocabulário. Tem sido a maior atração e também a maior desilusão da humanidade porque os homens, seduzidos pelo mistério das palavras, tentaram sempre resolvê-lo sem contudo estarem preparados para tal labor científico. A maioria deixou-se levar pelas falsas aparências fonéticas, descobrindo absurdos que ainda são repetidos pelos incautos.

O trabalho etimológico requer profundos conhecimentos da ciência da fonética, hábil e seguro manejo das leis ou das fórmulas que regem a evolução do som dentro da sua época histórica, limitada pela analogia que lhe abre exceções e pela necessidade dos empréstimos vocabulares sempre tardios e já imunes do contágio fonético. Nem tudo isto basta: o elemento psíquico é essencial: se a *maculam* prendemos *mancha*, se a *illam* o artigo feminino *a*, palavras que pequeninas lembranças fonéticas ainda relacionam com seus étimos, a significação continua quase inalterável e quando também este elemento psíquico se altera, urge conhecer os fatores sociais que tal alteração produziram. Supõe-se, portanto, no estimolgista largo e familiar conhecimento da evolução histórica da língua cuja etimologia estuda, dos seus estádios sociais cujas alterações vieram modificar o conceito do vocábulo. Requer-se ainda dêle que conheça além das línguas clássicas, grego e latim, também as românicas porque a contra-

prova duma etimologia advém da comparação linguística. Infelizmente a quase totalidade dos que a tão difícil tarefa se entregam, não está de posse dos conhecimentos acima exigidos, guiando-se apenas pela imaginação, o pior guia da ciência. Nada, pois, de admirar que espíritos primários afirmem que *farra* vem de *fanfarra*, ignorando o tema *far* encontrável em *far-ina-far-reus*, *far-inha*, *far-rancho*, — isto é, *trigo*, o que nem em sonho pode existir em *fanfarra*. Assim também derivar *chué* do tupi: aparece o termo nesta língua geral do Brasil e também no árabe. Devemos tomar então como princípio solucionador o cânon de Skeat que exige o contacto social e geográfico. Se encontramos o vocábulo na língua portugueza antes do descobrimento do Brasil, claro está que o empréstimo é árabe e não tupi. Ora, já nas “Origens Arábicas” de Frei João de Sousa, que do nosso país nada conhecia, mas, missionara em terras de mouros e falava a língua deles, o vocábulo está registrado. Não pode, portanto, haver dúvida ainda mais que a semântica do termo tupi é bem diferente: *lerdo*, *vagoroso* — quando por *chué* entendemos coisa de pouco valor: um baile *chué*, um livro *chué*, — justamente como se acha em árabe. A fantasia e a parte fonética são maus auxiliares etimológicos quando desajudados da parte intelectual, a significação. Podemos verificar isto ainda com um exemplo bem moderno: a expressão adverbial, brasileira, *à bessa* — isto é, em grande quantidade: dinheiro *à bessa*, flores *à bessa*. João Ribeiro explicou-a como sendo uma adverbialização de um antropónimo. Havia, disse êle, no Rio, um fulano de tal *Bessa*, muito gastador. Tudo o que fazia era *à grande* e daqui a expressão: *à Bessa*, *à moda* do fulano Bessa, e depois, vulgarizando-se o dito, passou simplesmente *à bessa*. Seria necessário que tal fulano fosse fantasticamente perdulário e mais do que isso, fantasticamente popular, numa cidade tão grande como o Rio de Janeiro para que ficasse como o protótipo do esbanjador, espalhando-se a fama por todo o país. Tudo isto é inadmissível. Depois, já conheceu a língua arcaica a expressão *abesso*, que Viterbo, em seu “Elucidário”, interpreta como sendo: sem razão, desordem, sem medida. A forma atual *à bessa* é apenas uma variante fonética e inclui o engano de pensar que o *a* seja preposição, com o alargamento do sentido primitivo: de *sem razão*, *sem ordem*, passou a significar *sem medida*.

Mas ainda quando a etimologia é certa, a semântica não deve tomá-la muito *à risca* porque uma cousa é a palavra na língua e outra na fala, como já ficou atrás explicado, e, somente a última interessa à ciência da significação. Os dicionários etimológicos registram a origem, por assim dizer, teórica, do vocábulo: *formidável* provém do latim *formidabile* e como o semelhante

diz *formid* (*formido*) é o que incute medo, pavor. Como então explicar que o povo diga: um doce *formidável* de bom? — Só a compreensão da nova referência entre o vocábulo e o conceito poderá explicar a amplificação do significado. Quer isto dizer que, na atividade da fala, do comércio intelectual dos homens, a etimologia ainda quando verdadeira, não deve ser tomada rigorosamente. A etimologia trabalha para a língua e a semântica vive da fala. Desta maneira, não achamos correto que certos escritores atuais, discípulos de Unamuno, empreguem a palavra *agônico* no primitivo sentido etimológico do grego: *lutador, agressivo, combativo, polemista*. Desde que o cristianismo criou novas relações de simbologia, tomando *agonia, agônico*, na esfera espiritual do último combate da vida, aquela primitiva significação, etimológica, desapareceu. A semântica é uma ciência histórica, sim, enquanto toma em consideração as diversas mutações hávidas no significado das palavras, mas, é sobretudo ciência atual, registradora da última simbolização, da última relação que a sociedade aceita entre a palavra, símbolo externo, e a idéia, imagem verbal, interna. Muitas vezes a semântica serve de auxiliar seguro à etimologia: duas formas vocabulares, foneticamente, diferentes, mas, conservando a mesma significação, já possuem neste fato psíquico a possibilidade de origem comum. Por isto é que, os etimologistas bem avisados caminham em seus trabalhos amparados a estes dois critérios: o fonético e o semântico, dando sempre maior valor ao derradeiro. O conselho de Weecley deve ser sempre recomendado aos etimologistas: “The history of a word has to be studied from the double point of view of sounds and sense, or, to use more technical terms, phonetics and semantics.” (The Romance of the words — 54). Aos desvairados fazedores de explicações etimológicas lembramos as palavras de J. Marouzeau: “...l'étymologie n'offre que trop de tentations, et si je voulais en traiter ici, ce serait pour conseiller aux maitres qui la pratiquent la plus extrême prudence... La plupart des erreurs largement répandues sur la nature du langage et sur l'histoire des langues sont dues à une pratique simpliste et fantaisiste de l'étymologie. L'étymologie est le point faible de la forteresse linguistique; elle est la brèche par laquelle les non-initiés s'introduisent dans la place ou ils exercent tant de ravages.” (La Linguistique et l'enseignement du latin” — 27).

CAPÍTULO IV

São inconscientes os fenómenos semânticos? Opinião de Bréal, Victor Henry, Dauzat, Carnoy — Incongruências e contradições dos neogramáticos — Argumento pro-consciência dos fenómenos semânticos.

São incoscientes os fenómenos semânticos?

Larga é a discussão neste campo quase impalpável da semântica. Se a maioria pende a admitir a incoscência de tais fenómenos, muitos não aceitam tal solução a começar pelo fundador da ciência da significação, Bréal, que admitia pelo menos uma obscura vontade a dirigir todo o mecanismo psíquico. Outros afirmam claramente a consciência, a determinada reflexão do homem no emprego de tal e tal vocábulo com este ou aquêl significado.

Não há negar que tais fenómenos são conscientes. Admitida a teoria de que o primeiro núcleo vocabular da língua foi efeito do grito, que depois, passando pela fase da acentuação e da duplicação, atingiu a imitação na onomatopéia, desenvolvendo-se finalmente sob a influência criadora da analogia, necessário se faz admitir a intervenção da vontade refletida que operou, rumo à perfeição da expressão vocabular. Se é verdade, como atrás ficou dito, que a palavra só existe quando o espírito humano é capaz de abstrair o conceito, arrancando-o dos seus limites puramente individuais para transformá-lo num conceito geral, aplicável, pois, a muitas outras entidades com as quais mantenha pontos de contacto e sucessão de idéias semelhantes, claro há de ser que houve em todo este trabalho intelectual, analógico, a intervenção de uma vontade consciente. Tal é o exemplo de *Kodak*, mera onomatopéia com a qual o fabricante de certa máquina fotográfica identificava a sua, em particular, singularmente, considerada. Hoje, porém, *Kodak* é sinónimo geral de *máquina fotográfica*, seja qual seja a marca, o formato que tenha. E' o caso a que se refere Bailly: *cão*, diz o autor, para a criança que começa a falar, é nome singular, individualmente ligado ao cão com o qual tal criança brinca, propriedade doméstica. Só mais tarde, generaliza o termo, applicando-o a todos os espécimens caninos.

A confusão está em que, adquirido o hábito semântico, por isto mesmo que é hábito, se torna incosciente, no sentido de reflexo. Não quer dizer que no início fosse também assim. Vê-se claramente o trabalho da vontade, a reflexão consciente no aprendizado de um idioma estrangeiro: enquanto não se tem o hábito de falar esta língua, cada palavra é empregada depois du-

ma procura mental, cada vez mais rápida, afim de empregá-la o mais corretamente possível, portanto, conscientemente. A' medida, porém, que se vai obtendo o domínio do idioma, o emprêgo de tais palavras progride em rapidez, tornando-se habitual, diminuindo cada vez mais a necessidade da reflexão, da intenção seletiva até se tornar o trabalho puramente mecânico, inconsciente. A aquisição de qualquer língua, seja embora a materna, é feita, assim, pelo aprendizado, pela convivência, entrando muito de hereditariedade. Se trasladarmos as operações acima consideradas, relativas ao aprendizado do idioma estrangeiro, ao início da linguagem, fácil nos será capacitar-nos da existência, não só de uma "obscura vontade" como afirmou timidamente Bréal, e sim, de uma determinada volição consciente por parte dos primeiros individuos humanos.

Os que defendem a inconsciência dos fenómenos semânticos, como os neo-gramáticos, discutem o assunto fora de seus limites determinados. Quando se diz "fenómeno semântico", entende-se o vocábulo enquanto simbolo, enquanto sinal de conceito, de imagem verbal, produzida pela impressão da cousa considerada. Tais linguistas, entretanto, quando querem negar a consciência de tais alterações de simbologia, afirmam que a formação das conjugações verbais, da ordem das palavras na frase, das alterações gramaticais são operadas inconscientemente. Ora, êste não é o campo, o domínio da semântica, mas, da morfologia, da sintaxe, e ambas não passam de consequências das variações fonéticas do vocábulo e não do sentido do mesmo.

Dauzat é um destes ingênuos: "Il suffit, pour s'en convaincre (de l'inconscience des phénomènes sémantiques) d'observer à ce sujet les paysans, chez lesquels il ne vient jamais à l'esprit de faire des réflexions grammaticales sur leur patois; demandez-leur de conjuguer un verbe dont ils se servent quotidiennement, ils en seront incapables, et cependant ils n'hésiteront ni ne se tromperont jamais lorsque chacune des formes verbales se présentera à eux au cours de la conversation." (La Vie du Langage — 101). Victor Henry é outro: "Notre langue maternelle, nous la savions virtuellement avant de naître: je veux dire que les tours de phrase, l'ordre des mots et conséquemment l'agencement des idées constituent un fond linguistique et logique, qui par atavisme doit se transmettre du cerveau de l'ancêtre à celui de ses descendants" (Antinomies — 58). Tudo isto confirma o que já escrevemos: no estado atual em que manejamos a língua e usamos o vocabulário de modo puramente habitual, todo êste trabalho se tornou, por isso mesmo que habitual, inconsciente. Mas não foi sempre assim e quando se discute a questão, toma-se em vista o primeiro núcleo vocabular da linguagem. Que

nesta fase fosse absolutamente necessária a determinação da vontade, vemos ainda hoje na introdução dos neologismos, como atrás dissemos de *kodak*. A afirmação de Vitor Hery de que antes de nascer já sabemos a nossa língua materna é asneira e das grossas porque ainda a língua materna exige o aprendizado e tão longo que dura a vida inteira. Se um menino brasileiro for educado e crescer em meio estrangeiro, aprenderá a língua do seu meio de criação e esta lhe será a língua materna. Se regressar ao meio brasileiro, deverá aprender o português como qualquer estrangeiro o faz.

Estes mesmos autores, que tão confusamente encaram o problema dos fenómenos semânticos, aceitam que na literatura, na pena de um artista, existe a vontade consciente a escolher, a procurar o melhor simbolo sonoro para a sua imagem verbal. Eis a confissão de Dauzat: “Il n'en faut point conclure qu'il ne faille rien retenir de la première (a opinião de que os fenómenos são conscientes). S'il est absolument certain, comme le déclarait Victor Henry, que tous les phénomènes morphologiques sont inconscients, que les changements dans la conjugaison ou la derivation s'opèrent à notre insu, en revanche la volonté peut entrer en ligne de compte dès qu'il s'agit du sens des mots, des locutions, des comparaisons, des métaphores” (Idem — 102). Mas não é só no domínio da literatura, como quer insinuar o autor, que a vontade intervém, formando as metáforas: toda a linguagem humana é um continuo tecido de metáforas e se, hoje, a maioria de tais comparações já nos escapa, é que, de tanto empregá-las, já se tornaram inconscientes para nós. Basta, porém, pequena reflexão sobre as palavras, expressões, para que imediatamente surjam as comparações, as metáforas. Experimente-se com estas poucas: a chuva *apagou* o pó dos caminhos — Choveu na *boca* da noite — Os corvos *penetravam*, lutando contra a tempestade — Com a enchente, desapareceu o *braço* de terra e tudo ficou que nem um *espelho* — etc.

Se os fenómenos semânticos fossem inconscientes, meramente reflexos, puramente mecânicos, tais como são os fonéticos, poderiam ser regularizados e submetidos a princípios gerais, como acontece no domínio dos sons. Quem, entretanto, já conseguiu descobrir e formular leis semânticas, como já se descobriram e se formularam leis fonéticas? E' o mesmo ingênuo Dauzat quem nos ministra argumentos para combatê-lo: “En revanche, si ces phénomènes sont inconscients, ils presenteront les mêmes caractères de spontanéité et de constance que les modifications phonétiques; dus à de causes générales, ils seront soumis à des lois fixes et précises, qu'une analyse méthodique et patiente permeta, avec lex temps, de déterminer” (Idem 99). O único princí-

pio diretor de tais alterações semânticas é a analogia. Mas a analogia é puramente consciente porque fundada na percepção das idéias, na sucessão das mesmas, na comparação estabelecida entre elas, aproximando-as mutuamente. Logo, tais fenómenos, ipso facto de não poderem ser regulamentados por princípios gerais e terem base na analogia, são conscientes.

A. Carnoy, tratando deste mesmo assunto, admite a intervenção da vontade consciente do homem toda vez que lhe esteja dentro da sua finalidade dar maior realce, maior vigor ao termo empregado, substituindo-o por outro que a tal fim convenha. Tais são as metáforas. Dar-se-á a mesma intervenção consciente da vontade quando a pessoa quizer diminuir o efeito desagradável do vocábulo, substituindo-o por perifrases e modos de dizer como acontece nos casos de eufemismo. As palavras do professor belga são bem claras: “Ce travail intellectuel de *substitution* pour un but *spécial*, suppose un degré plus ou moins grand de conscience chez celui qui s’y livre.” (La Science du Mot — 93).

Depois de tantos argumentos e de tantas autoridades, pensamos que podemos defender a opinião de que os fenómenos semânticos são conscientes.

CAPÍTULO V

A renovação do vocabulário — Composição e derivação — Tipos de composição — Os empréstimos — Opinião dos linguístas — Opinião sui-generis de Meillet — Causas do empréstimo — Como tratá-los — Consequências para a semântica.

Exercises in Reading, Writing & Learning

A Renovação do Vocabulário

A renovação do vocabulário das línguas é um constante operar exatamente comparável à continua substituição dos homens na sociedade: assim como o número de nascimentos é sempre superior ao de falecimentos, condição primeira da vitalidade de um povo, também nos domínios vocabulares maior é o aparecimento de novos termos que o desaparecimento de antigos. Se compararmos o léxico das poesias trovadorescas com o camoniano, veremos a superioridade indiscutível dêste, muito embora já não empregue numerosas palavras da lírica medieval. Mas a superioridade vocabular de Coelho Neto sobre a riqueza verbal de Bernardes é cousa que assombra.

No início da linguagem, quando se forjava o primeiro estoque de palavras, numerosas interjeições e reduplicações existiram de que as atuais são meros vestígios. Ainda hoje, aqui é ali, vemos surgirem vocábulos assim feitos e, portanto, forjados de um só jacto, inteiramente novos: *zigue-zague, fonfon, reco-reco, codaque, zipe, etc.* O número de tais forjaduras é, porém, limitado. Alguns neologismos, tão pouco numerosos quanto as onomatopéias, surgem ainda, feitos inteiramente pelos autores, v. g. *gás*. A grande maioria, entretanto, reponta dos velhos processos da composição e da derivação, aplicando cada idioma o seu cunho próprio na formação de tais palavras. Os *empréstimos* completam a renovação do léxico vivo das línguas.

Composição e derivação

São os dois processos mais comuns pelos quais podemos obter novos termos segundo as necessidades do meio social em que vivemos. Uma línguas preferem a composição; outras, a derivação, mas, ambos são utilizados por todas. Rigorosamente não existe absoluta diferença entre composição e derivação porque em ambos há partículas que se juntam a temas ou a raízes para formar um todo. Se na composição dizemos que tais partículas são *prefixos* e na derivação, *sufixos*, isto é apenas uma

questão de didática, tomando o lugar onde tais particulas se encontram como o elemento diferenciador: *pre+fixo*, *sub+fixo*, mas ambos são particulas que se unem a termos ou a raizes para formar um todo, uma composição.

Muitas vezes, e é o mais frequente, tais particulas não possuem mais significação própria, independente, se não as examinarmos com atenção. Examinando atentamente prefixos como *pre*, *ob*, *ante*, *anti*, *etc.*, ou sufixos como *oso*, *ico*, *eiro*, *tor*, *nte*, *etc.*, veremos que trazem certo significado já hoje nublado pelo tempo. Se no estado atual da língua portuguesa já não existem individualmente, podemos aceitar, com muita probabilidade, que em outras épocas não foram assim. E' o caso de *beautiful*, *plentiful*, *dreadful*, *mournful*, cujo sufixo *ful* é o adjetivo vivo em inglês, — *full* — tal qual em *Mogiguaçu*, *Mogimirim*, *Ipauçu*, *Itapemirim*, cujo sufixo *açu* ou *mirim* são dois adjetivos vivos em tupi: *açu* (grande), *mirim* (pequeno). Diferenças, pois, essenciais não existem que distingam a composição da derivação porque em ambos os processos há *compostos*. Tanto é verdade que muitas vezes temos no mesmo vocábulo ambos os processos, o que é dito: formação parassintética: *re+solu+er*; *des+nud+ar*; *com+junta+mente*.

Todas estas formações de palavras não são, de fato, criações, no sentido rigoroso do termo, porém, utilizações de material já existente, quer na própria língua, como *amor-perfeito*, *pé-de-moleque*, *sempre-viva*, *malmequer*, *pêsames*, quer nos idiomas clássicos, assim: *automóvel*, *aeródromo*, *eugenia*, *cinagética*, quer ainda combinando termos e sufixos de outras procedências linguísticas: *choferar* (*chauffeur+ar*), *futingar* (*footing+ar*). Modernamente ganha grande desenvolvimento o sistema de compor palavras, reunindo as iniciais ou as primeiras sílabas de uma denominação extensa, num vocábulo só. São as *palavras de letras*, como por exemplo: *Socony* (*Standard Oil Company of New York*), *Hag* (*Hamburger Aktien Gesselscharft*), *Fab* (*Força Aérea Brasileira*), *Feb* (*Força Expedicionária Brasileira*), *Vasp* (*Viação Aérea S. Paulo*). Para muitos, o costume de abreviar as palavras, tomando apenas uma parte do todo, é fonte de novos vocabulários — *cine*, *cinema* (*cinematógrafo*) — *Pinda* (*Pindamonhangaba*), *Guará* (*Guaratinguetá*), *auto* (*automóvel*), *Bus* (*omnibus*), *fone* (*telefone*), *foto* (*fotografia*). Poderíamos ainda incluir nesta série os hipocorísticos e as abreviaturas da língua caseira: *Quita* (*Mariquita*), *Tuda* (*Gertrudes*), *Tico* (*Antônio*), *Zé* (*José*), *nhora* (*senhora*), *nhor* (*senhor*).

Tipos de Composição

Muitas são as maneiras de juntar e combinar os diversos elementos da composição vocabular. A fonética tem larga influência, exigindo alterações de finais ou inserção de novos sons quando a sequência dos elementos se torne anti-eufônica, como são os casos de *agricultura*, *terremoto*, *petróleo*, *vinadalho* nos quais devemos também considerar a sintaxe, a dependência mútua das partes componentes do todo. Mas quando a eufonia em nada se ofende, a simples juxtaposição satisfaz: *madrepérola*, *girassol*, *pêsames*. A fonética e a analogia com outros tipos já existentes na língua combinam-se em formações nas quais certos elementos aparecem esporádicos ou desaparecem, como em *motorneiro*, como em *príncipe-consorte* por *príncipe e consorte* ou *pedra-raio*, isto é, *pedra de raio*. A sintaxe exige também certas acomodações de acôrdo com a dependência mútua dos componentes do vocábulo. Temos, assim, o tipo tautológico em que aparece certo elemento repetido porque, transformado foneticamente, perdeu a sua primeira significação na consciência comum da sociedade: *comigo*, *convosco*, pois, a preposição *com* já estava alterada em *go* (*cum+me +cum, cum-vos-cum*).

O tipo *copulativo* nem sempre se mantém pelo fato comum da síncope do conectivo: *surdo-mudo*, *claro-escuro*, *príncipe-consorte* onde desapareceu a conjunção *e* primitivamente existente. As formações *aliterantes* pertencem a este grupo: *são e salvo*, *ti-que-taque*, *zipe-zape*, *a ferro e fogo*, etc. O tipo, talvez, mais comum é o *possessivo*, quer ainda conserve a terminação dos genitivos latinos, quer tal relação venha declarada pela preposição de: *agricultura*, *terremoto*, *selvicola*, *celicola*, *pé de moleque*, *cordão de frade*, *pão de ló*. É comum a síncope da preposição, podendo acarretar então alterações até no gênero dos elementos, obedecendo à sintaxe de concordância: *farinha-triga*, *palha-milha*, *sapo-concho*, *maçã-cuca*, outrora, *farinha de trigo*, *palha de milho*, *sapo de concha*, *maçã de cuco*. O tipo *objetivo*, em que um elemento está preso ao outro como objeto direto, é também vulgar: *guarda-livros*, *tira-prosa*, *guarda-costa*, *parabrisa*, *tapavento*, *matamouros*. O latim preferia inverter a ordem dos componentes, antepondo o determinado ao determinante: *legislador*, *saxifraga*. O tipo *analógico* enfim compreende aquêles que apresentam infixos, muitos dos quais só se explicam pela analogia com outros já existente, muitas vezes, sem explicação plausível. A eufonia pode ser invocada em muitos destes casos, tais como: *chazal*, *bambuzal*, *solzinho*, *colherzinha*, onde o infixo *z* é mero elemento eufônico.

Os Empréstimos

A falência das autarquias, na moderna civilização, nunca pôde existir nem sequer como tentativa, em linguística porque nenhuns idiomas por mais ricos e antigos, tais como o sânscrito, o grego e o latim, bastaram a si mesmos, sendo-lhes necessário recorrer ao vocabulário de outros, aceitando as contribuições estrangeiras. Este é o modo, por assim dizer, externo, de aumentar o léxico das línguas. A tese do purismo dos idiomas é perfeitamente anti-científica e pode ser defendida somente por aquêles que ainda não deram acôrdo do seu atraso filológico. A acomodação fonética e prosódica é o máximo que se poderá exigir na impossível rejeição dos empréstimos. Necessita o português ainda hoje dêste recurso social, aceitando as contribuições estrangeiras em inúmeros sectores das suas atividades expressivas, fiel ao principio de que *verba sequuntur rem*.

A maioria dos linguistas admite por *empréstimo* somente o vocabúlo estrangeiro, estranho ao idioma, que nêle penetrou por necessidade ou por moda, v.g. *vagão, tender, guerra, gaita, abat-jour, piano, pastel, refrão*, palavras necessárias porque o português não as possuía ou *chauffeur, tailleur, bouquet, fandango, bolero, toilette, etc.* que a moda lhe impôs, havendo na língua palavras perfeitamente correspondentes. Para Meillet, o conceito de *empréstimo* é muito mais extenso, admitindo como tal toda palavra cuja formação não possa ser explicada por outras formas anteriormente existentes no idioma. Desta maneira, admite a existência de empréstimos internos, provindos do interior da própria língua e não do exterior, de língua estrangeira. Assim, *pai, irmão, casa, livro, cão* não são empréstimos porque continuaram o latim *patrem, (fratrem) germanum, casam, librum, canem*. Já *menino, guerra, equipar, anspeçada, laranja, etc.*, embora existam há muitos séculos na língua, são empréstimos externos porque vieram do espanhol, alemão, normando, italiano, árabe. Os vocabúlos *abafar (roubar), bigodear (enganar, passar a perna), bagunça (desordem), peão (domador de cavalos)*, todos muito atuais, são considerados pelo mestre francês como empréstimos internos porque passaram de línguas especiais, particulares, de grupos sociais, para a língua geral da sociedade toda. Nêste caso estariam todos os termos que da náutica entraram no uso comum de todos, como *arribar* (chegar, melhorar, crescer), *perder a tramontana* (desnortear-se), *amarrar a gata* (embriagar-se), *dar uma têsa* (passar um repelão), etc. e outros que dos novos

e modernos meios de comunicação nos vão surgindo: *derrapar* (deslize moral), *chispar* (correr a grande velocidade).

A maior consequência dos empréstimos para a semântica está na alteração do sentido que tais palavras sofrem, passando de um idioma a outro ou de uma língua particular, própria de determinado grupo social para a língua geral. O francês *orage*, tempestade, modificou-se muito ao passar ao nosso idioma — *aragem* — que significa apenas vento brando e agradável. *Camarada* já não é mais o companheiro de *câmara*, mas *amigo* e, no Brasil, o empregado jornaleiro da lavoura. *Padre* não é mais sinónimo de *progenitor*, mas, de sacerdote. *Bonde*, no Brasil, é o veículo eléctrico e não a caução lançada para os fundos da companhia que tais veículos ia lançar.

A grande causa dos empréstimos tem sido sempre a *necessidade social* em que se encontra determinada comunidade em relação a outra superior técnica e cientificamente considerada. As nações menos desenvolvidas recebem idéias, instituições, fatos, objetos, cada qual trazendo a sua denominação, a sua nomenclatura adequada. O latim sentiu esta superioridade do grego e por sua vez a exerceu em relação aos demais povos que dominou e civilizou. O provençal e depois o francês exerceram grande domínio sobre o português bem como o árabe e, em escala menor, as línguas germânicas. Depois do tempo das conquistas, muitos empréstimos vieram da Ásia, África e alguns do Brasil. Modernamente o inglês está cedendo valioso vocabulário técnico ao nosso idioma. Ao português do Brasil deu a língua geral, erroneamente dito tupi-guarani, grande número de empréstimos, mormente, topónimos: *Atibaia, Itaitaba, Jundiá, Itaquacetuba, Potirendaba, Jarinu, Itaim, Itapetinga, Itapetinga, etc.*, — ou antropónimos: *Juraci, Jaci, Anhangá, Anhanguera, Iracema, Araci, Guaraci, Guaraciaba, etc.*, — ou nomes de produtos da terra, flores, frutos, animais, peixes, e assim por diante: *coati, sagui, capivara, tatú, tapaná, sabidá, urú, jacú* (animais); *peroba, guatambu, piuva, guarantá, guaraná, mandacarú, embira, angico, mangabeira* (árvores) — *araçá, pitanga, guarabiroba, manga, mangaba, jaca, abacaxi, sapota, sapoti, cambuci, camocim, uvaia* (frutos).

De um modo geral, pode-se dizer que os empréstimos quando são termos técnicos, nomenclatura científica ou esportiva, conservam a mesma semântica. O ideal seria que tais empréstimos se acomodassem à fonética e à grafia nacionais. Em grande parte já isto se vai dando. Assim, escrevemos e pronunciamos: *futebol, golquiper, pingue-pongue, chofer, buquê, abajur, fau, dial, fascismo, duce* (*fassismo, dusse*), *breque, bonde, clube, etc.* É pura perda de tempo e de energia querer criar palavras para substituir os nomes técnicos emprestados. Por isto é que já se criou o

aforismo: *verba sequuntur rem*. Fenómeno muito curioso é o de tomar como empréstimos palavras nacionais, de torna-viagem, algo modificadas em sua fonética e, às vezes, no significado também. O nosso *feitiço* viajou para a França e de lá nos regressou *fétiche* com semântica e fonética alteradas. *Caoutchouc* que foi da América já voltou da Europa com tal roupagem estranha quando temos *borracha*. *Sumatra* não passa de grafia inglesa do velho termo trazido da Ásia pelos portugueses *Samatra*.

CAPÍTULO VI

Ainda o conteúdo psíquico da palavra — As três fases de Leroy — A base da semântica — Causas das mudanças do significado das palavras — A contribuição psicológica do indivíduo — A contribuição da sociedade — A descontinuidade da transmissão vocabular — Suas consequências — Influência gramatical — O desaparecimento do objeto simbolizado — Os sintágmata vocabulares — Os grupos sociais — As gírias — A língua dos sexos — Os índios carajás.

O conteúdo psicológico da palavra

O conjunto sonoro, materialmente, considerado, v. g. *rosa*, *mesa*, *Pedro*, — só adquire a constituição de *palavra* quando se transforma em símbolo do conceito, da imagem verbal, que o objeto, através dos sentidos, conseguiu imprimir na mente humana. Somente existe, pois, *palavra* quando se estabelece a referência intelectual entre o *vocábulo*, mero conjunto fonético, a *imagem verbal* existente no intelecto e a *cousa* que tal imagem provocou e da qual é o conjunto o *símbolo*. No momento em que deixa de existir tal relação, desaparece a palavra; no momento em que se dá qualquer alteração nesta relação, dá-se também qualquer modificação no conteúdo psicológico da palavra, no significado. Como se processa, entretanto, esta relação entre *objeto*, *imagem verbal* e *palavra*? Carnoy, resumindo Leroy, reduz tudo a três fases distintas: *percepção simples*, *percepção diferenciada*, *percepção verbal*. Pronunciado que seja o vocábulo, v. v. *exame*, produz-se no ouvinte uma impressão vaga não bem determinada, sem o menor vislumbre de entendimento. Ainda não houve reflexão própria, necessária para que tal impressão, tornando-se consciente, produza a compreensão, o conceito. Podemos verificar êste primeiro estado de cousas quando, na vida social, tantas vezes, interpelados sôbre êste ou aquêle assunto, respondemos de maneira vaga, imprecisa e só depois de alguns segundos de reflexão, corrigimos o que dissémos, talvez até, de modo opôsto. Quando já nos foi possível refletir e compreender, tornando consciente a primeira impressão sensorial, então, passamos à segunda fase, da percepção diferenciada. Positvamos o conceito, singularizamo-lo, despertando um novo estado interior: de prazer ou desprazer. Assim, ouvindo o estudante o vocábulo *exame*, tornando-o consciente pela reflexão, imediatamente o avalia segundo seu preparo ou despreparo científico, rodeando o conceito — *exame* — duma disposição favorável ou desfavorável. Já agora, de tal maneira compreendido o conceito e, por assim dizer, avaliado, pode despertar outros, formando um quadro, uma paisagem interior: *exame*, *professor*, *sala de aula*, *livros*, *colegas*. É a percepção verbal em toda a sua plenitude de significação, em todo o seu potencial significativo, capaz de provocar

outros conceitos intimamente conexos. Carnooy reduz toda a teoria a estes três aspectos: *perceptual*, — simples imagem sensitiva; *afetivo*, imagem transformada em idéia pela reflexão e, portanto, capaz de atuar sôbre a vontade, despertando prazer ou desprazer; *conceitual*, — a idéia compreendida e sentida pode despertar outras mais que com ela se relacionem intimamente.

O primeiro estágio, meramente, *perceptivo*, não é propriamente semântico, como v.g. quando ouvimos vocábulos desconhecidos. Se um rústico escutasse dizer a seu lado: *pitecântropo*, *aeródromo*, *basílica*, teria a sua percepção vaga, indeterminada, imprecisa, nada compreendendo porque a impressão sensorial não foi capaz de despertar a imagem verbal, sendo-lhe desconhecidos as relações entre tais símbolos sonoros e as cousas simbolizadas. Dá-se o mesmo quando ouvimos línguas ainda ignoradas: a sequência das palavras atinge-nos a parte sensorial sem que compreendamos coisa alguma pela ausência da imagem verbal, que se não produz. Repete-se o mesmo estado sensitivo quando vocábulos muito nossos conhecidos são tomados em accepções novas que ainda desconhecemos: o conceito verbal, especial, a nova referência estabelecida entre o símbolo fonético e a cousa simbolizada, sendo por nós ignorada, não pode despertar-nos imagem interior alguma, não se dando, portanto, a compreensão desejada. E' o que se passa com o vocabulário das línguas especiais, de determinados grupos sociais ou de certas regiões do país. Esta frase: "O *camarão* chocou-se com a *barata*. atropelou a *aranha* e feriu o *grilo*" será, talvez, incompreensível fóra da cidade de S. Paulo, ou pelo menos, fora do Estado de S. Paulo pelo fato dos vocábulos *camarão*, *barata*, *aranha*, *grilo* — possuírem conceito especial, especial referência psicológica a objetos que não são comumente por eles simbolizados. *Camarão* é o carro elétrico, fechado, de cor vermelha; *barata* é certo tipo de automóvel, o cabriolet; *aranha* é sinónimo de *charrette*; *grilo* é o guarda-civil que dirige o tráfego das ruas.

A semântica baseia-se essencialmente no *aspecto conceitual*: quando o conceito é permanente, aceito pela sociedade, a semântica se torna também fixa, estática, como se vê nos termos *Deus*, *céu*, *mar*. Mas se o conceito pode ser modificado segundo os grupos sociais, varia a semântica e passa de estática a dinâmica. Nos dicionários, nos estudos de etimologia, temos a semântica extática e esta pertence à língua. Na fala viva da sociedade onde todos os grupos fragmentários se integram, temos a semântica dinâmica. E' esta, justamente, a que mais nos interessa. O elemento *afetivo*, dependendo do contexto, das associações correlatas, é o grande fator das alterações semânticas, a contribuição maior da sociedade. Todos os eufemismos repousam neste ele-

mento afetivo e as metáforas, em grande parte, bem como o sentido poético, lírico ou religioso das palavras. O elemento afetivo é quem dá vida aos sinónimos. Na semântica estática *campo*, *prado*, *lábios*, *beijos*, *crina*, *cabelo* possuem os seus conceitos determinados e fixos. Mas o contexto afetivo faz-nos diferenciar *campo* e *prado*, achando êste mais poético do que aquêle; *lábios* e *beijos*, classificando os primeiros como de maior delicadeza que os segundos que são plebeus e prosaicos; *crina* e *cabelo*, dando aos irracionais o primeiro e ao homem o segundo.

Este precioso e decisivo elemento diferenciador, o *afetivo*, surge da sociedade, dependendo inteiramente do grupo social em que nos encontramos, podendo variar de um para outro: *jesuíta*, na expressão estática dos dicionários, não é epíteto agradável, despertando um contexto afetivo todo próprio; mas no grupo social de tais religiosos, o contexto afetivo é todo outro, inteiramente oposto, sumamente honroso. Dá-se o mesmo com *judeu*, considerado o termo no meio israelita e fora dêle. Quando os tiradores de pau brasil, geralmente, calcetas, prófugos, banidos de Portugal, eram chamados *brasileiros*, bem pouco nobre era a palavra. Mas hoje, com esta pátria de tão promissor futuro, todos nos orgulhamos de chamar-nos *brasileiros*. Já não somos simples tiradores de pau brasil: somos filhos do Brasil. A alteração semântica foi extraordinária porque extraordinária foi a mudança social do país.

Causas da mudança do significado das palavras

Sendo a palavra uma entidade fonético-psicológico-social, um mero sinal de convenção, cuja existência não reside na própria natureza das cousas, mas, na mente humana enquanto é um hábito psicológico de simbolização, claro está que tem na sociedade as causas principais e determinantes das variações de seu significado. Dada a complexidade de tais fenómenos semânticos, ainda não foi possível descobrir princípios gerais leis ou fórmulas que os regessem, como se conseguiu para a fonética e muito menos uma causa eficiente determinada de que todos fossem os efeitos. Várias são as causas e se todas se unificam no resultado — a alteração do sentido das palavras — cada qual atua por processo próprio, diferente do processo das demais.

Como elemento fundamental de todas as alterações semânticas encontramos a contribuição psicológica de cada indivíduo, a *percepção* e a *associação* de idéias. Na impossibilidade de criar para cada idéia, para cada emoção, para cada objeto, uma palavra especial, que lhe fosse o adequado símbolo, o homem, apro-

ximando entre si os fatos semelhantes, costuma referi-los, psiquicamente, a um mesmo sinal sonoro. Por este motivo, dificilmente, encontramos palavra que não tenha, ao redor do significado central, mais importante, outros significados que lhe estejam, mais ou menos conexos. Frequentemente, por várias causas sociais ou históricas, um destes significados secundários é o que passa a principal, apagando completamente o primitivo. Quando dizemos *chegar*, temos em vista apenas o fato de terminar a viagem, o trajeto feito, atingindo a meta desejada. Não pensamos, de modo algum, na ação de *dobrar* (as velas), *plicare*, donde nos veio o verbo. A palavra *tostão* evoca apenas a idéia de moeda; ninguém se lembra de *testonem*, (cabeça) que vinha impressa no dinheiro antigo. *Carrasco*, em português, é o executor das penas capitais e, por extensão, o homem *cruel*. O primeiro significado, entretanto, foi apenas o nome de um desses executores de penas capitais, tornado célebre pela sua crueldade. Todo este trabalho de associação, de comparação, de aproximação de idéias, é puramente individual, depois tornado coletivo pelo uso aceito na sociedade. Ainda quando expressamos várias referências psíquicas, imagens verbais, por um mesmo símbolo, como é o caso de *folha* — de árvore, de livro, de porta, de janela, de faca, — há sempre uma circunstância qualquer que diferencia entre si idéias tão próximas e conexas.

Ao lado deste processo totalmente psicológico, individual, há outro não menos interessante, ainda de associação de idéias, a *substituição*. Certos conceitos, quer por delicadeza social, quer por motivos religiosos ou meramente supersticiosos, não podem mais ser expressos pelos símbolos pelos quais sempre o foram. Que faz o indivíduo falante? Recorre a *substituições*, a outros símbolos, longiquamente adequados. O ato de nascer foi nobremente traduzido até o século XVII por *parir*. É a palavra de que se serve o P. Vieira em seus sermões anda quando se refere ao nascimento de Cristo. Disse-se depois *dar à luz*. Atualmente já ninguém mais ousa empregar esta expressão e a substitui por outras como: *ter um menino*, *enriquecer o lar*. O nome das enfermidades exige sempre substitutos: *tísica* é agora *tuberculose* que já passou a *peste branca*, *fraqueza pulmonar*. A *embriaguez* e o *diabo* são, certamente, os nomes que possuem maior número de substituições. *Malcriado* passou a ser *neurastênico*. *Mentir* é hoje simplesmente *faltar à verdade*.

Este fundamento psicológico, porém, não é a causa eficiente das alterações semânticas. Não é a condição psíquica do homem considerado individualmente que determina todas estas substituições, associações e restrições de símbolos, mas, a sociedade. Quer-se com isto dizer que o indivíduo, sozinho, não procura todo este jogo vocabular para a expressão de suas idéias. Se o faz,

dade a que êle pertence. Portanto, a causa última e realmente eficaz é a sociedade. Mas a sociedade não conseguiria todos êstes efeitos se o individuo não fosse capaz de tais atos psicológicos com a percepção e a associação de idéias ou de vocábulos para expressá-las. Nisto damos inteira razão a Meillet contra Wundt, Herzog, Darmesteter e Carnoy.

Nesta possível e frequentemente realizada substituição da idéia principal pela secundária reside outra condição necessária a todo fato semântico. O aprendizado duma língua, seja ainda a materna, é feito ciclicamente: aprendemos as palavras com o seu significado *atual*, que muitas vezes nem sequer lembra o primitivo, o etimológico. Entre uma criança do século XIX e outra do século XX existe uma separação nos respectivos ciclos educativos: muitas palavras que no século XIX tinham tal significado, cessaram de o ter no século XX, revestindo-se de outro conexo. Houve entre ambos os ciclos uma interrupção na transmissão do sentido vocabular. Foi esta descontinuidade que permitiu a substituição da idéia, embora ficasse o mesmo simbolo sonoro. Exemplifiquemos: *formidável*, em qualquer autor do século XIX tem ainda a sua significação etimológica de *apavorante, que acute medo*: um animal *formidável*, um exército *formidável*; — mas atualmente já tomou outro aspecto: que desperta admiração, que é excelente e até mesmo excelentissimo: um livro *formidável*, um doce *formidável*, uma festa *formidável*. O simbolo é o mesmo, porém, a sua referência psíquica é já bastante diversa, fundamentalmente conexas com a primeira. Do radical de *hospes, hospitis*, hóspede, conhece a língua portuguesa *hospedaria, hospital hospício*. Esta última palavra foi sinónimo perfeito da primeira e todos ainda nos lembramos das coletas pro *Hospício da Terra Santa*. Fundados, porém, os hospitais para dementes, as novas gerações receberam, no ciclo de seu aprendizado, o vocábulo *hospício* com referência própria e direta áqueles estabelecimentos. Atualmente ninguém seria capaz de empregar todos êstes sinais com a mesma idéia. O significado etimológico de *aperitivo*, quer tomando por base a raiz *aperire*, abrir, quer o emprêgo próprio na linguagem médica de outrora, era o de *purgante*. Houve uma descontinuidade na transmissão desta palavra com êste significado e quando novamente apareceu, trouxe, fundamentalmente, ainda o de *abrir*, mas, já relacionado com *apetite*, passou a significar *abridor* do paladar, *beberete*. E' de suma importância, portanto, este aspecto do aprendizado linguístico por meio de ciclos, havendo entre êles uma cessação do significado vocabular. O individuo, por várias causas todas sociais, históricas, éticas, re-

ligiosas, substitui a significação primitiva central, por outra secundária, mantendo, porém, o mesmo sinal sonoro, o mesmo vocábulo.

Essa descontinuidade na transmissão do vocábulo pode apresentar ainda outro aspecto de grande relevância no jogo semântico: a separação do termo do grupo etimológico a que pertencia, seja pelo desaparecimento dos demais, perdendo-se, assim, a noção de unidade etimológica, seja pelas alterações fonéticas por que passou a palavra. O latim *florem* deu-nos *flor*; mas o grupo *pl*, palatizando-se, por via de regra, em *ch*, tal como se vê em *pluviam* = *chuva*, *plorare* = *chorar*, *plenum* = *cheio*, deu-nos também *chor* e, no diminutivo, *chorinha* ou no aumentativo *chorão*. O diminutivo aparece ainda como nome de certo trovador medieval, *Pay Gomes Chorinho*; o aumentativo vive até hoje e é o que nos interessa. Destacado o termo *chorão* do grupo *flor*, *florão*, ao qual pertence etimologicamente, mas do qual se afastou pela transformação fonética da palatização, perdeu o significado primitivo. Pela mesma transformação fonética achou-se aproximado do grupo de *plorare* = *chorar* e todos viram no *chorão* certo significado triste, lacrimoso, fúnebre, plantando-o nos cemitérios. Ao lado de *ruber* havia também *robur*, *robus*, *robustus*, significando *vermelho*; mas sendo forma dialetal, foi suplantada pela latina *rubrum* que ainda conserva o significado primitivo *rubro*. Destacada assim a palavra *robustus*, *robustez*, do grupo etimológico, tomou segundo significado, acidental outrora e hoje essencial, de *forte*, donde o nosso *robusto*, *robustez*. Houve, como sempre, uma associação de idéias: *robustus* era empregado pelos rústicos e indicava, especialmente, o *vermelho* das veias, do sangue e como toda pessoa forte, de boa saúde, é corada, vermelha, passou *robustus* a esta segunda significação: *saúde*, força. O adjetivo *limbus* é o mesmo *limbus*, provenientes ambos do latim *limpidus*. A transformação fonética os separou, ficando cada qual com um significado próprio. Deu-se o mesmo com *vagina* e *bainha*.

Esta deslocação do nome que se vê separado do grupo inicial tem outra semelhante na contextura da frase. Pela necessidade da expressão, pela intenção cada vez mais acentuada de clareza que as línguas neo-latinas sempre evidenciaram, vários elementos gramaticais foram destacados dos seus congêneres e aplicados a outras funções na frase para melhor expressar o pensamento. Este deslocamento deu ao termo novo significado ou lhe tirou toda e qualquer significação. O latim não possuía artigo. As determinações eram deficientes, concorrendo muito para a obscuridade e indeterminação de vários textos clássicos. Já o grego era muito mais determinado, claro e preciso justamente porque dispunha deste auxílio gramatical. A necessidade da de-

terminação do pensamento fez que os romanos começassem a usar o demonstrativo, *illum, illam, ipsum ipsam* como auxiliar determinante, esclarecedor da frase. Assim, desde o latim vulgar até os atuais línguas românicas, tais demonstrativos perderam o significado primitivo para assumirem o de simples *artigo*. Meillet exemplifica este ponto com o advérbio *magis*: “Le mot latin *magis* “plus” de plus, bien plus”, placé en tête de la phrase, comme il arrive déjà en latin, fait l’effet d’une liaison entre deux phrase et devient le français *mais*.” (*L. Hist. et L. Gén.* 240). Em português este exemplo reforça-se com a questão fonética: distinguimos perfeitamente *mais*, advérbio, e *mas* conjunção. Desta forma, se para o francês e o latim a causa da transformação foi a colocação da palavra “en tête de la phrase”, em nosso idioma a diversificação fonética concorreu fortemente para a separação das funções e dos significados. O vocábulo *homem*, designando o gênero humano, era já de si vago e indeterminado. Daqui a passar a pronome meramente indefinido foi fácil e encontramos em todas as línguas românicas nesta nova significação. A língua arcaica e clássica o conheceu com muita frequência. O dito evangélico: “Nem só de pão vive o homem” deve ser traduzido modernamente por: “Não se vive só de pão”, porque o indefinido se moderno equivale ao *homem* de outras épocas do idioma. O latim vulgar usou, ao lado das impessoais passivas *dicitur, fertur*, a impessoal de voz ativa *dicunt, ferunt*. Ao lado dos impessoais clássicos *opportet, pudet, piget*, empregou o vulgar *habet, debet, etc.* Este verbo cuja significação era *possuir, ter*, usado impessoalmente, passou a significar *existir*: “*Habebat* autem de eo loco ad montem. Dei forsitan quatuor millia totum per valle illa, quam dixi ingens.” (Silviae Peregrin. ad Loca Sancta). Foi a função impessoal deste verbo que lhe mudou o significado, passando ao de *existir*, tal qual temos em português: “*Havia* porém daquêle lugar ao monte de Deus, talvez, quatro milia etc.” A língua arcaica e clássica empregou, em lugar de *haver*, impessoal, o verbo *ter*: “Apenas *tem* quinhentos homens naquela fortaleza” (J. Freire). “Nos matos da costa *tem* muito brasil e pau preto, de que todos os anos se carregam mais de cem juncos para a China, Aimão, Camboja e Champa e *tem* mais muita cera, mel e açúcar” (Fernão M. Pinto — Pereg. II-79). No Brasil este emprego é quotidiano até por pessoas de estudos. A impessoalização de *ter* lhe alterou também a semântica, passando a sinónimo de *existir*.

Outro tipo de alteração semântica, aponta Meillet, é a alteração social que faz desaparecer o objeto, o costume, o conceito, outrora intimamente relacionados com a palavra que lhes servia de simbolo sonoro. Exemplo característico nos é a palavra *mancebo* que se deriva, foneticamente, de *mancipium*. O romano

permitia a escravização por direito de conquista ou de guerra. Era isto, justamente, o que significava *mancipium*, derivado de *manu captum*, preso, aprisionado militarmente, à força. Naturalmente os fortes, sadios, capazes de produzir bom trabalho e dar lucro, eram os preferidos. Os velhos, portanto, era postos de lado e, assim, os *mancipii*, escravos, eram moços, jovens, porque fortes. Extinto o costume, o direito de tal escravização sob a influência do cristianismo, desapareceu a referência psíquica até então existente entre *mancipium* e prisioneiro de guerra. O símbolo tomou nova referência, aquela que lhe estava conexas, que era um dos seus significados secundários: o de *moço, jovem, forte*. Nesta significação a recebeu o português. Temos na língua arcaica e clássica o substantivo *mancebia* como sinónimo de *mocidade, juventude*. Dom Duarte, no “Leal Conselheiro”, explicando as fases da vida humana, escreveu: “A repartimento das hidades poderemos apropriar estas partes do entender: e as hidades som per muytas maneiras repartidas, mas hua que poem os letrados, que bem me parece chama ifancia ataa vij annos, puericia ataa xiiij, ataa xxj adollacencia, *mancebia* ataa cinquenta, velhice ataa Ixx, senyum ataa Ixxx, e dally ataa fym da vida decrepidue” (Edição de Roquette — p. 16). Frei Luis de Sousa é o último que emprega *mancebia* neste sentido. Camões disse: “*Manceba* gente”. A idéia conexas e secundária de moço, forte, já agora idéia principal, trazia consigo ainda outra que depois se desenvolveu: é na mocidade, na *mancebia*, que mais forte se estadeia o amor e *mancebo* passou a significar *amante*. Daqui o repúdio da palavra *mancebia* no sentido do “Leal Conselheiro”, pois, passara a designar o conjunto das mulheres públicas e também o local onde elas se reuniam. Existe ainda hoje o verbo *amancebar-se*, como sinónimo de *amazar-se*. No Brasil, e, talvez, em Portugal também, dá-se o nome de *mancebo* ao cabide de três pé, geralmente, de longa haste onde vários suportes servem para nêles se dependurarem roupas, chapéus, etc. Parece-nos que tal significado seja reminiscência do antigo conceito de *forte, robusto*, pois, o *mancebo* (escravo) era empregado para serviços como transporte de peso, de cargas.

Pater, mater, diz Meillet, não significavam, no geral da língua indo-européia, o mesmo que *genitor, genitrix*, genitores, geradores dos filhos, mas, apenas os chefes da família. Já em latim e grego e sânscrito, encontramos tais vocábulos na significação de genitores, porque o sistema patriarcal já havia desaparecido. Com a vinda do cristianismo, *patrem* tomou o significado de chefe religioso, sacerdote. A língua portuguesa ainda mantém a palavra em tal referência, e o que é mais interessante, diferenciou-a foneticamente: *padre* é o sacerdote; *pai* é o genitor. Quando a nossa pátria tinha o nome de Terra de Santa Cruz”, uma

das fontes da incipiente riqueza era a extracção do pau brasil, muito empregado em tinturarias. O serviço era árduo e para tal recrutavam os desclassificados sociais: galés, calcetas, banidos do Reino. Ser extractor de pau brasil, ou como então se dizia, *brasileiro*, era vergonhoso. Mudada porém a denominação da terra para *Brasil*, houve profunda e radical alteração no conceito social: *brasileiro* não era mais mero adjetivo profissional, e sim, adjetivo pátrio: designava quem nascido havia no *Brasil*. A nova referência psíquica é absolutamente outra. O primeiro intellectual, que usou do termo em suas obras, foi Frei Vicente do Salvador, no seu livro "História da Custódia Franciscana do Brasil" Fenómeno semelhante é o que se dá com o adjetivo *mineiro*. Em toda parte do mundo, é adjetivo profissional, designando aquêlê que trabalha nas minas. O Estado brasileiro, chamado, antigamente, Provincia das Minas Gerais, passou a ser apenas conhecido sob o nome de "Minas" e *mineiro* é todo aquêlê que em tal território nasce, seja médico, padre ou comerciante.

Variante deste processo social é o do desaparecimento do objeto sem contudo desaparecer totalmente a primitiva referência psíquica, porque novo objeto substituiu o primitivo, com alterações mais ou menos profundas. No equipamento das tropas medievais a *couraça* era de grande valor defensivo. O *couro* entremeadado de metal podia resistir às lanças, às espadas nas lutas individuais. A invenção da pólvora, revolucionando toda a tática da guerra, tornou inúteis as *couraças*. Mas o revestimento metálico dos navios, dos modernos tanques, tendo a finalidade que tiveram outrora as *lorigas, cotas e malhas*, ainda que não sejam mais de couro, continuam a denominar-se *couraças*. Os navios e os tanques são *encouraçados*, mas de couro mesmo, nada nêles existe. Em alguns dêstes simbolos fonéticos, a referência por êles mantida, não diz mais respeito à cousa em si mesma considerada, e sim, ao processo da applicação de tal cousa. E' o que vemos em *chumbar* dentes a *ouro, a platina, a porcelana, a granito, etc.* Primitivamente as cáries dentárias eram obturadas a *chumbo* e daqui *chumbar*. Depois, variando embora o material empregado, o processo de obturação continuou o mesmo e o verbo *chumbar* passou a sinónimo de *obturar*. Deu-se o mesmo com *embarcar*, no tempo em que as viagens marítimas eram as verdadeiras viagens. Variados os meios de locomoção, viajando-se de aeroplano, de carro elétrico, etc., o verbo *embarcar* tomou a significação ampla de "entrar num veiculo". E daqui, *embarca-se* no bonde, no avião, no automóvel que não são *barcos*.

Os *sintagmas* vocabulares, quando se tornam de grande uso, terminam por fundir o significado completo do conjunto na principal de suas palavras que, sozinha, passa a representar o todo, tomando então novo significado. Um dos mais antigos,

herança do latim, *asinus burrus*, ao pé da letra *asno vermelho*, está representado em português e castelhano apenas por *burro*. Outro, que nos veio da Bíblia: *o arco da velha aliança*, — vive ainda sob a forma comum de *arco da velha*. Muito conhecido são: *cana de Bengala*, *chapéu de Chile*, *chapéu de Panamá*, *charuto de Havana* reduzidos, respectivamente, a *bengala*, *chile*, *panamá*, *havana*. Os sintagmas trazem todas estas alterações do significado, pois, unindo-se duas ou mais palavras, cada qual com o seu sentido próprio, dêle se despojam para constituírem um terceiro diverso. E' o caso do doce brasileiro *pé de moleque*, *baba de moça* ou das flores e ervas: *sempre-viva*, *não te esqueças de mim*, *malmequer*, *pega-não-me-larga*, e de outras composições conhecidas: *pêsames*, *bentevi*, *pax tecum* (bobo), etc..

A mudança de costumes, a pregação de nova doutrina social ou religiosa, os preconceitos sociais, são novas fontes de alteração semântica. Neste ponto nenhuma doutrina social-religiosa trouxe maior número de modificações de significação que o cristianismo. Basta percorrer o vocabulário grego que nos veio por intermédio dos Evangelhos para que tenhamos rápida impressão das profundas alterações semânticas provocadas pelo cristianismo.

Todo o vocabulário quer grego, quer latino, sofreu as influências da nova pregação, conservando-se os sinais fonéticos, mas com referências psíquicas completamente diversa. *Batizar* já não é mais somente lavar, imergir na água, mas comunicar o sacramento. *Anjo* não é simplesmente o mensageiro e sim, o *espirito celeste*. *Cemitério*, cujo significado etimológico é *dormitório*, sob a influência da idéia cristã da ressurreição é o local onde *dormem* os que acordarão no Senhor. *Presbítero*, com parativo de *presbités*, do significado simples de *mais velho*, passou ao de chefe religioso, dando *prete* em italiano, *prêtre* em francês, *presbítero* em nosso idioma, sinónimo de sacerdote. *Agonia* não é só um *combate*, mas, o último do homem, que antecede a morte. *Basilica* já nada mais tem de ver com *basyleos*, *rei*, porque passou a denominar determinadas igrejas privilegiadas. Os exemplos de língua latina são também numerosos: *viaticum* não corresponde mais a farnel, mas à eucaristia, alimento para a derradeira *viagem*. *Tonsura* é o corte de cabelo quase sacramental que liga o clérigo à Igreja. *Baculum*, antes mero arrimo de pastores, é o cetro religioso do bispo. *Hostia* é agora sinónimo de eucaristia.

A sociedade moderna ainda que não queira conhecer as classes de que sempre se compuseram as de antigamente, conserva, contudo, os *proletários*, na significação de quem vive do seu serviço, que não dispõe de meios de renda, não vendo mais no fundamento desta classe a *prole*, como viu a primitiva gente romana.

Se o pagamento não é mais avaliado no punhado de sal, continuam os proletários a perceber *salários*. Se a base da avaliação comercial já não continua sendo o rebanho, a res, *pecus*, prosseguem os ricos a ser chamados *pecuniosos*, e todos procuram ter *pecúnia*, formar o seu *pecúlio* e a justiça ainda pune os crimes de *peculato*.

O decoro da sociedade, a elevação moral dos povos, disfarçando os sentidos mais crus das cousas e fatos, evita ou substitui os símbolos fonéticos de tais referências. *Moça*, nos Estados do norte do Brasil, é vocábulo condenado pela sinonímia que tem com *manceba*, *concubina*, *amante*. Nestes mesmos Estados, *dama* é palavra proibida porque equivale a prostituta, mormente, se acompanhada de *mulher* (*mulher-dama*). Em todo o Brasil, *rapiça* tem o mesmo significado pejorativo. *Amigo*, palavra tão doce nos lábios das “fremosinhas” medievais, dando até origem às famosas *cantigas d'amigo*, está hoje condenada por ser sinónimo de *amante*. A expressão: *fazer as necessidades*, que já era eufemismo, pois que o verbo legítimo fora condenado, encontra na linguagem das escolas substitutas, como: *ir lá fora*, *ir aonde os reis vão sozinhos*, *ir aonde os anjos não vão*. Em certo colégio religioso dizia-se *pagar o Bernardo* porque *pagar o Bernardino* era simplesmente ir ao mictório.

A velha teoria de que as palavras tinham valor significativo intrínseco e força suficiente para realizá-lo quando pronunciadas, tornou tabús numerosos vocábulos. Os esforços da instrução tem sido impotentes para debelar o medo supersticioso e daqui os mil nomes que possui o *diabo*, a proibição de pronunciar o nome de Deus e o horror que o povo ainda sente a certos nomes de enfermidades: *ferida brava*, *ferida ruim*, *ferida que come* e jamais *cancro*. Alguns ainda se arriscam a dizer *cancêr*, mas, *cancro*, nunca! O povo não diz que alguém ficou *louco*; prefere os circunlóquios: *ficou gira*, *ruim da cabeça*, *sofre das idéias*. Os jurões incutem pavor. As exclamações tais como *peste! desgraça!* São evitadas porque a pessoa pode, realmente, ficar desgraçada e sofrer de peste. Alguns levam o pavor ao ponto de evitar a palavra *cemitério* preferindo *campo santo* ou ainda mais pitorescamente: *a chácara do vigário*, *a terra dos pés juntos*.

Todos estes motivos de alterações semânticas, considerados sob tantas modalidades diversas, reduzem-se, afinal, à grande causa de tudo, — a constituição da sociedade, seus usos e costumes, leis e crenças, que, em perene transformação, refletem as suas necessidades nas palavras de que são símbolos e sinais fonéticos. A maior, porém, de todas estas causas é a múltipla divisão e subdivisão da sociedade em grupos profissionais, fracções do grande todo, que apesar de viverem no conjunto da comunidade, formam dentro dela verdadeiras células onde a língua ge-

ral se especializa em vista de certo objetivo todo especial e onde novos termos, necessários às necessidades expressivas de cada grupo, são elaborados, podendo depois penetrar nis domínios da língua comum. A constituição feudal da sociedade mediéfica, a existência dos *mesteres*, com bairro determinado, uniforme, orago e pendão próprios, constituindo o aprendizado do *mester* verdadeira iniciação secreta e, por vezes, misteriosa, deu origem a *linguas próprias*, gírias e calões de classe de que nos é testemunho ainda hoje a *língua dos ladrões*. Tais possibilidades linguísticas são, modernamente, impossíveis pelo desaparecimento de tal disposição dos officios. Mas mesmo assim, todos êles possuem seu dialeto, a sua linguagem, desconhecida aos não iniciados. A conversação entre advogados, com os seus arcaísmos, suas expressões tabús, sem as quais os documentos se tornam irritos, as suas fórmulas que datam do tempo ainda dos Afonsinhos, difere muito da conversação entre médicos, recheada de terminologia grega, de modos de dizer que somente a classe entende. *Mandril*, a antiga peça de madeira com que se limpavam os canhões, é agora a delicadíssima haste metálica com que os médicos desobstruom as agulhas de injetar. *Um caso bonito* é justamente um caso já perdido, horrível, em último estado de conservação. *Constipação* é prisão de ventre. *Ambulatório* é qualquer sala de curativos. *Intervenção* é a abertura do corpo humano. *Choque operatorio* é o eufemismo para dizer que o cirurgião errou, matando a vítima. A vida militar, a vida de caserna, possui também o seu vocabulário próprio e quase sempre pitoresco. *Levar uma tesa* é tomar descompostura. *Quebrar um galho* equivale a resolver uma dificuldade disciplinar. Ser *barreira* no regimento é ter valia, importância. *Crente* chamam aos fingidos, aos que aparentam bondade e depois aplicam penalidades. *Bombardear* é atacar, ser adversário de outrem, fazendo-lhe mal. *Sargentear*, derivado de sargento, corresponde a tomar conta, vigiar, dirigir. *Caxiar*, verbo formado de *Caxias*, é sinónimo de energia, disciplina, trazer tudo no rigor militar. A' carne seca de todos os dias dão o nome de *jabá*. *Bagunça*, *baderna* significam desordem, briga, motim. Nos colégios há também uma gíria que varia de estabelecimento a estabelecimento. *Colar*, servir-se de meios ilicitos nos exames. *Assoprar*, ensinar as respostas, à meia voz. *Cabular*, *enforcar*, *gazear*, *fazer gazeta*, correspondem a faltar às aulas. *Boiar* quer dizer ignorar as respostas quando interrogado. E' o mesmo que *dar fogo*, *sobrar*. *Vomitar* é justamente o contrário: saber tudo, dizer tudo depressa. *Pescar*: arriscar exames. *Bagagem*: o número de pontos necessários para passar. Diz-se também, *fechar média*, *estar fechado*. Até nos "café" não deixa de haver linguagem própria: *média* (café com leite, pão e manteiga); *pingado* (café com muito pouco leite); à *francêsa* (mais leite que ca-

paulista (café forte); *vira* (o café servido nas xicaras, ou também o empregado que distribui tal café, ou ainda: os bules de café). Quando os bules ficam vazios, o empregado, para pedir que os encham de novo, grita apenas: *vira mais!* Quanto mais numerosa é a classe, maior número existe de palavras especiais. Desta forma, a linguagem da lavoura é, talvez, a mais considerável e tanto foi já no próprio latim que Marouzeau chegou a classificar o latim como “língua de camponeses”. Em toda a idade média e ainda hoje, mas, já menos consideravelmente, a grande língua especial foi a dos bandidos, dos gatunos, verdadeira língua internacional. Vários estudos foram dedicados a este argot dos malfeitores, como se diz na França, à *Germânia*, como se diz na Espanha. No Brasil também há merecido estudos, como por exemplo, o trabalho “*A Vida dos Ladrões*”, publicada em S. Paulo, em 1922, da autoria do snr. Lincoln de Albuquerque, nêsse tempo, subdelegado de polícia. Usando de fonética e sintaxe comuns à língua geral, o dialeto ou melhor, a gíria dos gatunos, é totalmente incompreensível a quem nela não estiver enfronhado porque a significação de cada palavra é própria. Os termos nem sempre são de cunho português, mas, muitas vezes procedem de origens internacionais. Mas o cunho característico é a semântica toda especial e, por isto mesmo, de grande interesse para o nosso estudo. Frases como estas, são de compreensibilidade apenas para os que já tiverem conhecimento de tão estranha língua: *Desgugue a pera e tire o caroço*: Abra a bolsa e tire o dinheiro. *Manja o tempo do tira, o otário está a la gorda e a guita em punga na sotala*: Observe o agente de polícia que o sujeito tem muito dinheiro, fácil de roubar e está no bolso de dentro do paletó. *Fiz uma mina bacana em dois lucas, um bobo fumante e um brilho, levei a cana de um boton mas passei um toco de quatro gambias e me espiantei*: Roubei uma mulher rica em dois contos de réis, um relógio de ouro e um anel com brilhantes. Fui preso por um soldado, mas, dei-lhe quatro notas de cem mil réis e fugi.

O vocabulário é rico e sumamente curioso. Do excelente estudo do snr. Lincoln de Albuquerque, citamos além das frases acima transcritas, mais estas amostras:

Abrir o livro: verificar a quantia furtada, injuriar, decompor. *Acampanado*: seguido, acompanhado por alguém. *Achacar*: conseguir dinheiro de alguém, iludindo-o de qualquer forma. *Achacador de otário*: gatuno passador do conto do vigário. *Adeus Jurema*: frase com que se despedem os ladrões das mulheres. *Adoquim*: posto policial. *Aduana*: roupa feita. *Afanar o mudo*: roubar igreja. *Alegre*: relógio de parede. *Alfinete*: punhal, estoque. *Alveitar*: médico. *Andantes*: pernas. *Arifes*: tesouras. *Autopsiar*: roubar a vítima quando

está dormindo. *Bacano*: rico, bonito. *Baú*: caixão de defunto. *Bandeira*: venda de objetos furtados. *Baratinar*: plantar verde para colher maduras. *Berrante*: revolver. *Bitu*: manteiga. *Bo bo*: relógio. *Bófia*: agente de polícia. *Brete*: pão. *Brilho*: ané com brilhantes. *Burrega*: libra esterlina. *Cabelo*: serra peque na, fina, própria para cortar metais. *Cala*: carruagem. *Camiso lim*: bolso do colete. *Campionato*: delegado de polícia. *Cantan te*: despertador. *Capitão*: galo. *Celosa*: navalha. *Convento cadeia*. *Culatra*: bolso traseiro das calças. *Curioso*: juiz. *Des prezo*: lixeiro; *donato*: morador da casa que vai ser roubada. *Dragão*: dono do botequim. *Dura*: ato de passar o braço ao pes coço da vítima para que não possa gritar. *Engrupir*: enganar. *Enrustir*: esconder. *Escolaça*: casa de jogo. *Escracho*: retrato. *Espinho*: punhal. *Esparro*: encontrão dado na vítima para rou bá-la. *Falante*: advogado. *Felpuda*: máquina de escrever. *Fer ragem*: prisão. *Ferreiro*: cão de guarda. *Fula*: nota sem valor falsa. *Fulastra*: indivíduo que não presta. *Fusilar*: denunciar. *Ganso*: ponta de cigarro. *Gazeta*: amante de ladrão. *Graia*: ca valo. *Grampas*: pernas. *Grampos*: mãos. *Grupista*: mentiroso. *Guita*: dinheiro. *Imbronda*: molde de cera para fechadura. *In certos*: botinas com sola de borracha. *Jeremias*: criança que cho ra quando acorda. *Lancear*: roubar carteiras, empregando dois dados. *Laracha*: mentira. *Luca*: um conto de reis. *Lunfa*: la drão. *Luz*: dinheiro. *Manso*: colchão. *Majorengo*: delegado; *majorenao micho*: sub-delegado. *Micho*: pobre, de pequeno va lor. *Ministro*: ladrão de galinha. *Morfar*: comer. *Mosquito*: lenço. *Naifa*: faca. *Neris*: nada. *Paco*: maço de jornais velhos simulando dinheiro. *Paloma*: mulher da vida. *Pelosa*: cabrita. *Peloso*: sobretudo. *Penante*: chapéu. *Penosa*: galinha. *Pisan te*: botinas. *Pivete*: menino. *Raspante*: pente. *Santero*: indiví duo que fornece instruções aos ladrões. *Sonambulista*: narcoti zador. *Tio*: homem rico. *Tira*: agente de polícia. *Toco*: grati ficação dada pelo ladrão ao agente de polícia. *Valentina*: dele gado. *Vento*: dinheiro. *Verde*: mato.

Outra classe social, que usa de língua própria, é o meretrício. Os termos são todos franceses, interessando diretamente à semân tica desta língua e não à nossa.

Do exame destas línguas particulares, destas línguas de gru pos sociais, notamos que somente o significado se altera de um grupo a outro ou de todos comparados com a língua geral. A fonética, a prosódia continuam as mesmas. Nota-se também o internacionalismo de tais linguagens, provindo as palavras de quase todas as nações do mundo, predominando as francesas e espanholas. Observando ainda que os termos da língua comum, ao penetrarem na língua própria de cada grupo sofrem uma res.

trição de sentido e quando o fenómeno é inverso, quando o termo passa do grupo social para o domínio geral da linguagem, dá-se então a *generalização* da significação. *Derramare*, pela própria formação: *de+ram+are*, significava a póda, a monda das arvores, o corte dos ramos. Pertencia à língua própria da agricultura. Passado o verbo à língua geral, alargou-se o sentido, passando a significar *espargir*, não só ramos, mas líquidos também: *derramar água*, *derramar benefícios*. Assim, *romeiro* era o que emprendia a visita a Roma; criados outros centros religiosos, fossem êles Compostela, Lourdes ou Fátima ou N.S. da Aparecida, todos os que tal viagem emprendiam com o mesmo fito religioso, passaram a ser denominados também *romeiros* sem ligação alguma a *Roma*. Ao mesmo fenómeno prendem-se *romaria*, *romagem*, *romeu*. O cristianismo, servindo-se da língua grega e do latim, restringindo o significado de numerosos vocábulos dessas duas línguas gerais, dando-lhes um significado especial, próprio à linguagem do grupo religioso que então se formava: *aggelos*, *biblia*, *presbítero*, *martir*, *episcopo*, *hostia*, *justificação*, etc. sofreram acomodação espiritual. O nome *Lázaro*, segundo os livros santos, leproso ressuscitado por Cristo, elevado à categoria de santo e de protetor de todos os morféticos, terminou por ser aplicado à denominação de todos os morféticos, formando-se uma palavra composta — *maldelázaro* — ou como popularmente se diz: *maldelazo* como sinónimo de lepra, morfêia. A língua arcaica conheceu o verbo *lazerar*, sofrer primeiramente, de lepra, depois de qualquer mal física e já nos trovadores encontramos com o significado traslato de *sofrer de amor*.

A atual educação dos rapazes e das moças conjuntamente vai ter influência em outra ordem de significados até agora, mais ou menos, existentes: a língua própria dos sexos. Cada qual dispõe de vocabulário especializado para a expressão de seus fenómenos mais íntimos, mormente, da vida sexual e das necessidades peculiares a cada sexo. O acontecimento normalíssimo das regras, por exemplo, se entre os homens toma os nomes de *paquete*, *bandeira vermelha*, denomina-se apenas *incômodo* na linguagem feminina, ou quando muito, entre algumas pessoas mais íntimas e imaginosas: *chico*, *o chico chegou*, *veio de baixo*, etc. A falta das regras denomina-se *suspensão*. As mulheres evitam empregar a palavra *coisa*, *coisão*, que possuem significados próprios nos meios femininos. Evitam também *passarinho* e *pomba*, sinónimos dos genitais masculino e feminino. Certo professor da Escola Normal de S. Paulo admirava-se de que toda a classe feminina explodisse em risos incontidos toda vez que mandava ler e, pior ainda, recitar o belo soneto de Raimundo Correia, — *As Pombas*. Muito curioso é o que se passa entre os indígenas brasileiros *Carajás*, do Estado de Goiás. Estudando-lhes a língua, Frei

Luis Palha, O. P. afirma que é tão diversa a modalidade linguística entre os homens e as mulheres que não só a semântica varia, mas até a fonética. Assim, diz êle, “na formação das palavras a mulher carajá intercala um *k* que se não descobre na pronúncia dos homens, empregando ainda a partícula *bo* eufônica, desconhecida da expressão masculina.” Dá-nos alguma exemplificação com os verbos: o verbo morrer *roro* é conjugado, no presente do indicativo, pelos homens, do seguinte modo:

dearã arurúkre
teki rurúkre
kai rurúkre
inã bo rurúkre
kai bo rurúkre
teki bo rurúkre

pelas mulheres:

dikarã rarurúkre
kai burúkre
teki burúkre
inã bo ibutum burúkre
kai bo ibutum burúkre
teki bo ibutum burúkre

Quanto ao emprêgo da partícula interrogativa *no*: esta frase — “Meu filho, me dá o arroz” — dita pelos homens, sóa assim: “*Uariore maysumum bedeõ* — dita porém, pelas mulheres, será: *Ua rikore makisumum no bedeõkre*. (Frei. Luis Palha — O. P. — *Indios Curiosos*”. — pág. 18-20).

Explica-se mais facilmente esta diversidade de linguagem segundo o sexo, atendendo-se a que a mulher, mais caseira, mais delicada e elevada em seus pensamentos, mas, sobretudo, vivendo quase sequestrada da sociedade, criava o seu meio próprio, acomodando o seu pequeno vocabulário caseiro às necessidades da sua expressão. O homem, dispondo de contactos sociais mais amplos, saindo a negócios, em viagens, explorações e até guerras, entrava no conhecimento de outros grupos sociais, ampliando, assim, o seu vocabulário. Modernamente, com o desaparecimento de tais circulos fechados, convivendo os dois sexos sem restrição de grupos sociais, dedicando-se a mulher a todos os misteres masculinos, extinguiu-se este isolamento, refletindo-se no vocabulário que já não apresenta as mesmas diferenciações de outrora. A co-educação sexual, fruto das relações com os Esta-

dos Unidos, os campos de ginástica, as praias de banho, etc., desfizeram nas mulheres aquela superioridade moral que mantinham sobre os homens. Tomaram dêles todos os defeitos e não puderam comunicar-lhes as suas virtudes. Daí o despejo da linguagem feminina dos nossos dias, a liberdade de seus modos, imitando os companheiros de ginásio ou de clube ginástico.

Notamos ainda alguma diferença semântica no vocabulário próprio dos extremos das idades: os moços nem sempre compreendem certas expressões dos velhos e êstes muito menos as daquêles. Os rapazes gostam da gíria, fazem alarde os neologismos, dos empréstimos, dando vigoroso cunho de atualidade à sua fala: *bacana, super, peludo, da pontinha, grana, gaita, granfino, granfinagem, cafa (fageste)* e outras que tais, esmaltam a conversação dêles. Já os velhos têm horror a tais novidades e empregam, no seu conservadorismo, os arcaísmos que os jovens ignoram.

Todas estas diferenciações dos grupos sociais mantêm a parte intelectual do vocabulário, a significação, em perpétuo e contínuo transformar-se, conservando, assim, a vitalidade da linguagem através dos séculos.

CAPÍTULO VII

Causas provenientes da audição — A conversação — Opinião de Vossler — Exemplos curiosos de má audição — Termos novos — Explicações de provérbios já incompreensíveis — Exemplos franceses — Casos dos topónimos portugueses — Numerosos casos do interior do Brasil.

Causas provenientes da audição

Além de todas estas causas, sumariamente nomeadas sob a denominação ampla de *sociais*, não podemos deixar em silêncio outra série de fatos semânticos, redutíveis também êstes às mesmas causas gerais, porém através de outros processos. Quase sempre, ao se considerarem os fenómenos da evolução do significado vocabular, tomamos as palavras faladas. Mas se há palavras *faladas*, claro está que há de haver para quem as escuta, as palavras *ouvidas*. Estes dois elementos se completam de modo tão essencial que, no emprêgo vivo da linguagem, só existe, realmente, linguagem quando se estabelece a *conversação*. Compreende-se isto muito facilmente, reportando-se a que a linguagem é o sistema de símbolos sonoros dos quais se serve a sociedade para a troca das idéias e das emoções. Por isto mesmo foi que afirmou Sapir que o homem, se fosse viável a hipótese, visse isolado, sozinho, sem outrem com quem conversasse, jamais *falaria*: “Eliminate society and there is every reason to believe that he will learn to walk, if, indeed, he survives at all. But, it is just as certain that he will never learn to talk that is, to communicate ideas according to the traditional system of a particular society.” (Language — 2). Vossler, ao seu modo sempre paradoxal, acha que não é necessária a sociedade, bastando quando muito outro indivíduo e mais ainda, sendo suficiente que uma só pessoa seja capaz de manter diálogo consigo mesma, no solilóquio. Mas o que é, absolutamente, indispensável é que tal pessoa possa *perguntar e responder*, estabelecendo, desta maneira, o diálogo, essência da *conversação*, onde só existe língua viva: “It is generally assumed that for conversation several persons are necessary, or at least two: a Jones who speaks to a Smith. That is not so; everyone can speak to himself. At least three of four factors such as feeling, thinking, speaking, understanding, hearing are necessary to speech, but not two persons. . . . No one can speak who cannot understand and answer” (Spirit of Language in Civilization — 8). Seja como for, admitamos várias pessoas, duas pelo menos, ou uma só em solilóquio, o ponto essencial está em que exista *pergunta e resposta*, isto é, *elocução e audição*. Esta é mui-

to mais delicada que a aquela: pode a elocução ser perfeita, mas se a audição for defeituosa, o despertar da idéa, do conceito, da imagem verbal que o simbolo sonoro devia operar, não poderá ser perfeito, dando lugar a várias sucessões de idéias, resultando de tudo má compreensão e o que é mais interessante, alterações semânticas muito curiosas. Não só alterações semânticas muito curiosas procedem desta *má audição*, como também novos sinais sonoros, com fonética alterada. Nem sempre tais alterações conseguem fixar-se no vocabulário geral da língua porque desaparecem sob a correção da escola ou da sociedade mesma. Muitas, entretanto, se enraizam e conseguem longa existência.

Estas *más audições* aparecem, frequentemente, quando o diálogo se estabelece entre pessoas de nível cultural diferente. Psicologicamente, cada qual de nós é levado a referenciar termos desconhecidos a outros já do nosso conhecimento, surgindo então resultados engraçados. Na construção das estradas de ferro, a maioria das quais pertencente a companhias inglesas, os nossos operários, ouvindo os nomes técnicos em língua tão desconhecida, referenciavam-nos a outros mais do conhecimento, mantendo, entretanto, fonética aproximada. Assim, de *sleepers*, dormentes, surgiu *chulipas*, como antigamente, de *corn-bock* já havia saído *corimboque* e de *arrow-root*, *araruta*. No mercado de peixe, no Rio de Janeiro, existe a expressão: *comprar a alto guedes*, isto é, a grosso, em grande quantidade. Foi o que ficou da expressão inglesa: *altogether*. Já em Portugal, pelo que nos conta Leite de Vasconcelos, *Lord Wellington* era dito *Lorde Valentão*. O nome da ilha de *Guernesey* comunicou-se às galinhas miúdas que daí são naturais, mas, dando em nossa língua: *galinhas garnisês*. De modo geral, com mero intuito de divulgação, tratamos deste assunto, em vários artigos em "O Estado de S. Paulo". Aproveitando o material, vamos reproduzi-los, com pequeninas alterações.

Quanto mais estranho for o vocábulo, tanto maior será o perigo de confusão. Se à estranheza da palavra se reunir ainda a ignorância da pessoa, maior ainda se tornará a incompreensão, entrando imediatamente em jogo a analogia, a sucessão de idéias: o interlocutor (ouvinte) no esforço da intellecção, procura associar os sons recebidos a outros já do seu conhecimento, criando então verdadeiros prodígios de curiosidade verbal. Ao lado desta natural consequência da má audição, aparece também o espírito humorístico dos homens que procura descobrir, nos encontros fortuitos de tais estados auditivos, causas de riso e de zombaria. Muitas vezes, porém, principalmente quando se trata do povo, tais formações constituem ótimos argumentos para provar-se esta ou aquela pronúncia em discussão. Quando se ensina que no Brasil se diz *iódo* e em Portugal *iódo*, temos para confirmar tal

d'ódio, confusão auditiva que só poderia existir, baseando-se na pronúncia aberta do vocábulo *iódo*. Entre nós, tal confusão nunca seria possível porque a nossa pronúncia fechada *iódo* não lembra nem de longe a palavra *ódio*. Se pedirmos a qualquer boticário um pouco de *água vegéto-mineral*, antes que no-la venda, nos corrigirá a pronúncia, dizendo: *Água végeto-mineral*. Esta é a maneira corrente de denominar-se o remédio e a que ensinam todos os professores de português. Entretanto, não é a correta. Como se prova? Pelo latim, consultando-se qualquer dicionário onde se achará que *vegetus* é palavra longa, paroxítone. Pelo português, abrindo-se o "Dicionário Contemporâneo de Aulete" onde está a expressão com os acentos claramente indicados: *vegéto-mineral*. Mas a prova melhor é a do povo que diz: *água dobjeto mineral*. Ora, para que o povo pudesse confundir *água vegéto-mineral* com *água dobjeto mineral* só seria possível se o adjetivo *vegéto* fosse pronunciado paroxitonamente. Com a pronúncia que lhe dão: *végeto*, nunca se teria dado tal confusão fonética.

Entre os médicos, alguns há que dão o nome de *madarim* à pequenina haste metálica com que desobstruem as agulhas de injeção. O nome certo é *mandril* em português e *mandrin* em francês. Foi a má pronúncia do vocábulo francês, dito à portuguesa, *mandrim*, que originou a confusão fonética, ligando-se imediatamente a *mandarim*, termo já mais conhecido.

Quando alguém está meio-embriagado, costuma-se dizer que "*está no godório*". Foi ainda um efeito de má audição: o sacerdote, na missa, quando vai ao lavabo, no momento em que o ajudante lhe deita água e vinho nos dedos, dentro do cálice, diz uma oração cujo início é: *Quod ore sumpsimus...* O povo, ouvindo apenas as duas primeiras palavras: *quod ore*, e vendo que há vinho no momento, fez *godório*, com a significação de embriaguez. Com o mesmo significado e com origem igual existe a expressão *estar no musté*, onde *musté* esta por *dominus tecum*. O latim da Igreja tem sido fecundíssimo em tais traduções de ouvido, algumas das quais não deixam de ter a sua ponta humorística. Todos conhecem o *Agnus Dei qui tollis peccata mundi* traduzido por: *água nos dê que atole os pecados do mundo*. Conhecem também o *couro curtido e molhado nem Deus espicha* que outro não é senão o *cor contrictum et humiliatum nec Deus despicias*. Na Igreja do Coração de Maria, em S. Paulo, uma senhora muito simples e devota, cantando o hino "Levantai-vos, soldados de Cristo!", ao chegar ao verso: *o pendão de Jesus Redentor*, gritava, a plenos pulmões, em sua pronúncia vulgar: *o cordão de Jesus rebentô*. As suas palavras *pendão*, *Redentor*, de origem literária; desconhecida da devota senhora, foram, imediatamente, relacionadas com

duas outras do seu conhecimento: *cordão* e *rebenτό*, porque, certamente, pronunciava *Redentó*, segundo o modo popular de São Paulo. Numa romaria ao célebre santuário de N. S. da Aparecida, entoando o povo a oração para depois da benção do Santíssimo: “Deus e Senhor Nosso, protegei o vosso povo, etc.,” quando chegavam todos à frase: “*protegei o chefe da nação e do estado* — uma romeira gritava: *protegei o chefe da estação e da estrada!* E ela tinha razão porque se tratava da famosa Estrada de Ferro Central do Brasil, naquêles tempos, em verdadeiro desmantêlo, com três desastres diários, no mínimo...

Nos grupos escolares de S. Paulo é comum ouvir-se cantar aos meninos, entoando o hino: “*Já podeis da pátria filhos etc.*” — esta deformação auditiva: *Japonês têm quatro filhos...* E’ o mesmo processo do mau ouvido que transformou o ditado galego: *Presuncion, auga e vento* — no português: *presunção e água benta*, e que fez, por meio da analogia de: *não se pescam trutas a bragas enxutas*, o moderno: *não se pescam trutas a barbas enxutas*. Temos aqui a palavra celta *bragas*, ceroulas, já desconhecida das gerações novas que, ouvindo o vocábulo e já não tendo mais referência psicológica, ligou-o a outro foneticamente parecido: *barbas*.

Em Portugal, conta-nos Júlio Moreira, a *Fonte Taurina* passou a *Fonte da urina* e o nome da flor “*Paul Neyron*, sob a influência de palmeira, tomou a forma de *palmeirão*. Tanto lá como aqui, ouve-se “que tal e tal pessoa está sofrendo de uma *úrsula de estômago* e na conversa doméstica ouvimos que se farão, para o almoço, *harmônicas* em lugar de *almôndegas*. Certa moça do povo, querendo engrandecer o casamento de uma amiga, afirmava que o oficiante fôra o próprio bispo e o que era mais: o snr. bispo oficiara de *marmita* na cabeça... Não lhe sendo usual a palavra *mitra* e muito familiar *marmita*, confundiu-as, colocando esta na venerando cabeça do bispo!

Muitos professores primários, ignorando a significação do adjetivo *pingue* bem como a verdadeira pronúncia, reclamam contra a miséria de seus *ordenados pingues*. E’ que, pronunciando *pingue*, ligando foneticamente o adjetivo ao substantivo *pingo*, pensam que signifique *pouco*, *pequeno*, quando o significado é justamente ao contrário: *gordo*, *cheio*, *alentado*. Prouvera a Deus que todos os ordenados dos professores, não só primários, mas até universitários, fossem, realmente, *pingues!*

Conhecemos a certo velho muito conversador que, mal inicia a prosa, já vai pedindo que *falem bem alto porque tem os algarismos desmanchados*, — isto é, os *organismo*, os ouvidos. A um eletricista, este mesmo ancião reclamava que os *bijús* (beijus) se estavam quebrando à toa: referia-se à fragilidade dos *abat-jours*. A velha expressão culinária: *em vinho* e alho passou mo-

nária, — *baraço e cutelo* — deu esta outra: *braço e cauteta*. De *carib* formou-se antigamente *caribal* e depois, sob a influência de *canis, canino*, passou a ser *canibal*. A palavra *eclipse*, seguindo as leis fonéticas, deu a forma hipotética *crisse* que por épocope se reduziu a *cris*. Formou-se daqui o verbo *crisar* muito usado no interior do Brasil. Em época de eclipse é comum ouvir-se: “O sol vai *crisar* com a lua”.

A língua francesa, muito mais obscura, em sua fonética, do que a nossa, monótona pela falta das proparoxítonas, presta-se muito mais a estes enganos auditivos. Inúmeras são as traduções espantosas que a tradição das escolas vai transmitindo de professor a discípulo. Em lugar de repeti-las, será preferível renovar as duas anedotas que os próprios livros franceses costumam trazer. Assim, na época de Luis XV, quando os duelos andavam em moda, deveriam bater-se um inglês e um francês. Fôra escolhido o revólver como arma decisiva, mas, a certo momento, antes dos primeiros tiros, arrependeu-se o gaulês, e, querendo prorpor novas armas ao inglês, disse-lhe, naturalmente: *parlementons!* Mas o inglês ouviu: *par le menton* — e alojou-lhe no queixo um projétil. Célebre foi também o caso de certa senhora muito pudica, natural da *Savoie* e que, assistindo à tragédia *Paros*, ao ouvir o verso: “Un héros à sa voix enfante des soldats, — retirou-se ofendida do teatro porque ouvira distintamente: “Un héros, en *Savoie enfante des soldats*”.

Vários topónimos portugueses, de origem árabe ou ibérica, pela impossibilidade de pronta explicação por parte do vulgo, deram motivo a explicações lendárias e, certamente, falsas, baseadas todas na pura audição das palavras. Um dêles é *Arcede*. Diz a tradição que aí perto, em Ermelo, havia no tempo del-rei dom Afonso Henriques, um convento de frades crúzios. Apesar de toda a santidade do instituto, o lugar era hostil à comunidade porque faltava água em todas as adjacências. A fundação era, porém, de doação régia e não poderia mudar-se de sítio sem expressa permissão do monarca. Digiriram-se os frades ao rei, pedindo-lhe licença para se estabelecerem em outro local. No despacho de sua majestade existia esta frase: “pois que ham sede” e daqui o nome do novo local.

Alijó é outro: duas lendas tentam explicar-lhe a denominação, cada qual mais absurda. Diz uma que o dono de tal paragem tinha o duplo nome de *Ali Job*; da pronunciação rápida de ambos sem a prolação da consoante final do último, surgiu *Alijó*. Quer a segunda que, em tempos muito antigos, quando Jesus ainda passeava pelo mundo, vindo em visita à Ibéria, trouxe consigo como companheiro de jornada o pacientíssimo *Job*. Mas

já nesse tempo havia salteadores e dêles andava cheia a terra portugêsa. *Job*, o mais tímido, estava justamente a referir-se a tais ladrões quando o *Senhor* avistou um grupo de tais, a certa distância. Imediatamente comunicou o fato ao companheiro de peregrinação, mas, como estivesse ambos separados por alguma diferença de caminho ou não ouvisse bem o “modelo dos sofreadores”, insistia êste a perguntar:

— Onde estão os ladrões, Senhor?

— Ali, Jób!

E o lugar passou a ser tão irreverentemente crismado *Alijó*. Claro está que tal léria foi inventada por qualquer povoação vizinha e rival, como sempre acontece em todos os países.

Magide continua a história dos topónimos portugêses. Conta-se que no tempo dos mouros, dando-se aí viva peleja entre êstes e os cristãos, foi feito o voto de erguer-se uma igreja a *Nossa Senhora Me ajude*. Com o costume, já não se dizia mais senão *Majude* e como, nessa parte do território portugêse, o *u* latino fosse pronunciado à francêsa, *Majude*, tornou-se enfim *Magide* (*Majide*). A origem árabe de tais topónimos desfaz todas estas historietas. Em São Paulo, a cidade de *Taubaté* é dita pelos naturais dela: *Tabuaté*. O bairro do *Pacaembú* (córrego das pacas) é pronunciado *Paecambú*. O vigário do lugarejo de *Fernando Prestes*, zangado com o povo, alterava o nome para *Fernando não Presta*. Nos dias da guerra, quando foi tomada *Singapura* (*cidade dos leões*), gritavam os vendedores de jornais que “havam tomado *Pingapura*”, isto é, aguardente pura.

O nome das doenças, mormente, dalgumas que só modernamente começaram a aparecer na conversação do vulgo, traz grande embaraço aos simples. E' comum aparecerem, nos consultórios médicos, honestíssimas senhoras a queixar-se de que estão sofrendo do *penis*, isto é, do *apêndix*. Claro está que o facultativo logo entende a confusão fonética porque a fisiologia não permitiria a nenhuma senhora tal luxo de enfermidade. A outro operador apresentou-se um rapaz muito aflito: ia casar-se e necessitava de que o cirurgião lhe fizesse a operação do *crepúsculo*. Mas qual seria o mestre do bisturi capaz de operar o *crepúsculo*? É que o jovem sofria de fimosis e desejava cortar o *prepúcio*. Nas farmácias já estão acostumados os boticários a vender *água sedativa* quando pedem apenas *água selativa*. A idéia do *selo* é a responsável pela confusão. E a *água de milícia* que todos pedem em lugar de *água de melissa*?

Quando alguém se embriaga e comete desatinos, é hábito portugêse dizer-se: Foi culpa do *rei Davide*. Mas que tem o rei Davide com tais desatinos? Trata-se aqui do *rei da vide*, o vinho. Esta confusão serve para dirimir-se a questão da pronún-

rece-nos que sim, pois, se assim não fora, não soaria *davide* e não iria procurar confusão com o *rei da vide*. Mas no Brasil a dental final não é pronunciada. Diz-se apenas *Davi*.

Alguns provérbios, tal como aquêles que já citamos: — “Não se pescam trutas a barbas enxutas” — apresentam variantes fonéticas justamente porque os símbolos sonoros antigos, tendo cessado em sua transmissão histórica, desapareceram também. A semelhança de sons levou os modernos a substituí-los por outros mais próximos, foneticamente, porém, distantes no significado, na referência psicológica. Temos assim: “Casa onde não há pão, todos gritam e ninguém tem *razão*”, onde esta última está por *ração*. Pois a falta de pão seria fortíssima *ração* para que todos gritassem e porque não há pão e ninguém, ipso facto, tem a sua *ração*, todos gritam. Dá-se a mesma confusão em: “Estar em *papos* de aranha”, onde *papos* está por *palpos*. Maior dificuldade encontra-se em: “Fazer de gato sapato”. Todos entendemos que por tal provérbio queremos dizer: maltratar, espezinhar a outrem. Mas que vem a fazer aí aquele *sapato*? Entende-se, recorrendo à língua arcaica onde a preposição *sob* se assimilava à consoante inicial do substantivo regido. Assim: *sopapo* = *sob papo* — *sonoite* = *sob noite*; *sopé* = *sob pé*. No caso do nosso provérbio será: *sob pata* = *sopata*. Esta palavra era igual a outra arcaica *sapata*, em castelhano *zapata*: tendo desaparecido esta da nomenclatura medieval, tendo porém ficado o ainda vigente *sapato*, a esta se veio confundir. O provérbio, portanto, será: *Fazer de gato sopata*, — isto é, ter o destino do que se vê como gato sob pata, naturalmente, de cão.

Nos brindes de casamento a expressão mais comum é a de *prolfaças!* Segundo a explicação de Júlio Moreira, temos aqui nada mais do que *prode lhe faça* onde a palavra arcaica *prode* significa *proveito*, equivalendo a saudação a: *bom proveito lhe faça*, naturalmente, o casamento. De *prode lhe faça* passou a frase a *prol lhe faça* e ainda hoje temos a forma *prol: homem de prol*. Na rapidez da pronúncia, o pronome *lhe*, pronunciado *lhi* passou a *li* ainda mais sob a influência do *l* de *prol: prolli faça*. Ligando-se os dois primeiros vocábulos numa só elocução, temos *proli faça*, desaparecendo o *i* por ser átono, surgiu então a forma definitiva e atual: *prolfaça*. O mau ouvido, porém descobriu semelhanças entre *proli faça* e *prole faça*, isto é, *filhos faça!* A intenção de quem assim baralhou as expressões era boa e, certamente, muitos dos então noivos a executaram *animo grato ac libente*.

No interior do Brasil é corrente a expressão *banaboia*, sinónimo de bobo, trouxa. Há em castelhano *buenaboia* e em italia-

no *bonaboia* (*buonaboia*). A forma portugueza *banaboia* traz a assimilação do primeiro *o* a *a*. Decompõe-se, como é visível, em *bona*+*boia*. O substantivo *boia* já nos veio do latim vulgar e significava *corrente, cadeia*. Com esta *boia* eram presos os remadores das galés, condenados a tal suplicio pelas leis do tempo. Ao lado dos condenados apareceram depois os profissionais e finalmente alguns que se submetiam a tal serviço unicamente pelo negro pão de tal mister. Estes é que tomavam o nome de *bonaboia*, verdadeiros bobos, trouxas, tontos. O desaparecimento do fato e da lei que tal fato regulava, alterou a transmissão exata do significado da expressão, mas o significado traslato permaneceu.

Vendryès afirma em “Langage” que os famosos cachimbos de *escuma do mar* tiram o nome de um erro auditivo. O fabricante de tais cachimbos é que se chamava *Kummer*, mas, pronunciado à franceza *pipes de Kummèr*, pôde ser decomposto pelos ouvintes em *pipes d’écume de mer*. A nova denominação teve tal aceite que o próprio alemão a traduziu: *Meerschaum* = escuma do mar. Tal explicação dada por *Vendryès* é contestada pelos geólogos, afirmando que existe realmente a *escuma do mar*, nome de certa liga mineral, plástica, abundante na Turquia e em outras regiões da Europa.

CAPÍTULO VIII

A necessidade da nomenclatura adequada à semântica — A criação de Carnoy — Aplicação à língua portuguesa — A metassemia e as suas divisões — Exemplificação sobretudo do Brasil.

Cessada a transmissão de um vocábulo, seja lá por que causa, ao aparecer novamente em outra geração, a parte psicológica dos indivíduos, mercê da percepção e da associação de idéias, dá-lhe novo significado que é, quase sempre, uma substituição de referência psicológica, passando o sentido secundário a primário. Desta forma, o termo *bonaboia*, que se applicava aos remadores das galés, officio que praticava a trôco da subsistência, ao contrário dos que o exerciam por sentença dos tribunais ou por dinheiro, desaparecido o fato social, deixou de ser transmitido às gerações seguintes nesta primitiva accepção. Reappareceu, porém, em italiano, espanhol — *buenaboia* — e português *banaboia*, com a significação de bobo, estúpido, trouxa. Este segundo significado lhe era conexo porque somente um grandíssimo bobo, estúpido, poderia entregar-se a suplicio tão grave apenas para ter o que comer. De secundário passou a essencial.

Outras vezes, sob a influência social dos grupos profissionais, dos dialetos, das gírias, dos empréstimos, o termo passa do grupo social à sociedade toda, ou desta àqueles. Em todos os casos, dada a *deslocação* do termo, quer pela cessação da continuidade do seu emprêgo (*bonaboia*), quer porque do grupo profissional entrou para a sociedade (*derramar*) ou desta naquêle (*trabalho*, sob o ponto de vista do médico, do estudante, do padre, do gatuño etc.), três são os grandes gêneros de alteração semântica, tendo cada qual numerosas espécies: *deslocação*, (sentido figurado), *generalização* e *particularização*.

Todos os que trataram de tais fenómenos do significado, tais como Bréal, Darmsteter, Nyrop, Meillet para só citar os maiores, usaram de denominações já conhecidas, da gramática, da retórica. Nenhum dêles se deu ao trabalho de criar a nomenclatura da semântica. Entretanto, não há ciência que não possua a sua terminologia própria, o seu vocabulário técnico através dos quais os iniciados se entendem melhor e melhor expõem suas idéias. Foi A. Carnoy, professor da Universidade de Lovaina, o primeiro a lançar, com o seu livro "*La Science du Mot*" — Louvain — Editions "*Universitas*" — 1927 —, a nomenclatura, a terminologia da ciência das significações vocabulares. Buscou no grego os elementos necessários, como sempre se faz, e compôs os termos técnicos necessários. Eis como se expressa o autor:

“Quant à la *nomenclature*, la sémantique est restée jusqu'ici dans l'enfance. Aucun auteur ne s'est employé à fournir une terminologie systématique. Le terrain est encombré des termes hérités de l'antique rhétorique: *métonymie*, *synecdoque*, *cataphore*, etc., lesquels ont le défaut d'avoir été inventés pour désigner le caractère *externe* du phénomène en tant qu'il a une valeur *littéraire*. Ils sont, en outre, souvent imprécis et sont loin de couvrir tous les cas que l'on doit distinguer. Ajoutons qu'ils n'offrent aucune uniformité de composition et ne définissent nullement les phénomènes les uns par rapport aux autres.

Ces mots comme ceux empruntés au langage courant sont, donc, peu propres à devenir des termes techniques parce que leur sens littéraire ou leur signification courante prête à confusion. Il est impossible de sortir de cette situation éminemment préjudiciable aux études de sémantique sans se résigner à introduire une terminologie nouvelle aussi rationnelle et aussi simple que possible.

C'est ce qui nous a décidé à appliquer ici un système nouveau. Le grand nombre des termes que nous avons forgés, peut sembler troublant au début, mais comme ceux-ci sont basés sur un système de dérivation fort simple, il suffit d'un léger effort pour se familiariser avec eux, ce qui permet de manier les faits de sémantique avec une aisance que ne permettent pas les autres terminologies. Si l'on éprouve qu'il en est réellement ainsi, le système aura prouvé sa raison d'être, si imparfait qu'il soit et qu'il doive nécessairement être.”

(Op. cit. 96)

Ainda não vimos, em obra alguma deste gênero de estudos, que a nomenclatura de Carnoy tenha sido aplicada. Isto é muito da rotina dos trabalhos de linguística: uma vez adotado um caminho, dificilmente, deixam a velha senda por outra nova, muito embora seja esta superior àquela. Nada há tão difícil de vencer como a rotina nos estudos de linguagem. Achando, contudo, que é uma necessidade a adoção de termos adequados à ciência que temos entre mãos, vamos aplicar aos fatos da língua portuguesa, as criações do professor de Lovaina. Algumas das suas palavras técnicas não serão aplicadas pelo fato de acharmos que são redundantes, estando já o fenômeno explicado por outro termo anteriormente empregado, pois, se isto for defeito, é o que encontramos em Carnoy: a sua exagerada preocupação de dividir e subdividir as classificações, dando a cada uma destas partes um nome próprio. A exagerada subdivisão traz confusão de idéias em lugar de esclarecimento. Como tais distinções nos parecem desnecessárias, não adotaremos a terminologia que as acompanha. Em tudo o mais, data venia, pela primeira vez, num

tratado de semântica, em língua portuguesa, será aplicada a inovação do mestre belga.

A Metassemia e suas divisões

Toda e qualquer alteração no significado da palavra, seja para mais ou para menos, seja por oposição ou por semelhança, dando-se portanto, uma substituição entre as várias significações correlatas, denomina-se o fenômeno *metassemia*, que significa apenas: *alteração do significado*.

Se o velho latim *ripariam* indicava apenas as margens do rio; significado que ainda conservou o português arcaico e clássico *ribeira* e designa hoje a própria corrente d'água, houve em seu conteúdo psicológico, grande mudança, isto é, uma *metassemia*. Maior ainda tivemos em *torrente* que, provindo de *torrentem*, prendendo-se a *torrente*, *torridus*, quente, como ainda vemos em *zona tórrida*, em *torrar*, *torridus*, passou hoje a significar o oposto, caudal d'água. A impossibilidade de criar para cada idéia um termo especial leva-nos a refernciar muitas idéias semelhantes a um mesmo símbolo fonético, notando-se, contudo, pequenina e, às vezes, imperceptível diferenciação entre uma referência e outra: *cabeça* de rebelião, da casa, da família, da comarca, do monte; *cabeça* de negro, de turco, de pau; *cabeça* de prego etc. Dá-se também o contrário: um mesmo conceito pode ser expresso por várias palavras, havendo sempre entre elas pontos de especialização, como se dá nos sinónimos. Este mesmo conceito de *cabeça* é dito: *crâneo*, *coco*, *cocuruto*, *sinagoga*, *alto do piolho*, etc. O que se diz *rosto*: *fachada*, *cara*, *lata*, *frontespício*, *careta*, *máscara*, etc. São todos fenômenos de *metassemia*.

As alterações do significado podem ser feitas por uma lenta e quase imperceptível contaminação estabelecida entre o conceito principal de uma palavra e os conceitos secundários, de tal sorte que um vai cedendo o lugar a outro sem que se perca, entretanto, a idéia principal que em todos se entremostra levemente alterada. É o que se denomina *metendosseмия*. Pode ser *simples* quando a idéia principal se mantém embora levemente alterada; *complexa* quando outra nota se junta à primeira. A *metendosseмия simples* compreende a *ecseмия* quando se dá uma extensão da idéia principal; a *prosseмия* quando a idéia principal sofre restrição; a *perisseмия* quando a idéia básica se vê aplicada a outros símbolos.

Quando a alteração do significado se faz, não por contaminação, mas por *substituição* de um simbolo por outro que seja mais expressivo ou menos ofensivo, como nos casos de *metáfora* e de *eufemismos*, denomina-se *diassemia*. Quando, no Brasil, em lugar de dizer-se que fulano é *muito inteligente*, diz-se apenas que é um *Rui Barbosa*; quando em toda a língua portugueza, o nome do mais cruel alkoz passou a sinónimo de tal vocábulo, isto é, *carrasco*; quando se deveria nomear a *morfeia* e prefere-se dizer: *mal de Hansen*, temos em tudo *diassemias*.

CAPÍTULO IX

**A metendossemia — Velhos símbolos e referências novas —
As antigas instituições sociais — A ecsemia — A tipossemia.**

A Metendossemia

O significado de uma palavra encerra quase sempre várias notas, tão intimamente conexas, que umas participam das outras, podendo sempre o espírito humano distinguir a básica e principal das secundárias e acidentais. Acontece por várias causas que a primeira cede lugar à segunda, esta à terceira, etc., alterando-se, assim, imperceptivelmente, o significado do vocábulo, mantendo-se, porém, a conexão primitiva. O significado primeiro *desliza*, por assim dizer, aos demais, dando-se uma alteração íntima, intrínseca, no símbolo sonoro, o que se expressa pela palavra *met-endo-semia*. A expressão latina *asinus burrus*, ao pé da letra, *asno vermelho*, mostra-nos o processo da contaminação: o simples adjetivo *burrus*, que indicava apenas a cor do asno, contaminou-se e a idéia principal, básica, — *asinus* — passou à segunda — *burrus* (vermelho). Mas em íntima união com *asno* estava a nota de *pouco inteligência* e hoje *burro* é sinónimo de falta de inteligência. A raiz *kara*, com as variantes *kala*, *gara*, *gala*, de origem ibérica segundo muitos, significava *montanha* mas sobretudo *rochosa*. Passou depois a designar os *abrigos* construídos nas encostas das montanhas; em seguida quaisquer *abrigos*, donde o francês *gare*, *garage*. Finalmente designou a pessoa ainda necessitada de abrigo, de *proteção*: *garçon*, *garzone*, *garção*, *garoto*. Na significação de *lugar pedregoso* temos em português: *carrascal*, *carrasqueira*, *carrasco* e *carvalho*, árvore que em tais terrenos medra. Muitos dão tal raiz como ibérica ou pre-indo-européia, v.g. Dauzat, em “Toponimie Française”, mas podemos ligá-la ao sanscrito *giri*, montanha, que nos faz supôr um indo-europeu *garei*, que vive em lituânio *gire*. Se tal suposição for aceita, a raiz *gara* ou *kara* não é ibérica. O velho grego *kauma* (καυμα) e o latim *calma* significavam apenas *calor*, *quente*. Assim encontramos em português: a hora da *calma*, estação *calmosa*, o verão. Mas a época do calor coincide com a falta de ventos e daqui o segundo sentido de *tranquilidade*, de ausência de movimentos, *calmaria*. Tais substituições gradativas, imperceptíveis, são muito frequentes em palavras que já não possuem mais aquela rigorosa simbologia anti-

ga, primitiva, etimológica, mas continuam a manter-se como designativas do *processo* técnico de outrora. Sirvam de exemplos *chumbar dentes a ouro, a platina; andar a cavalo* numa besta, num cabo de vassoura; estar *a cavaleiro* numa questão, duma cidade; *encouraçados* de ferro e bronze, aço etc. Escrever com *pena* de ouro, de aço; ficar de *quarentena* por algumas horas; fazer *sabatinas* semestralmente; *apagar* a luz elétrica. Antes do aparecimento do *chá* da China, os remédios chamavam-se *poção, mezinha, beberagem, etc.* Mas depois a palavra *chá* passou a ser empregada mais geralmente e tivemos *chá de limão, de erva cidreira, de canela, etc.*

Todos os autores de semântica tratam da alteração que o progresso vai imprimindo às invenções técnicas e se bem que o material, o instrumento já não sejam os primitivos, continuam, entretanto, as velhas denominações, muitas vezes em contraste com a sua etimologia e significado originários. Dá-se, em tais casos, a substituição gradativa, portanto, metendosseia, da referência psíquica, do conteúdo psicológico, permanecendo, contudo, o símbolo fonético, o vocábulo. Já acima demos alguns exemplos e não será demais procurar outros. O *papyrus* foi o primeiro material subjetivo da escrita clássica. Substituiu-o depois o *pergaminho* até que se inventou o *papel*. Mas a palavra *papel* é o mesmo *papyrus* foneticamente alterado. Desta forma continuamos a dizer que escrevemos em papiro, isto é, papel. Os dois produtos, entretanto, são bem diferentes. Nesta mesma ordem de idéias temos ainda as mesmas expressões de outrora, dos antigos *scriptoria calligraphica* da idade-média: *volume* quando os nossos livros já não são mais enrolados; *livro* e não é mais feito de cortex de árvore. Dizemos ainda: “Ler um livro de umbigo a umbigo”, o que era verdadeiro quando o volume, enrolando-se em uma vareta, ao mesmo tempo que de outra se desenrolava, tinham tais varetas as pontas ornadas, denominando-se *umbelicum*. Usamos ainda: *currente cálamo, lapsus calami*, — e há muitos séculos não se usa mais, para escrever, o *cálamo*, a vareta de junco, de ponta rachada. Já há muitos séculos foi o cálamo substituído pela *pena* de ganso, pato, etc. e, embora já não se atormentem tais aves para arrancar-lhes a *pena*, continuamos a dizer que escrevemos com *pena* de ouro, de aço, de ferro etc. *Caneta* é apenas o diminutivo de *cana*, o antigo *calamus*. Modernamente as *canetas* já são de metal, mas continua o nome. Os antigos relógios de sol não passavam de um *quadrado* de pedra onde um ponteiro marcava, pela sombra, a hora. Por isto lhes chamavam os antepassados: *quadrantes*. Os modernos são, na maioria, redondos, mas continuam os literatos a falar do

quadrante do sol. Vieram depois os relógios que se movimentavam pela quêda de pesos, sob a influência da lei da gravidade. Tais pesos estavam amarrados à ponta de longas cordas. Quando estas se desenrolavam completamente, era necessário fazê-las subir de novo e dizia-se então: *dar corda* ao relógio. Continuamos ainda a *dar corda* aos nossos modernos muito embora nenhum dêles caminhe pelo velho sistema dos pesos.

Castiçal, provindo de *cannicistal*, segundo Michaelis, não passava de uma cana, taquara, em cuja extremidade se acendia o pavio encerado. Nem por sonho lembram os modernos castiçais o seu ancestral modesto, mas, continuam a trazer-lhe o mesmo nome.

As *instituições* sociais passam pelos mesmos fenômenos, bastando apenas recordar que todos os termos do cristianismo são tomados às religiões do tempo, quer na Grécia, quer em Roma. Os símbolos fonéticos permaneceram os mesmos, mas a referência psíquica foi substituída. A começar pelo grego *ekklesia*, meramente, reunião, assembléia, passou a designar a reunião, a assembléia por excelência, isto é, a *igreja*. A *basilica*, a *cúria*, aquela uma igreja privilegiada, esta a reunião das secretarias pontificias, estão muito longe da *casa real*, da *casa senhoril*. O *pontífice* já nada tem que ver com a reparação das pontes, nem *papa* significa apenas o *velho*. A *hostia* é a eucaristia onde não existe mais a idéia de *sacrifício cruento*. Nos Estados modernos é grande honra ser *ministro* da fazenda, do exterior, da guerra, etc., porque já se obscureceu a idéia de *servir*, portanto, de *servo*, *criado*, que existe na etimologia da palavra. *Academia*, *acadêmico*, não recordam cousa alguma do “Jardim de *Academus*” como *pecúnia*, *pecúlio* dizem apenas riqueza, sem a lembrança do rebanho que significava *peeus*. Da mesma forma, quem mais pensa em *sal* quando recebe o seu *salário*? E quantos *proletários* não há sem *prole* alguma? Não continuamos a chamar *pratinha* à moeda de vil latão? E não dizemos que fulano tem muito *cobre*, *ouro*, *prata* quando queremos afirmar que é apenas rico? O *pelourinho* já não existe mais e muita gente ainda vive “amarrada ao pelourinho”.

A Ecsemia

EXTENSAO DO SIGNIFICADO

Dois fatores concorrem grandemente para que um mesmo simbolo fonético seja aplicado a várias referências psicológicas: a impossibilidade de criar para cada referência um simbolo ade-

quado e próprio e a imprecisão do significado, ou melhor, dos limites de flutuação do significado básico de cada símbolo sonoro ou palavra. Concorrendo, ao lado da nota essencial e básica outras secundárias e acidentais, o limite preciso entre tais notas é sempre incerto e flutuante. A parte psicológica do indivíduo, por meio de associações de idéias, de aproximações significativas, vai aplicando a novas referências antigos símbolos desde que entre ambos descubra paralelismo ou aproximações de significado. Desta forma o termo se estende a outros conceitos, dando-se a *ecsemia*.

Na vida comum de todos nós, raramente empregamos o termo exato na indicação do conceito que queremos expressar. Procuramos o mais próximo, o que menos mal se adapte, e assim fazemos todo o nosso intercâmbio social de idéias e emoções. Soamente os técnicos empregam, na sua esfera de conhecimentos, os vocábulos exatos. Na designação, v.g. das partes do corpo humano, não fazemos distinção entre *dedos* e *artelhos*; em lugar de *pantorrilha* usamos simplesmente *barriga da perna*. O *coxis* é apenas o *coranxim*; a *espinha dorsal*, *suã*, quando esta palavra é própria do porco. *Dorso* é palavra literária; o povo diz sempre *costa*, *costas*, distinguindo estas das *costelas*. *Torax* é cousa desconhecida para a maioria que apenas fala em *caixa do peito*. Igualmente *ventre*, *estômago* passam à denominação geral de *barriga*. Na linguagem pitoresca do vulgo é apenas *caldeira*, *fornalha*, *pança* e alguns mais grosseiros dizem mesmo *caixa da merda*. Na designação dos dedos da mão *polegar*, *indicador*, *médio*, *anular*, *mínimo* são substituídos por *dedão*, *furabolo*, *pai de todos*, *seu vizinho* e *minguinho*. Assim como as crianças, em sua linguagem onomatopaica, começam por designar o *cão* por *au*, *au*; o *gato* por *miau* e o automóvel por *fonfom*, o bonde por *tintim*, aplicando as mesmas onomatopéias a outros animais e veículos que vão conhecendo, desde que entre o antigo e o novo conhecido haja certa semelhança, também os adultos fazem o mesmo. A associação de idéias é que os guia em tais fenômenos da linguagem. Assim conhecemos o *porco-espinho*, o *porco do mato*; o *peixe-boi*, o *cavalo-marinho*, o *gato do mato*, o *cachorro do mato*, a *estrela do mar*. Depois que apareceu o automóvel tivemos o *autocarro*, o *autobus* o *automnibus*. Quando se inventaram os balões, os aeroplanos, por falta de termos adequados passou-se a chamá-los *passarola*, *avião*, *balões*. Muitas vezes acrescenta-se um determinativo para especificar o genero comum: *olho d'água*, *olho da fechadura*, *olho da rua*, *olho do machado*; *pé de boi*, *pé de pato*, *pé de galinha*, *pé de moleque*; *língua de vaca*, *língua de sogra*, *língua de trapo*; *pedra de raio*, *pedra de cevar*, *pedra de escândalo*. Nem sempre a preposição *de* continúa expressa como se vê acima nos exemplos de: *porco-es-*

pinho, mestre-sala, guarda-marinha etc. Em outras circunstâncias, levados pela preguiça de procurar simbolo mais adequado, atribuíram os homens um mesmo simbolo especificado na designação de todas as demais espécies, passando, portanto, a genérico. E' o caso de *pomada* que só poderia ser feita de *pomo*, maçã, e hoje dizemos de tudo: *pomada de enxofre, de alcatrão, de beladona etc.* E' comum ouvir-se *marmelada* de goiaba, banana, laranja. Dá-se o mesmo com *vinho (uva)* de laranja, *cerveja* de mel e faz-se muito *chocolate* onde o que não existe é realmente chocolate. A idade média conheceu o verbo *tropare* na significação de inventar novas melodias, fazendo variar as já conhecidas. Quando o progresso intelectual permitiu aos poetas inventar novas cantigas, tomando inspirações comuns, applicou-se o mesmo verbo *tropare*, dando-nos *trovar, trovador, a trova*. O ato de cair da riba do rio ou do mar à água (*de+ripare*) deu-nos *derribar* que depois designou toda e qualquer queda. A variante *derubar* pode ser explicada por *de-rupare* — em opposição a *de-ripare*, e seria cair do rochedo, fosse ou não riba. A pequena vela denominada *gata* mantém, quando aberta, o equilibrio do barco; amarrada, porém, desequilibra-o, fazendo-o jogar. O *ébrio*, por falta de equilibrio, passou a ser denominado aquêlle que “amarrou a gata”.

Tipossemia

Muitos povos, muitos individuos célebres, ficaram na linguagem de todas as nações como simbolos cuja referênciã se vem extendendo a muitos fenómenos sociais. Carnoy lhes dá o nome de *tipossemia*, variante da *ecsemia*, mas bem poderíamos dizer: *etnossemia* quando se trata de povo e *antropossemia* quando de individuos. Assim temos os atos de *vandalismo*, os *hunns* modernos, os *boêmios* de sempre, os *canibais etc.* Os missionários cristãos, encontrando entre os nossos indigenas muitos casos de sodomia, deram-lhes o nome de *bugres*, transformação de *búlgaros* que passaram, outrora, como os mais dados a tais vicios. Dizer-se de alguém que é um *judeu*, um *jesuita*, é comum. Os *tarzufos, nerros, césaes, pasquins, afrodites, bacos, madalenas, mesalinas, esculápios, hermafroditas, janos, megeras, titans, calepinos, cresos, dédalos, epicuros, fiacres, guilhotinas, jeremias, judas, lázaro, mecenas, silhuetas, estradivários, tilburis, verónicas, zoilos* são exemplos de antropossemias correntes em qualquer literatura.

Entram para esta classe de antropossemias as personalidades puramente literárias e que depois passaram a ser applicadas a todos os que apresentaram certa semelhança de qualidades ou de defeitos. Conhecemos os *anfitriões*, os *dons quixotes*, os *sanchos panças*, as *dulcinéias*, os *figaros*, os *gargantuas*, os *matamoros*, os *panagruéis*, os *polichinelos*, os *rossinantes*, os *sacripantas*, os *sósias*, etc..

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

CAPITULO X

**A prossemia — Restrição e especialização do significado —
A individualização — Efeitos da linguagem afetiva.**

A Prosemeia

RESTRIÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO DO SIGNIFICADO GERAL

Nesta classe incluímos todos os fenómenos opostos aos que acabamos de estudar. Em vez de estender a nota principal de referência psicológica, substituindo-a, gradativamente, por outras secundárias, mas sempre conexas, toma-se tal nota básica e se lhe acrescentam outras que a especializam, que a restringem, dando-lhe um significado especial, de acôrdo com o meio social em que passa a ser empregada. A palavra *trabalho*, *exercício*, *operação*, cada qual, segundo o meio social em que aparece, traz consigo alguma cousa a mais que lhe dá aspecto próprio, especial. A *operação* que faz o banqueiro não é a mesma que faz o cirurgião, nem a que pratica o matemático. O *trabalho* do lavrador difere do *trabalho* do aluno de colégio, como o *trabalho* duma parturiente difere muitíssimo do *trabalho* de um ladrão. O *exercício* do ginasta é outro do *exercício* do asceta; o *exercício* duma classe nada tem que ver com o *exercício* de um cargo, de uma função.

Estas especializações de sentidos terminam por enriquecer o vocábulo de numerosas significações, o que vem a ser a *polissemia*. Do latim *stationem*, parada, tivemos *estação*: local onde param os trens, os bondes; época do tempo em que a temperatura e os fenómenos são mais ou menos estáveis: inverno, verão; primavera, outono; as quatorze paradas da Via Sacra chama-se também *estações* bem como as temporadas da moda.

Não é raro que uma destas significações predomine sobre as demais e só assim seja transmitido o vocábulo às gerações futuras, desaparecendo as demais. E' o caso de *aperitivo* que, provindo de *aperire*, abrir, significava na linguagem médica purgativo. Pelo contágio do mesmo verbo *abrir* passou a significar o heberete que *abria* o apetite e só neste sentido se fixou. Parece-nos que desta fórmula se explica também o contrasenso que existe em *abrigo*, pois, provindo de *apricum*, indicava lugar aberto, descoberto e hoje é justamente o contrário: lugar fechado. Segundo os meios sociais em que foi recebido o termo se lhe fo-

ram dadas diversas significações, o que ainda está vigente nas línguas românicas: o latim *aura*, mas numa forma adjetival *auraticum* deu em provençal *auratche* e em francês *orage* e em português *aragem*. O francês distinguia: *bel orage* = vento favorável e *grand orage* = tempestade. Houve uma restrição no significado, passando *orage* a significar simplesmente tempestade. Mas em nosso idioma continua *aragem* a significação primitiva do latim: brisa, vento suave. De *creare*, na forma do particípio presente *creantia*, mantem o espanhol *crianza* no sentido *criação, educação*, ao passo que em português, *criança* é sinónimo de menino. O latim *facticium*, que nos deu *feitiço*, recebeu entre nós o significado especial de cousa sobrenatural, mágica, encantada. Passando ao francês *fetiché* tomou o sentido de idolo. Os adjetivos *ganatum* e *venatum* dos verbos *ganare* (ganhar), *venari* (caçar) indicavam, a princípio, todo e qualquer animal obtido pelo ganho ou pela caça. Restringiu-se hoje o significado passando, primeiro, *gado* a designar todo animal que vivia em rebanho e atualmente apenas o bovino. De *vernatum* fez-se *veado* que suplantou o antigo *cervo*. Da mesma forma *pullum, pulletrum*, que designa em todas as línguas romanas o *frango*, veio dar *potro, poldro, potro, potrinho, potranca*, da família equina. O baixo latim *bǽstia* forneceu-nos *besta*, isto é, a *mula* e *bicha* que depois teve o masculino *bicho*. O significado latino era muito mais amplo: todo animal irracional.

O trabalho de especialização pode chegar à *individualização*, tomando então a palavra significado inteiramente diverso e próprio, único mesmo. *Bandeirante* era todo aquele que se unia a um *bando*; mas no Brasil é designativo único do *paulista*. Tanto *Alpes* quanto *Andes* significam apenas *montanha*, mas, tomaram o sentido único em que conhecemos modernamente. A capital do Brasil chama-se simplesmente o *Rio*. As raízes prelatinas *dor, dur*, significavam apenas curso d'água, corrente líquida. Já encontramos em latim *Durius, Duria* donde o nosso *Douro* cujo significado era simplesmente: *rio*. Está na mesma linha de idéias a raiz *ar* com o mesmo significado e vamos encontrá-la em *Araca, Aracone* donde *Aragão*. Outra raiz com idêntica significação era *onna* que existe em *Lisponna, Lisbonna, Lisbona, Lisboa*.

Efeitos da linguagem afetiva

Se as meras circunstâncias materiais, situação geográfica, feito histórico, acomodação social de grupos, ofícios e profissões, podem restringir o termo, dando-lhe depois significados novos, muito mais ativos são ainda os efeitos da sentimentalidade. quer

individual, quer social. As palavras são envolvidas em certa aura de vilania ou de nobilitação que determinam, não só novos significados, mas podem determinar também o desaparecimento do vocábulo. Estão no caso de nobilitação *brasileiro*, *bandeirante*, *album*. No caso de aviltamento estão outros em número muito maior: *bandido*, *pirata*, *beato*, *galego*, *marica*, *rapariga*, *jesuista*, *judeu*, *protestante*, *espirita*, *nazista*, *fascista*, *catre*, *cretino*, etc. Em certos meios, alguns dêstes vocábulos sofrem reação contrária, nobilitante, como *judeu* entre os israelitas, *jesuista* entre os religiosos da Companhia de Jesus. Podemos assistir à luta em que se encontram algumas palavras já atacadas de “má nota” social: *boticário*, *droguista*, a que preferem *farmacêutico*; *lixeiro* que substituem por *coletor*; *secreta* que já passou a *agente policial*; *mestre* que foi desterrado por *professor*; *caixeiro* que cedeu lugar a *comerciário*; *bacharel* que já passou a *doutor*; *costureira* já é *modista*. No capítulo dos eufemismos teremos oportunidade mais ampla de retomar o assunto com exemplificação mais numerosa e circunstanciada.

CAPÍTULO XI

A perissemia — Irradiação — Encadeamento — Contágio.

A Perissemia

(IRRADIAÇÃO — ENCADEAMENTO — CONTÁGIO)

Darmsteter explica muito simplesmente o fenómeno de irradiação, dizendo que tal se produz “quando um objeto dá o seu nome a uma série de outros objetos, graças a um mesmo caracter comum a todos”. Já nos referimos a tal fenómeno quando falamos da série *olho d'água, olho do machado, olho de cabra, olho da enxada* ou de *pé de moleque, pé de vento, pé de boi, pé de pato* ou ainda *braço de mar, braço de ferro, braço de balança, braço da cruz etc.* Este mesmo caracter comum à série de objetos pode provir apenas da contiguidade, da aproximação dos significados que, de certo modo se completam, a tal ponto que um pode perfeitamente substituir o outro. São os casos de *metonímia* e de *sinédoque*. No conjunto, v. g. duma *residência* há tal contiguidade entre as partes componentes, de tal modo estão todas entre si conexas, que bastará nomear uma delas, certamente, a que julgarmos principal, para que o espirito evoque o conjunto todo. Para muitos será *porta*, para outros, *tecto* e os latinos tinham predileção ao fogão, à fumaça que dêle se desprendia. Horácio, que tantas vezes recorda esta imagem, fala-nos também do *saleiro* como o representante, por excelência, da mesa paterna. Conhecida foi sempre a expressão latina: *pro aris et focis*, isto é, pela religião e pela pátria. Todos os alimentos estão simbolizados apenas pela palavra *pão* e no Brasil, *feijão*. Justamente aqui aparece a força da simbologia, pois, rara é a carreira, a profissão que não tenha o seu simbolo próprio, como toda nação tem a sua bandeira: a *toga* (o direito), a *pena* (a literatura), o *livro* (a intellectualidade), a *espada* (militarismo), o *arado* (a agricultura), a *palheta* (a pintura), a *lira* (a música) etc.. O homem é simbolizado pelo *coração*, um sujeito sem *coração*, de mau *coração*, de *coração de ouro*. A malidicência é representada pela *língua*: *língua de trapo, língua de palmo e meio, língua de sogra, língua do inferno*.

Quando a Biblia fala da maldição do homem: “Comerás o teu *pão* com o suor do teu rosto” aí temos dois simbolos eternos: o alimento obtido duramente, suando e tressuando no trabalho

mal remunerado. Quando em outro lugar afirma que “O vinho alegra o coração dos homens” não é só do produto da uva que fala a Escritura, mas, de toda e qualquer fermentação alcoólica. Da mesma forma, logo no Gênesis: “Criou Deus o *homem...*” entende o Livro Santo: a humanidade.

O caracter comum à série, como dissemos acima, pode provir apenas pela contiguidade local ou profissional. Na palavra *correio* está incluída a idéia básica e inicial de *correr*, meio pelo qual se transmitiam os mandados reais, na antiguidade, através dos *cursores*. O sistema está bastante modificado e pela contiguidade do local e da profissão, damos o mesmo nome de *correio* ao edifício, à correspondência e ao funcionário que no-la traz. *Bolsa* significa apenas *saco*. Mas dentre todas, tomou sempre grande importância aquela destinada ao dinheiro. Hoje denominamos *bolsa* não só o recipiente, mas também o conteúdo (F. tem larga bolsa) e ainda mais: o local onde se joga com riquezas-a *bolsa*. O latim *mantica* era um saco onde se guardava gordura; passando para o português *manteiga* passou a significar a própria gordura. Do verbo *monere*, em forma irregular se fez o adjetivo *monetus*, a, um, título que se dava a Juno, em Roma: *Juno Moneta*. No templo desta deusa é que se cunhavam os valores em pedaços de metal. O título da deusa comunicou-se ao pedaço de metal que se chamou também *moneta*, em nossa língua, *moeda*. O local onde se faziam discursos dizia-se, em germânico: *hring*, nome que se comunicou depois ao próprio discurso, donde o nosso vocábulo *harenga*. Quando se fundava, no Rio de Janeiro, a Companhia de Transportes Coletivos Jardim Botânico”, sendo os incorporadores ingleses, lançaram estes *bonds*, isto é, cauções, bonus, ações, com a venda das quais formariam o capital. Tal capital, porém, destinava-se a aquisição de carros elétricos e o povo, que não sabia inglês, indentificou a palavra *bond* com o próprio veículo, dando-lhe a mesma denominação. Por isto, no Brasil todo, os carros elétricos são chamados *bondes*.

O Encadeamento

Esta contaminação de uma nota a outra pela contiguidade entre elas existente pode resultar num *encadeamento*, isto é, numa sucessão de significados de tal disposição que, se o 3.º ainda mantem certa semelhança com o 2.º, já se distancia muito do 1.º, dando como resultado que entre este e o último, dificilmente, se reconhecerá o nexo histórico. Muito elucidativo é o exemplo de *farra*, sinónimo de *orgia*, *devassidão*, corrente no português do Brasil. Só os etimologistas reconhecem na raiz *far* o trigo, donde

farina. Dentre os pães de Roma, um havia especial o *panis farreus* que servia de símbolo nos casamentos, correspondendo ao moderno *bolo de noiva*. De tão conhecido e tradicional era simplesmente dito *farreus* e onde houvesse *farreus*, haveria casamento, mas, como o casamento romano era de noite, por muitas repetidas, com grande número de convidados e vinhos e comestíveis havia sempre, era natural, desmandos, orgia, soltura de costumes. Daqui *farreus* passou a lembrar *orgia*. Houve uma sucessão de significados de tal forma dispostos que entre o primeiro (farinha de trigo, pão) e o último (orgia) facilmente se descobre a conexão lógica. Outro exemplo temos na história do símbolo X. P. T. O., vulgarmente, dito *xispeteó*, sinónimo de *excelente*, *ótimo*. Quando os cristãos viviam nas catacumbas romanas e não podiam nem sequer escrever o nome de *Cristo* tomaram apenas essa quatro letras gregas X. P. T. O. como símbolo do nome do Senhor. No século XVIII, um fabricante de vinhos, querendo reservar a melhor produção sua ao sacrifício da missa, pediu a um padre um nome adequado e o sacerdote deu-lhe o tetragrama sagrado. Desta forma o vinho denominado X. P. T. O. queria apenas significar: vinho *Christo*. Mas o povo, que não sabia que tais letras fossem gregas, leu-as à portuguesa *xispeteó* e como o vinho era o melhor que havia, estendeu-se a denominação a tudo o que fosse também o melhor em sua espécie e daí, como simples sinónimo de excelente passou à língua geral. Entre, portanto, a primeira significação *Cristo* e a última *excelente*, muito distante é a conexão. Outro encadeamento curioso temos no vocábulo árabe *araque*. Que quer dizer tal palavra? Atualmente significa: falso, de mentira, mentiroso. *Araque* é o nome de uma planta, espécie de aniz; desta planta faz-se uma bebida fortemente alcoólica e quem está em tal estado, mente. Então: *araque* (planta); *araque* (licor); *araque* (embriaguês); *araque* (falsidade, mentira). Do latim *burdonem*, burro, tivemos *bordão*. Como aquêl servia de apoio e transporte nas viagens, tomou o cajado o nome do *bordão* pela mesma finalidade de arrimo. No encordoamento das cordas do violão, *bordão* é ainda aquela que serve de apoio à música, que marca o compasso e quando se canta, em coro, as vozes graves que servem ainda de base, de firmeza às demais, tomam o nome ainda de *bordão*. Longe vai a distância que medeia entre o *bordão*, burro, e o *bordão* musical.

O Contágio

O fato ainda da contiguidade de certas palavras que costumam vir sempre juntas pode determinar uma contaminação de

sentido de tal modo que uma passa a ser o simbolo de ambas ou passa a ter significado que até então não tinha, mas que lhe foi comunicado pela outra. Se perguntarmos a qualquer o que entende por *pêssego*, dir-nos-á que é uma fruta, assim, assim, etc. Nunca lhe ocorrerá dizer-nos que *pêssego* quer dizer *persa*. A expressão completa *fructus persicus* desapareceu: o adjetivo *persicus* contaminou-se do significado de *fructus*. Deu-se o mesmo contágio com o adjetivo *burrus* (vermelho) e o substantivo *asinus* (*asno*) passando a mera cor a significar o animal. No Brasil dizemos *pintada* por *onça pintada*. A locução arcaica *em boa hora*, empregada no sentido duma locução conjuncional concessiva *ainda que, se bem que*, contaminou-se deste significado, contraindo-se foneticamente em *embora*. Como em francês, o arcaico *rem* (cousa) contaminou-se do significado negativo de *nulha* com que vinha sempre, passando a significar *nada*. Esta palavra, que não passa do latim *nata* (nascida) sofreu o mesmo contágio negativo, e hoje, é sinónimo de *nihil*, de *rem* arcaico. O adjetivo *formidável*, que, segundo já vimos, em outro lugar deste livro, era depreciativo no sentido de causar medo, horror, contagiou-se da idéia de grandeza, de extraordinariedade que havia em tal medo, significando atualmente o opôsto: extraordinário pela bondade, digno de elogios, etc. Em S. Paulo, Brasil, onde a lingua italiana é tão conhecida quase como a portuguesa, raro sendo quem não conheça ambas, há casos muito interessantes de contaminação semântica. E' comum ouvir-se dizer: *escutar o cheiro* por *sentir o cheiro* de alguma cousa. E' que, em italiano, *sentire* significa também *escutar* e o paulista emprega, em português, *escutar* por *sentir*. Muitas vezes, o contágio, ou melhor, a confusão, é proveniente da semelhança fonética do vocábulo em ambas as línguas ainda que muito diversa seja a semântica. Temos o caso do rapaz *que o bonde amassou*. O paulista, que assim se expressa, quer dizer que o bonde *matou* ou rapaz, o que nem sempre é verdade, empregando o verbo *amassar*. Pode alguém ficar *amassado* e não morrer. Mas é que o verbo *amassar* empregado na frase, é o italiano *amazzare*, isto é, matar violentamente.

CAPÍTULO XII

A alelometasemia — Influências reciprocas — Antissemia — Homossemia.

Alelometassemia

INFLUÊNCIAS RECÍPROCAS

Outra série de fenómenos muito curiosos provém da mútua influência que as palavras podem exercer entre si, quer por opposição, quer por aproximação. Esta aproximação pode ser exercida de palavra para palavra, por assim dizer, individualmente, e também de grupos de palavras para outros grupos vocabulares, coletivamente. Neste último caso, ainda que o grupo todo desapareça, a única palavra subsistente mantém o significado de todo o sintagma. Para cada espécie destes fenómenos criou Carnoy um termo próprio: se todos se denominam, em geral *alelometassemia*, a influência por opposição é dita *antissemia*; a que se opera pela aproximação será *homossemia* quando vai de palavra a palavra; *sissemia* quando de sintagma a sintagma; *brankissemia* no caso do desaparecimento da maioria dos componentes sintagmáticos.

Antissemia

Numerosas são as palavras cujos significados mais se accentuam e se esclarecem pela opposição dos seus contrários. Muitas até não as consegue o vulgo explicar senão as opondo a outras que as negam inteiramente. Já os filósofos afirmavam que o *mal* não existe a não ser como negação do *bem*. Para o povo *cego* é aquêlê que não *vê*; *pobre* é o que não é *rico*; *baixo* é o que não é *alto*, etc. Na sociedade há numerosos conceitos, representados todos por seus símbolos, que apenas podem ser entendidos em opposição a outros. Assim *solteiro* e *casado*; *civil* e *militar* e *eclesiástico*; *escravo* e *livre* etc.

Todas as línguas estão cheias de expressões batizadas de *polares* por E. Heinrich e E. Kemmer, isto é, que encerram palavras

opostas, como polos, no intuito de lhes aumentar a força do significado: *nem muito nem pouco, por montes e vales, tarde ou cedo, rico e pobre, velho e moço, altos e baixos, por terra e por mar (terra marique), por bem ou por mal, vivo ou morto, a cidade e o sertão, santos e demônios, bons e maus, etc.* Muitas destas expressões antinômicas só são compreensíveis, sabendo-se a que termo contrário se estão opondo. Assim, à primeira vista, *limão doce* é um absurdo porque se é *limão*, não pode ser *doce*. A oposição é justamente ao *limão* por excelência *azedo* que esta espécie, não tão azeda como aquela, pode ser dita *doce*. E' o mesmo que se dá com *vinho branco*. E' realmente branco? Não: é amarelado, pálido, cor de palha, talvez. Mas por que é dito *branco*?. Em oposição ao *vinho tinto*. Ao lado do *limão doce*, temos também o *pimentão doce*.

Homossemia

O espirito humano pode aproximar duas ou mais palavras, dando-lhes valor igual do simbolo, tomando por base a semelhança fonética ou material, servindo-se, o mais frequentemente, da semelhança intelectual ou semântica. Está no primeiro caso o exemplo já reportado em outra parte deste ensaio dos *ordenados pingues*, onde a má pronúncia do adjetivo *pingue*, não fazendo ouvir o *u*, assemelha-o a *pingo* e por isto os tais *ordenados pingues* não chegam para nada... As duas palavras foneticamente idênticas *manha* (astúcia) e *manha* (choradeira) tem levado muita gente a não compreender textos clássicos e arcaicos onde apenas aparece a primeira. A aproximação fonética entre *pégo* (mar, pélago) e *prego*, ainda mais pelo desaparecimento do termo arcaico, transformou o ditado — “A noite está escura como um *pégo*” em “A noite está escura como um *prego*”, o que não tem significação alguma. Os verbos latinos *errare* e *iterare* (*intinerare*) deram foneticamente o nosso *errar* e por isto muita gente confunde as duas significações. Para que se dê a confusão semântica não é necessário que haja identidade fonética perfeita; basta a aproximada. Assim confunde o povo *digerir* e *dirigir*; *indigestão* e *congestão*; *infringir* e *ifligir*; *aparar* e *parar*; *aprovar* e *provar*; *entreviu* por *interveio*. Tais confusões são muito frequentes na fala dos pedantes que, desejando falar difícil, empregam palavras inadequadas, somente por se aproximarem foneticamente das que deveriam ser empregadas. Certa senhora dizia ao dentista que “tinha um dente absolutamente *intransitá-*

vel". Um dos exemplos mais anigos de homossemia é o de *miniatura* que passou a significar desenho, pintura, de pequeno tamanho, pela aproximação fonética existente entre *minium* (tinta vermelha com que tais iluminuras eram feitas) e *minus*.

A aproximação intelectual é muito mais comum, motivada, sobretudo, pela pressa com que falamos, pelo hábito de descaramento que possuímos. Quando temos em mente uma idéia e a queremos expressar por uma palavra, se imediatamente não nos ocorre a adequada, servimo-nos logo de outra aproximada. Nisto se baseia a riqueza vital dos sinónimos que, por isto mesmo, nunca são perfeitos: uns dizem mais, outros, menos. *Evocar* é apenas *chamar*; mas como *lembrar*, *recordar* é, de certo modo, *chamar*, empregamos *evocar* em lugar de um destes dois verbos. *Enfermidade*, *doença*, *moléstia* se aproximam semanticamente ainda que possa alguém estar *enfermo* (fraco) sem estar *doente* (sofrendo dores) como pode ter uma *moléstia* (que incomoda, que desagrada, que amola) sem estar *enfermo*, etc. Por *caminhar* dizemos *bater sola*, *gastar os sapatos*, *ir no dedão*, *no cavalo de S. Francisco*. As aproximações semânticas são muito numerosas quando a idéia é ingrata e desagradável. A idéia de morrer, v. g. quantas expressões aproximadas possui? *Esticar as canelas*, *bater as botas*, *bater as canelas*, *ir de pés juntos*, *ir sem chapéu*, *dar com o rabo na cerca*, *fechar os olhos*, *dormir para sempre*, *dormir no Senhor*, *dar o último suspiro*, *exalar o último suspiro*, *pagar o tributo supremo*, *viajar*, etc. Dá-se o mesmo com a idéia de embriaguez: *estar na gata*, *amarrar a gata*, *camueca*, *godório*, *musté*, *a meio pau*, *pau d'água*, *chuva*, *esponja*, *no troti*, *cercando frangos*, *escrevendo ss e rr*, *pifão*, *estar na bitrunca*. Esta última expressão, corrente nos Estados do Sul do Brasil, mormente, em Santa Catarina, é a transformação do alemão *betrunken*, bêbado.

CAPÍTULO XIII

**A sissemia — Influência entre os sintágmata vocabulares —
A acrossemia — Palavras de letras — Abreviaturas — Braqui-
semia — Os hopocorísticos — Regras que observar.**

Sissemia

INFLUÊNCIA MÚTUA ENTRE SINTAGMAS

Por sintagma entende-se certo conjunto de palavras em que todas perdem a sua significação individual para tomar a do conjunto. A língua está cheia de tais sintagmas: *pé de moleque*, v. g. em que os substantivos *pé*, *moleque*, nada significam, mas, em conjunto dão o nome de um doce. Há no Brasil uma planta que se chama: *pega não me larga*. Em *bemequer*, *malmequer* há dois nomes de flores. Em tais sintagmas há mútua influência dos componentes e de toda essas influências surge a determinação do todo. Podemos ainda verificar tal influência do contexto, considerando o verbo *dar* em composições já cristalizadas no idioma: *dar um tombo*, *dar um passeio*, *dar uma vista dolhos*, etc. onde o verbo *dar* perde a sua significação própria, indicando apenas atividade que é precisada pelo substantivo imediato: *dar um passeio* não significa permitir um passeio a alguém, mas, simplesmente, *passar*; *dar uma vista dolhos* não é simplesmente *olhar*, mas *olhar de alto*, superficialmente. *Dar um tombo*, *uma queda*, não é causar tombo ou queda a alguém e sim, *cair*.

A posição dos elementos no sintagma pode ser uma causa determinante de alterações semânticas. Os casos mais comuns são os de substantivo mais adjetivo: *puro engano*, *engano puro*; *certa hora*, *hora certa*, *algum homem*, *homem algum*; *boa mulher*, *mulher boa*: *rico homem*, *homem rico*: *santa pessoa*, *pessoa santa*; *minhas lembranças*, *lembranças minhas*, etc. O povo, que é o mestre da língua, pratica excelentemente esta arte dos sintagmas, tirando do contexto as mais variadas significações para o conjunto, muito embora a palavra central seja a mesma. Consideremos a palavra *fogo* nestas frases feitas populares e veremos que o conjunto lhe dá sempre um matiz novo em cada sintagma: *comer fogo*, *pôr a mão no fogo por alguém*, *pôr fogo na canjica*, *ter fogo no rabo*, *andar com fogo*, *brincar com fogo*, *fazer fogo em alguém*, *ver-se entre dois fogos*, *jogar-se no fogo*, *ter fogo nos olhos*, *fogo de palha*, *fogo de vista*, *a ferro e a fogo*, *fogo fátuo*, *fogo viste*, *linguiça!*

Algumas destas expressões, dêstes sintagmas, além da influência semântica, tiveram também a influência fonética, fundindo as palavras que o compunham, dando origem a outra bem diversa. E' o caso de expressão arcaica *em boa hora* que se fundiu em *embora* e passou a significar *ainda que*; de *vossa mercê* que se transformou em *você*, perdendo a nobreza do tratamento para ser a mais vulgar das expressões do trato diário. Como o inglês diz ainda hoje: *to be in love*, em épocas remotíssimas o português diria também: *estar em amor*; desaparecido o primeiro elemento, os dois outros se fundiram, completando-se com o sufixo verbal: *en+amor+ar*. Formação paralela é a da interjeição *oxalá*, resultado fonético da frase árabe: *wa sha Allah*. Outro exemplo é *bofé* contração de *boa-fé*.

Braquissomia

(ABREVIATURA)

Já consideramos em outra parte aquêles casos de condensação semântica, v. g., *burro*, *bangala*, *chile*, *havana*, *porto*, palavras que pertencendo a expressões mais amplas, condensaram em si todo o valor significativo da locução, passando a representá-lo sozinhas. Não necessitamos mais de dizer: *vinho do Porto*, *vinho de Champanha*, *chapéu de Chile*, *charuto de Havana*, bastando citar a palavra de valor para que todo o sentido seja apanhado. Esta abreviação da expressão completa pode ser obtida de modos diferentes, por aférese, por apócope, influindo nisto o resultado sonoro que se obtiver. Em *arco da velha aliança* foi esta última que desapareceu. Em *asinus burnus* foi o primeiro elemento que sofreu aniquilamento. O nome completo, como ainda se vê em Veira, era *o rio das Amazonas* e hoje dizemos apenas *O Amazonas*, não sabendo muitos explicar a presença daquêle artigo singular ante nome plural e mais ainda, o artigo masculino ante nome feminino.

A abreviação das expressões vocabulares contaginou as próprias palavras isoladas e seja por pressa ou por preguiça, vamos cortando e mutilando os vocábulos, de tal modo que uma simples fracção o representa completo. Parece-nos que o exemplo nos veio da língua inglesa, mormente, falada nos Estados Unidos da América do Norte. A extensa denominação do *cinematógrafo* foi reduzida primeiro a *cinema* e agora a *cine*. De *automóvel fez auto*; de *autônibus* só resta *omnibus*; ou apenas *bus*. *Telefone*

é *fone*; *fotografia*, *foto*; *pneumático*, *pneu*; os médicos, por *pneu* entendem *pneumotorax*. O cúmulo da braquissemia encontra-se nas palavras formadas pelas iniciais ou pelas primeiras sílabas. Carnoy fabricou-lhe um nome especial: *acrossemia*, — tomando *acros* como letras ou sílabas iniciais, que ficam nas extremidades, nas pontas. Temos então, principalmente, no exército: *Q. G.* (Quartel General) — *H. C. E.* (Hospital Central do Exército) — *D. I. P.* (Departamento de Imprensa e Propaganda) — *V. A. S. P.* (Viação Aérea S. Paulo) — *C. G. T.* (Companhia Geral de Transportes) — Já os romanos conheceram êste hábito e ainda hoje, nas procissões da Semana Santa, aparecem nas bandeiras as famosas letras *S. P. Q. R.* (*Senatus Populusque Romanus*) que o povo irônico interpreta: Sem Pão, Queijo e Rapadura. Isto faz-nos lembrar da interpretação irreverente que os humanistas fizeram da inscrição *MCCCXL* gravada em S. Pedro e no Vaticano quando foi eleito papa Leão X. Como fosse muito miope, quase cego, foi esta a interpretação daqueles números: *Multi caeci Cardinales creaverunt caecum decimum Leonem* — Muitos cegos Cardeais criaram cego décimo Leão. (Apud Burckhardt — *La Civil. en Italie au Temps de la Renaissance* — I — 197 — nota). Conta-se do gramático e terrivelmente malcriado Júlio Ribeiro que, viajando na *São Paulo Railway*, denominação abreviada apenas em *S. P. R.*, tinha a seu lado certa senhorita que, em dado momento, inadvertidamente, deixou escapar pequena ventosidade. Querendo disfarçar o desastre, voltou-se para o gramático e com ares de ingênua lhe perguntou: “Que significam estas letras *S. P. R.*? E, sem nenhuma reverência, assim lhas explicou o terrível polemista: “Quer dizer, senhorita, que o Seu *P. . .* Rescendeu!”.

Os hipocorísticos

A abreviatura dos nomes próprios, transformando-os em apocorísticos, apelidos caseiros e sempre afetivos é outro campo fecundo de explorações em todos os idiomas. Como já significa a palavra *hipocorístico*, tais apelidos são, na maioria dos casos, simples diminutivos abreviados. Na formação dêles podemos observar, sem rigidez alguma de limites, três grandes grupos:

1. Toma-se o diminutivo, desprezando-se as sílabas antetônicas: *Zinho* (*Josezinho*), *Zito* (*Josezito*, *Joãozito*), *Quita* (*Mariquita*), *Merinho* (*Homerinho*), *Toninho* (*Antoninho*), *Tonico* (*Antonico*), *Quita* (*Chiquita*), *Quetinha* (*Henriquetinha*), etc.

2. Toma-se o positivo, desprezando as mesmas sílabas ante-tônicas: *Naide* (*Zenaide*), *Cema* (*Iracema*), *Zefa* (*Josefa*), *Tonho e Tônio* (*Antônio*), *Zé* (*José*), *Tuda* (*Gertrudes*), *Quina* (*Joaquina*), *Bino* (*Felisbino e Albino*), *Lando* (*Orlando*), *Nuto* (*Benevenuto*), etc..

3. Repete-se a sílaba acentuada, efeitos da linguagem infantil: *Totó* (*Antônio*), *Zézé* (*José*). As vezes a sílaba repetida é a primeira: *Lulú* (*Luis*), *Vavá* (*Valdemar*). Neste mesmo quadro de repetição da sílaba ainda encontramos: *Dudú*, *Dadá*, *Didi*, *De-dê*, *Fifi*, *Nini*, *Nhanha*, *Lalá*, *Mimi*, etc.

Para terminar estas notas sobre a braquíssima, abreviação ou também condensação como acima já dissemos, citamos algumas dentre as muitas palavras que por tal processo recebemos do latim ou de outras linguas formando outras em nosso mesmo idioma.

Assim temos o nome das estações do ano: *primavera*, *inverno*, *verão*, *estio* (*primo vere*, *hibernum tempus*, *veranum tempus*, *aestivum tempus*). *Irmão* (*frater germanum*), *soldo* (*solidus nummus*), *jornal* (*papel jornal*, *diária*, *de diurnalis*), *brilhantes* (*pedras*), *estrada* (*via strata*), *calçada* (*via calceata*), *meias* (*meias calças*), *crescente* (*lua*), *cheia* (*lua*), *minguante* (*lua*), *sermão* (*sermonem religiosum*), *botar* (*ovos*) *botadeira* (*galinha*), *mexeriqueira* (*laranja*), *rezar* (*recitar preces*), *tocar*, *tanger* (*instrumento*), *beber* (*embriagar-se*), *anspeçada* (*lancia spezzata*).

CAPÍTULO XIV

**A diassemia — Evocativa — Apreciativa — Quantitativa —
Epissemia — A paressemia — A zoessemia.**

A diassemia

Todos êstes casos de metassemia geral compreenderam alterações no significado das palavras, produzidas gradativamente, sem o intuito de tornar a significação mais viva, mais enérgica. Outra série de metassemias existe, entretanto, cuja finalidade consiste justamente em tornar a significação do termo mais enérgica, mais viva, mais impressionante, fazendo-se a substituição de modo inesperado, brusco, substituindo um simbolo já muito conhecido e sem força impressionadora por outro menos usado, que desperta maior interêsse, trazendo maior quantidade de pitoresco. A esta segunda série de metassemias dá Carnoy o nome de *diassemia*. Havendo nestas substituições de simbolos a finalidade procurada de se obter maior efeito, é justamente aqui que mais evidente se torna a consciência dos fatos semânticos. Há uma vontade clara e determinada no emprêgo de tais substituições, que procura, desta forma, uma finalidade também clara e positiva: o melhor resultado, a maior energia literária da sua expressão.

Divide-a o professor belga em: *evocativa*, *apreciativa*, *quantitativa*, isto é, *epissemia*, *paresemia*, *metecsemia*.

A epissemia

A epissemia ou diassemia evocativa reduz-se a designar um ser, uma cousa, não pela qualidade pela qual é comumente conhecida, mas por outra de menor uso, que impressiona mais. Têm grande valor em literatura estas transferências de qualidades de seres materiais a intellectuais e vice-versa. Um dos segredos do estilo de Eça de Queirós, de Fialho de Almeida, se reduz a isto: um vinho *moço*, unia aguardente *seivosa*, um *rico* almoço, uma lua *casta e pudica*, uma lua *caricata*, um sol *anêmico*. As gírias estão cheias destas epissemias, cada qual mais curiosa, se bem que nem sempre compreensíveis à primeira vista. Na linguagem dos ladrões, v. g. relógio é *bobo* porque trabalha sem ganhar; galinha

é a *penosa*; o delegado é a *valentina* pela valentia de que faz gabos; *verde* é o mato; *berro* é o revólver; etc. A aguardente é dita a *branca, branquinha*. Na linguagem comum, *tocha* é cigarro. De um mau escritor diz-se que é um *troca-tintas, estraga-papel*. De alguém que não presta sempre se disse *borra-botas*. O cigarro, quando muito forte, é um *quebra-queixo, arrebenta-peito*, como um grande abraço não passa de um *quebra-costela*. Na boca do povo, o médico operador é *carneiro*. Uma mulher feia é um *bucho, bófe*, ao passo que formosa é um *pedaço*.

As alcunhas, quer célebres, quer ridículas e caseiras, são outros tantos casos de epissemia porque se designa a pessoa justamente por um defeito ou qualidade que a caracteriza de modo especial. Entre os reis conhecemos: D. Manuel, o *Venturoso*; D. Maria I.^a, a *Louca*; D. Pedro II, do Brasil, o rei *filósofo*. D. João VI ficou conhecido nas crônicas brasileiras como o *comedor de frangos*. O presidente da República, Campos Sales, porque aumentou os selos de consumo, ficou conhecido por *Campos Selos*. Velhos de mais são os *Corações de Leão*, os *Sem Medo nem Pavor*, os *Braços de Ferro*, etc. Na vida colegial há também epissemias personativas interessantes. Um professor muito delicado, que se ofendia facilmente, ficou apelidado de *louça fina*. Outro de sotaque português muito carregado era o *snr. muito báim*. A um terceiro que só fazia resumos se lhe deu o nome de *Dr. Resumo*. Os próprios alunos não escapam às alcunhas: *Pelágo* era um rapaz que assim estropiou a prosódia de *pêlago*. *Bifes* são todos os de origem inglesa e americana. *Macarrão* ou *polenta* os italianos. *Papas* os espanhóis. *Chopp duplo* os alemães. Em S. Paulo, a rua 25 de Março está ocupada exclusivamente por sírios; a qual quer um dêles se dá o nome de *25 de Março* ou então de *Salim*. Algumas pessoas ficam conhecidas pela palavra ou expressão de que usam, a todo momento, uma espécie assim de moletas com que se ajudam no prosseguimento da conversa. A um destes, que empregava *cujos* abundantemente e quase sempre errados, demos-lhe a alcunha de o *snr. Cujó*.

Outro grupo de epissemias reside na linguagem viva do povo quando substitui certos verbos, certos substantivos, por outros que não são muito adequados, mas que, por isto mesmo, chamam a atenção do leitor ou do interlocutor. A expressão corrente: *desmontar alguém*, — por dar-lhe uma surra de mestre, é viva e curiosa. E' comparada a vítima a uma máquina que se desmonta, peça por peça. *Desconjuntar o esqueleto* por quebrar-lhe os ossos. Reduzir alguém a *pó de traque*. *Andar de colete* por passar fome. Outro que *lambe com a testa* e faz cruz na boca. *Vir do Ceará* é expressão corrente em S. Paulo para dizer de alguém que está passando fome porque o Estado do Ceará, pelas secas periódicas de que é vítima, obriga os filhos a

emigrar, chegando a S. Paulo famintos. *Ver o preto no branco* é expressão muito velha na significação de trazer tudo regulado por leis e contratos. Casamento na *igreja verde* é simplesmente amancebia. E ser *filho das ervas* é trazer origem ilegítima. *Subir a serra*, ficar *fula de raiva*, *dar o estrilo* são maneiras comuns de indicar a indignação de alguém.

A Paressemia

A diferença, que existe entre epissemia e paressemia, consiste em que a primeira substitui a denominação de um ser pelo nome de outra qualidade, mas do mesmo ser. V. G. *Santa Branca* ou *Branquinha* em lugar de *pinga, aguardente*. A segunda, substitue o nome todo por outro nome, portanto, vai de simbolo a simbolo, desde que entre ambos exista alguma semelhança. V. G. Ir para o *berço*, em lugar de ir para a *cama*. Cortar a *crina* por cortar o *cabelo*. Nesta espécie de substituições tem grande força criadora a ironia e demais aspectos da linguagem afetiva, havendo sempre uma segunda intenção de ofender, de amesquinhar, de irritar a outrem ainda mesmo que, aparentemente, seja a substituição elogiosa. E' comum ler-se que "a *lama* dos teus escritos não me atingiram as vestes"; que "as *pedras* das tuas mãos não me chegaram aos pés". Numa polêmica entre gramáticos, um dizia ao outro: "V. S. o *Papa* da gramática", querendo com isto afirmar o dogmatismo do ensino alheio. Muitas vezes a falsa modéstia se esconde em tais paressemias: *minha choupana, meu rancho, minha pousada, meu chatô* quando sabe que a moradia em que reside é excelente. *Meus trapos* dizia certa senhora, referindo-se aos vestidos de seda que possuia. Outra grande recebedora de juro e altos juro costumava dizer que vivia dos *seus pingados*. Depreciativa é a maneira de referir-se ao dia do pagamento, dizendo: hoje é o dia do *milho*, como se os pobres que trabalharam o mês todos fossem animais. De certa pessoa cujos dedos eram muito compridos afirmavam que "onde passassem os seus *ganhos*, nada ficaria". Paressemias ofensivas estão nestas ameaças de um estudante a outro: "Fecha o *berreiro* porque se não lhe vou ao *fofinho*, quebro-lhe a *bicanca* e do *alto do piolho* até as *patas* vai ficar tudo em *melado*".

Os animais ministram grande cópia de substituições sempre depreciativas: dizer de alguém que é um *boi*, um *sapo*, uma *galinha*, um *porco* etc. Os famintos, que estão sempre a mastigar,

são *cabras*. Mas *cabras* e *bodes* são também os mulatos. *Macaco* é todo aquêlê que tiver grande agilidade. *Urso* é o amigo falso. *Águia* é o espertalhão. *Chupim* é o marido de professora. Esta substituição é tirada da vida deste pássaro *chupim*: os ovos são postos em ninhos alheios e por outros pássaros chocados. Quando picam, os filhotes são também tratados por outrem e, assim, vive o chupim à custa dos bobos. E' o mesmo destino dos que se casam com normalistas: estas vão às aulas, trabalham, e o marido fica em casa, a engordar. Está claro que há numerosas exceções, mormente, entre aquêles que estas linhas estiverem lendo.

Algumas palavras ficaram, em português, como substitutas natas de todas as demais cujos nomes não ocorrem, no momento, a quem estiver falando. Pessoas há de tão mesquinho vocabulário que se reduzem, exclusivamente, ao emprego de tais substitutas. A mais comum de todas é *cousa*, *coisa*, *sujeito*, *tipo*, *camarada*, *cara* (um *cara*), *chefe*, *cavalheiro*, *cidadão*, *negócio*, etc. Os condutores de bonde, em S. Paulo, quando se dirigem aos homens, dizem sempre, — *ó chefe!* — dirigindo-se às mulheres, *ó dona Maria!* Em retorno, como são todos potuguêses, são sempre chamados de *Manuel*. Numa aula de física, devendo explicar o funcionamento de um aparelho qualquer, ouvimos esta bela exposição: “Este aparelho é uma *cousa* complicada! Torcendo-se esta *cousinha* aqui, faz sair aquela *cousa* lá e ambas se vão encontrar no alto da *cousa* toda com aquela *coisona* que estão vendo daí. Se fizermos passar a corrente elétrica por todas estas *coisas*, dará como resultado várias *coisinhas*, isto é, choques...” Há conversas deste naipe: “Quem te disse isso? — Um *cara* meu amigo — Um *cara*? quem é êsse *sujeito*? — E' um meu *camarada*, já te disse” — Mas como veio a saber do *negócio*? — Foi aquêlê *tipo* seu conhecido quem lhe contou tudo — Mas que *cachorrada!*”

Outras expressões substitutas existem que se aplicam a casos mais ou menos semelhantes ao primeiro do que tiram sua origem. Uma paciência, de *Jó*, de *beneditino*. Fazer alguma *cousa* com a *mão do gato*. Fazer cortesia com o *chapéu alheio*. *Puzar as brasas para a sua sardinha*. Fazer *economia de palitos*. *Pegar o boi a unha*. Gastar como um *Lucullus*. Fazer *das tripas coração*. Tirar o *ventre da miséria*. Beber como um *camelo*. Tal lugar é um *el Dorado*. E' uma *torre de Babel* — Atitudes *maquiavélicas*. Ter o seu Waterloo — Ir à sua *Canossa*. Desfiar suas *jeremiadas*.

CAPÍTULO XV

**A metecsema — Metáfora — Opinião infundada de Carnoy —
Essência da metáfora — Classificação das metáforas: concei-
tistas, lógicas, afetivas, patéticas, ectópicas e pragmáticas.**

A Metecsemia

(METÁFORA)

A metáfora consiste no emprego de um simbolo por outro, mas, de ordem diferente. Não está em comparar simbolo com simbolo, mas, no fato de empregar um simbolo tão fora do seu meio natural que, através dêle, seja a mente humana levada a evocar o outro. Se dissermos, referindo-nos às montanhas que circundam o Rio de Janeiro, que uma delas se erguia *como um Pão de Açucar*, que outra se elevava *como um Dedo de Deus*, não teremos metáfora, mas apenas, comparações. Haverá metáfora se simplesmente dissermos: o *Pão de Açucar*, o *Dedo de Deus*, a *Gávea*, porque através dêstes simbolos evocamos os outros que não necessitaram de ser nomeados. Esta é a opinião de Carnoy: “Au lieu de mettre les deux notions en face l’une de l’autre comme dans la comparaison, on recouvre le signifié par le symbole emprunté qui se substitue à lui et l’évoque plutôt qu’il ne le désigne” (pg. 275). Se entretanto examinarmos qualquer metáfora veremos que no fundo existe sempre uma comparação. O fato de um dos termos dessa comparação não aparecer expresso, mas apenas evocado, não destroi a essência da comparação que o espírito conclui, embora evocando o termo occulto. Assim na simples expressão *Pão de Açucar*, *Dedo de Deus*, *Gigante Deitado*, etc. há sempre a comparação: uma montanha, um monte semelhante a um Pão de Açucar, a um Dedo de Deus, a um Gigante Deitado. Verificamos ainda mais a existência da comparação quando tomamos certas palavras que, de tão usadas, já difficilmente evocam o termo occulto. Quando os jornais noticiam que a *nave* do templo estava repleta de fieis; que o officiante, tirando incenso da *naveta*, colocou-o no turíbulo, etc., a maioria dos leitores não evoca a comparação que existe na palavra *nave*, *naveta*. Mas tal comparação existe: o corpo das igrejas é dividido em *naves* (navios) e o recipiente de metal em que se guarda o incenso, *naveta*, recorda uma nave pequena. Eis como o professor belga explica a sua opinião: “C’est ainsi que des montagnes apparaissant en série tourmentée à l’horizon, présentent à l’oeil une

image rappelant celle soit d'une chaîne, soit d'une scie (1. *serra*). Au lieu de dire "des montagnes comme des chaînes, comme une scie" (*comparaison*), on se servira en français de: *chaîne*, en espanhol de: *sierra* (*métaphore*) — pg. 276. Ainda que digamos apenas *chaîne*, *sierra* ou (se o professor belga soubesse português...) *serra*, referindo-nos a montanhas, ipso facto, estaremos fazendo uma *comparação* muito embora um dos termos esteja oculto. A essência da metáfora está na aplicação de um símbolo a outro, mas, de ordem diferente, aplicação baseada em qualquer ponto de semelhança donde surge a comparação inutilmente negada por Carnoy. Em qualquer palavra, que tomemos, seja do latim, do grego, do sânscrito, para citar apenas algumas línguas bem antigas, seja das gírias modernas, encontramos sempre esta transferência de símbolos, tomando por base um ponto de semelhança, envolvendo, portanto, comparação. A palavra *caput* pela qual designavam os latinos a *cabeça*, prende-se à mesma família de *capedo*, *capis*, *capsa*, isto é, terrina, escudela, caixa. O termo *sarcófago* pelo qual designavam os gregos o caixão ou a sepultura envolve uma metáfora porque significa: *comedor de carne*. Da mesma forma quando o cristianismo deu ao lugar dos mortos o nome de *cemitério*, empregava o termo metaforicamente porque a palavra grega *coemiterion* quer dizer *dormitório*. Lua, em sânscrito, é *candra*, mas *candra* é também *redondo*, onde se vê a lua comparada a uma roda, a uma cousa redonda. Este é o mesmo processo do homem do povo que batiza a cabeça com o nome de *cachola* e diz que o rosto é uma *fachada*.

Classificam-se as metáforas segundo o terreno em que operam: de conceito a conceito, de emoção a emoção. Chamam-se as primeiras *conceitistas* ou *lógicas*; as segundas *afetivas* ou *patéticas*.

Metáforas conceitistas ou lógicas — A base destas metáforas é mais a forma que desperta a semelhança, v. g. *cara de lua cheia*; *candra*, *lua*, *roda*, *redonda*; *clavícula*, *chavinha*; *montanha*, *serra*, *olho de cabra* (*semente*), *avião* (*pássaro*), *caçarola* (*relógio*), *catana* (*língua*), *chaminé* (*cartola*), *girafa* (*sujeito alto*), *colchão amarrado* (*sujeito gordo*), *bola de bilhar* (*calvo*), *cardeal* (*passaro vermelho*), *crisântemo* (*flor de ouro*), *saudade* (*flor roxa*), etc. Quando transportamos qualidades de um sentido para outro, por exemplo, perfume *quente*, som *claro*, vento *agudo*, gosto *perfumado*, som *redondo*, *chato*, voz *clara*, *escura*, *cavernosa*, *aveludada*; cheiro *fino*, *delicado*, *gordo*, voz *pastosa*, luz *crua*, tons *gritantes*, cor *berrante*, cheiro *gostoso*, música *saborosa* onde não há, propriamente, questão de forma e sim de certas qualidades

da forma, dizem os tratadistas que tais metáforas se chamam *sinestéticas* (Carnoy) *complicadoras* (Wundt) . Talvez lhes coubesse, com mais acerto, o nome de *ectópicas* porque as qualidades transferidas são tiradas do seu lugar próprio e aplicadas a outro impróprio. Assim, *perfume quente*, *música saborosa*: o calor nada tem que ver com o perfume; o sabor é próprio do palato, das cousas gustáveis e não do ouvido, das cousas audíveis. Há, portanto, uma deslocação da qualidade, convindo-lhes a tais metáforas o nome de *ectópicas*.

No particular da atribuição de cores aos sons, cita Carnoy, copiando Van Ginneken, êste soneto de Artur Rimbaud:

“A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles,
Je dirai quelque jour vos naissances latentes.
A, noir corset velu de mouches éclatantes
Qui fourmillent autour des puanteurs cruelles.

Golfes d’ombre, E, candeur des vapeurs et des tentes,
Lames des glaciers fiers, rois blancs, frissons d’ombelles.
I pourpre, sang craché, rire des lèvres belles
Dans la colère ou les ivresses pénitentes.

U, cycles, vibrations divins des mers virides,
Paix des pâtis semés d’animaux, paix des rides,
Que l’alchimie imprime aux grands fronts studieux.

O suprême clairon, plein de strideurs,
Silences traversés des mondes et des anges
O l’oméga, rayon violet de ses yeux.

Temos em Coelho Neto cousa parecida quando escreveu:

“Há quem afirme que às letras correspondem cores e sons. O *a* é branco e pode ser representado na escala pelo dó menor; o *e* (ré) é azul; o *i* (*mi*) é amarelo; o *o* (sol) é roxo sanguíneo; o *u* (dó maior) é negro. A primeira vogal é alegre e empresta às palavras movimento, claridade — é a letra de ação, modificando-se, como as outras vogais, com a influência das consoantes que se lhe ajuntam. *Espada*, *navalha*, *lâmina*, *aço*, *ar*, *lage*, são palavras que afusilam, talham e ressonam. *Galopada*, *estropçada*, *escalada*, *matinada*, *fanfarra* são palavras de vivo movimento. *Palácio* é um vocábulo amplo, cheio, sonoro e rebilhante em que há grandeza, esplendor e alegria. O *e* é opaco, tem alguma coisa de ser sombrio, vago e fugitivo: *Estrêla*, *cêja*, *efêmero*, *lêmure*, *trêmulo*, *frêmito*. O *é* agudo é vibrante: *galé*, *boré*. O *i* é sempre vivido, irradiante; dá, por vezes, a *i*, pressão do fantástico e, acompanhadi de certas consoantes — *c*, *l*, *r*, *s*,

vibra, rebrilha e canta: *corisco, limpido, vidro, cicio, sinistro*. O *o* ora é dramático, ora é cômico, conforme a acentuação: *heroi e lorpa; tropa e bajojo; forte e oco*. O *u* é sempre taciturno, melancólico: *fúnebre, túmulo, soturno*; agravando-se nas palavras em que se desdobra: *urubu, uru, jururu*." (Conferências Literárias — 22).

Há em todas estas correspondências muita extravagância e poder de imaginação e pertence o assunto mais aos poetas que aos estudiosos duma ciência qual seja a semântica.

Entre tais metáforas ectópicas, pertencentes ainda à classe das conceitualistas porque, afinal, encerram sempre uma idéia, um conceito, e outras igualmente ectópicas, porém, que trazem consigo uma emoção, um sentimento, pertencentes, pois, já à segunda classe geral, a das metáforas afetivas, não há nem pode haver linha divisória, certa e intransponível. De um *som duro* onde está a idéia de aspereza, de resistência, passamos facilmente a um *olhar duro*, a um *gesto duro*, a uma *ordem dura*, a um *coração duro*, onde o que existe é já sentimento. De uma *palavra quente*, idéia de calor, de entusiasmo, passamos a um *acolhimento quente, cálido*, em que transparece o afeto com que se é recebido. Em uma *voz grosseira* não ha sentimento algum; mas num *povo grosseiro, nuns modos grosseiros*, tudo o que existe é sentimento. Há muita diferença entre *homens pesados e palavras pesadas*, o que não existe entre *homens graves e palavras graves* porque éste adjetivo é tomado sempre em sentido morax. Quanta diferença vai entre uma *conta salgada* (cara) e uma *comédia salgada* (picante, imoral)! Dá-se o mesmo entre *pratos apimentados e anedotas apimentadas*. Grande é a significação moral existente nas expressões da gíria, tais como: *sabonetão, gostozão* (pessoas enfeitadas de mais, casquilhas). Alguns adjetivos, quando usados ectopicamente, se revestem de sentido puramente imoral, como se vê em *cornudo*.

As cores, como acima já vimos, facilmente, se revestem de sentimentalidade: um *negro crime*, umas *sombrias intenções*, uma *verde hipocrisia*, *cinzentas perspectivas*, futuro *obsuro, radiante* alegria, felicidade *cor de rosa*, cólera *rubra*, *trevosa* fisionomia, *dourados* sonhos, *manchada* reputação, a imprensa *amarela*. A influência sentimental das cores aparece em outras expressões como: *dias cinzentos* (melancólicos), horas *negras* (de grande sofrimento), o monstro de olhos *verdes* (o ciúme), a cara *descorada* da miséria, os olhos *brancos* de raiva, os lábios *roxos* do sofrimento, etc.

Determinadas formas de direção ou de movimento estão também impregnadas de sentimentalidade como se vê em *às direitas, à esquerda: homem às direitas, posição esquerda; olhar oblíquo, atuação retilínea, curvaturas de espinhas*. Falamos

com elogios de *períodos redondos*, mas com vitupérios dos *estilos chatos*, dos *livros chatos*, dos autores *chatos*. No Brasil, atualmente, êste depreciativo adjetivo *chato* já não se prende mais à forma, ao que não tem relevo e é demasiadamente plano, liso, mas ao *pedunculus pubii* que, na gíria, é também denominado *chato*.

Onde as metáforas afetivas atingem a seu grau máximo é na linguagem familiar. Notamos vários casos em que as palavras empregadas perdem totalmente o seu primitivo significado, muitas vezes, injurioso, ou pelo menos, pouco dignificante e passam a ser grandes elogios, a traduzir intensas expressões de afeto. *Tesouro, joia, torrão de açúcar, anjo, pérola, encanto, etc.* são os símbolos mais comumente empregados. No caso dos paradoxos a que acima aludimos temos o exemplo das mães que, dirigindo-se aos filhinhos ainda no berço, chamam-lhes: *negrinho, porquinho, sujinho, bandidinho, ladrãozinho, etc.*

Compara o povo a um *cacete, porrete* e, de modo geral, a um *pau* o sujeito massador. Diz-se também que f. de t. é um *purgante, vomitório, dor de barriga*. Certa mulher querendo elogiar o marido, não achou coisa melhor a que compará-lo e disse que era um *pão*. Na gíria carioca, tudo o que é desagradável é apenas *espeto*. Tem o povo outras comparações menos dignas, quer com partes do corpo, quer com atos sexuais, quer com animais, que os leitores mormente brasileiros conhecem e facilmente poderão evocar, completando esta lacuna propositadamente aqui deixada.

Metáforas pragmáticas

Afirma Carnoy que há muita diferença entre as metáforas meramente perceptivas, que se baseiam na *imagem*, as metáforas afetivas, que se baseiam na *sensação* produzida pela imagem e as metáforas pragmáticas que visam a certa finalidade *prática*. Outra vez estamos em desacôrdo com o mestre de Lovaina. Parece-nos que êle sofre da necessidade de dividir e de subdividir. Em toda e qualquer metáfora, seja lá de que tipo for, há sempre êsse fim *prático* que consiste em fazer-se melhor compreender o pensamento, a emoção, através de um símbolo mais evocador, mais enfático, mais capaz, portanto, de transmitir aos leitores idéias, os sentimentos de quem está escrevendo. Esta é a finalidade muito prática, muito pragmática procurada por todos. Ainda quando tal finalidade não é imediatamente atingida, como acontecer em certas metáforas demasiadamente atrevidas ou inu-

sitadas, o pragmatismo ainda existe porque permanece o prazer, o gosto e, por assim dizer, o lucro que teve o autor em causar êsse mesmo embaraço aos seus leitores. Tão verdadeiro é êste ponto de que não existe tal distinção entre as metáforas, ou se quisermos, de que em todas e quaisquer metáforas há sempre pragmatismo, que o próprio Carnoy prevendo a fraquíssima base de sua distinção, se apressou em escrever: "La majorité des métaphores sont de ce type (*pratique, pragmatique*), ce qui n'a rien d'étonnant puisque le langage sert avant tout des buts "pratiques". (Op. cit. 311).

Entre os vários exemplos de tais metáforas pragmáticas cita como famosa esta de Homero: *hépea pteróenta*, isto é, *palavras aladas*. Mas que diferença haveria entre *palavras aladas* e *bois alados* no sentido pragmático? Parece-nos até que a segunda seja muito mais interessante porque as palavras, já de si leves como entidades intelectuais, não se opõem a ter asas e a voar; mas os bois, pesadões, que na própria terra são lerdos e tardos, com asas, voando, despertam muito maior interesse, que é o valor prático da metáfora. Outras metáforas pragmáticas seriam *o véu da noite*, *o véu da morte*, *dar à luz um livro*, *o livro parto do espírito*, onde apenas vemos comuns comparações que de tão batidas já nem sequer despertam mais o interesse do leitor, portanto, falhas de praticidade ou de pragmatismo. Atualmente, dizer de um autor que *deu à luz um livro* é até ridicularizá-lo. Piór seria ainda se perguntássemos a outro: "Como vai o seu último *parto do espírito*? Vai tendo boa saída?" Todas as metáforas empregadas para ralar com alguém, chamando-o a seus brios, são pelo autor classificadas entre as pragmáticas: *passar um sabão*, *passar um pito*, *dar um café*, *um suadouro*, *passar um repelão*, *dar uma tesa*, *fazer um sermão*, *tomar uma descalçadeira*. Aqui, o valor prático está no fruto que a pessoa reprimida ou ralhada tirará da reprimenda, e não no interesse de quem tais figuras empregou.

CAPÍTULO XVI

Ainda a zoessemia — O antropomorfismo — Exemplos de Vicente de Carvalho — A linguagem do povo — Qualidades e defeitos dos povos.

Zoossemia

A linguagem portugueza como qualquer outra do mundo está cheia de *zoossemia*, de simbolos de animais irracionais applicados ao homem, servindo de base certo ponto de contacto, de semelhança que entre a *figura* dêles existe ou entre certos modos de *proceder* que a imaginação humana vai descobrindo na comparação de pessoas e bestas. Certos animais ficaram como simbolos de bem distintas qualidades ou defeitos: o *cão* é a *fidelidade*; o *urso*, a falsidade; o *burro*, a estupidez; o *boi*, a paciência; a *pomba* e a *rôla*, a inocência, a ingenuidade; o *carneiro* participa desta mesma qualidade; a *águia* é a esperteza; o *pato*, a tontice; o *elefante*, a deselegância; o *camélo*, o *jacaré*, a feiura; o *pavão*, a vaidade; o *tigre*, a crueldade; a *raposa*, a esperteza; o *gato*, a adulação, a falsidade; a *formiga*, a operosidade; a *cigarra*, a boémia, etc. Dos instintos dos animais, tiramos metáforas para os homens e, assim, falamos em *corvejar* em torno de interêsse; *ladrar* contra a reputação alheia; dar abraços de *tamanduá*; ter amigos *ursos*; *muquiranas* são sujeitos miseráveis, vilíssimos. A policia conhece os *ratos* de hotéis e nos próprios verbos *ratonar*, *gatunar*, *agatanhar* há comparações facilmente intelligiveis. A foca *otário* desde os tempos gregos até hoje é o simbolo do esperto que se faz bobo. As pessoas sem ânimo, sem atividade alguma, são *galinhas mortas*. Dizer de uma mulher que é uma *galinha* é grave injúria, ao passo que *sêr galo* é honroso para o homem. Os rapazes são *frangotes* e os vovôs que acariciam demasiadamente os netos são *galos capões* ou então *patos chocos*. O homem, que sustenta todo o pêso da casa é o *boi do coice* e o que dirige tudo é o *boi da guia*. E os pobres que levam *vida de cachorro* e de *cachorro sem dono*? E quem diz sempre *asneira* ou *besteira*? E os que andam *empavoados*? Muitos dêstes depois *se avacalham* e começam a fazer *ursadas*.

Antropomorfismo

Assim como os animais irracionais têm a sua projeção no simbolismo intelectual da vida humana, as expansões do homem, os seus sentimentos, as suas idéias, os seus defeitos, as suas qualidades encontram contínua aplicação aos fenómenos ainda da simples vida vegetativa. E' que melhor compreendemos os fatos que se passam em nosso redor através da nossa própria psicologia. O antropomorfismo foi o meio mais fácil e enérgico de que se valeram todas as religiões e não poucas filosofias para comunicar ao povo as idéias mais abstratas e elevadas. De tal modo as expansões humanas estão impregnadas desse antropomorfismo que, inconscientemente, o empregamos ainda naqueles casos em que estamos de sobreaviso contra êle. Nada, pois, mais natural e comedido que a linguagem humana esteja repleta de símbolos, figuras, metáforas em que o homem e as suas atividades sejam o campo favorito. A mais formosa poesia da língua portuguesa, no Brasil, "Palavras ao Mar" de Vicente de Carvalho é um tecido contínuo de tais metáforas. O poeta cede ao mar todos os seus sentimentos, a sua rebelião, a sua raiva, o seu desespero. O mar é verdadeiro ser humano: ora lague e amoroso, ora revoltado em seu cárcere de pedra, chega a blasfemar contra o céu:

"E' o tempo em que adormeces
Ao sol que abrasa: a cólera espumante,
Que estoura e brame sacudindo os ares,
Não os sacode mais nem brame e estoura;
Apenas se ouve, tímido e plangente.
O teu murmúrio; e pelo alvor das praias,
Lague, numa carícia de amoroso,
As largas ondas marulhando estendes..

.....

O' velho condenado
Ao cárcere das rochas que te cingem!
Em vão levantas para o céu distante
Os horrifos das ondas desgrenhadas.
Debalde! O céu, cheio de sol se é dia,
Palpitante de estrêlas quando é noite,
Paira, longínquo e indiferente, acima
Da tua solidão, dos teus clamores..

.....

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre

A que as brisas da terra o sono embalam,
A que o vento do largo erriça o pêlo!
Ouço-te, às vezes, revoltado e brusco,
Escondido, fantástico, atirando
Pela sombra das noutes sem estrélas
A blasfêmia colérica das ondas...

Poderíamos transcrever toda a poesia que está repleta de antropomorfismos, porém, as estrofes que aí ficam bastam suficientemente ao nosso intuito. Na linguagem do povo é comum ouvir-se que o *vento* está *uivando*, *gemendo*, *chorando* à porta; que as árvores *tremem* de frio; que as estrelas estão *piscando* lá do alto. As roupas expostas ao vento, *dança*m. As flores *sorriem*. A violenta é *modesta*. A rosa, *orgulhosa* porque é a *rainha* do jardim. A saudade é *triste*. Há uma espécie de rosas denominadas *loucas*. E as plantas *dormideiras*? E as *trepadeiras*? Há outras que são *parasitas*, que vivem à custa das suas vítimas. No Brasil há *cipós cabeludos*, *estranguladores*, *assassinos*. Conhecemos também as árvores que *choram*, ditas das *lágrimas*. O *louva-deus* é um gafanhoto religioso. O *cardeal* é passaro eclesiástico. O *João de Barro* é engenheiro. Há um insecto chamado *Joaninha*. Esse mesmo *João de Barro* é conhecido também com o nome de *João Bobo*.

Todas as qualidades de um povo bem como todos seus defeitos aparecem *personificados* numa figura criada, não se sabe, muitas vezes, por quem, mas aceita pela generalidade. Se existe *John Bull* para a Inglaterra e *Tio Sam* para os Estados Unidos, há muito existe no Brasil o *Ze-povo* e ultimamente o *Juca-Pato*. *Zé-Pereira* é o simbolo do carnaval. *Zé da Esquina* de qualquer negociante. *Salim* é todo negociante sirio. *Manele* é o português. *Gringo* é o argentino. *Abraão* é o judeu. *Benedito* é preto. A feiura ficou representada por *Diogo*. Os maridos enganados são da ordem de S. *Cornélio*.

CAPÍTULO XVII

**A diassemia apreciativa — Eufemismos — Disfemismos —
Causas — A profissão — A posição social — A cor — As
enfermidades — Os vícios humanos — A sexologia — As
superstições — O enfraquecimento dos eufemismos — Os
disfemismos e os sufixos.**

A Diassemia Apreciativa

EUFEMISMO E DISFEMISMO

Se a linguagem é um fato social e se as transformações da sociedade se refletem, obrigatoriamente, na língua viva dos povos, em nenhum dos seus domínios tais modificações sociais se projetam de modo mais vivo e enérgico do que neste da semântica, do significado das palavras. Podemos acompanhar pelo simples estudo das palavras declaradas tabus ou simplesmente impróprias i caminhar do espírito humano no que diz respeito à moral, à religião, à superstição. Quanto mais simples eram os povos tanto menores eram os vocábulos condenados sob o ponto de vista moral, porém, maior o número dos que traziam em seu bojo forças malélicas, tabus. A' medida que a instrução aumenta, diminui o grupo das palavras mágicas, supersticiosas mas pelo fato mesmo do apuramento da parte moral dos instruídos, cresce o exército de termos condenados pelo decoro ou pelo simples bom tom das sociedades. Recorre-se então a outros símbolos, a circunlóquios, a eufemismos afim de disfarçar a impressão desagradável do vocábulo condenado.

Não é só, porém, o sentido nitidamente imoral ou inconveniente que provoca o eufemismo, mas também o simples prosaismo dos termos por demais usados, prosaismo que lhes vem de certas circunstâncias sociais como: nascimento, grupo social, profissão, cor, idéias políticas e religiosas. O que houver de depreciativo em tudo isto se comunica aos vocábulos e a necessidade do eufemismo aparece. Muitas vezes o eufemismo está apenas num arcaismo, no emprêgo de palavras já desaparecidas da língua e por isto mesmo, quando re-empregadas, se revestem de certa nobreza que as modernas não possuem mais. Ser *pedreiro* não é vergonhoso nem mesmo humilhante; mas se dissermos a um profissional deste mister que é um *meia-colher*, a designação será grandemente ofensiva: êle não quer ser nem *meia-colher*, nem *colher*. Diga-se-lhe, entretanto, que é um *trolha* e ver-se-á que nenhuma impressão de desagrado lhe virá da expressão arcaica. Esta é a razão porque nos discursos, nas páginas escritas litera-

riamente se substituem por sinónimos arcaicos palavras do uso quotidiano: o arcaísmo reveste-se sempre de certo ar de nobreza. O *alfanje* é o mais nobre que a *foice*; o *alvião* que a *picareta*; os *alvanéis* serão sempre muito mais bem recebidos que os pobres *pedreiros*. Por esta mesma razão as *costureiras* são *modistas* e até os *alfaiates* já se vão apropriando do último termo, dizendo-se também *modistos*, ou então, recorrem a termos estrangeiros: *tailleurs*, *taylors*. Os antigos *boticários* e *droguistas*, aquêles porque de *botica* se desceu a *botequim* e a *boteco*, êstes porque *droga* e hoje sinónimo do que não presta, preferem o título de *farmacêuticos*. Já vai havendo luta entre *dentista* e *protético*. Os *gerentes* andam loucos pelo novo termo: *supervisores*. A palavra *escola* já não é mais do agrado de muita gente; qualquer *escolinha* intitula-se agora *Academia* e por isto vemos *Academia de Corte e Costura*, *Academia de Box*, *Academia de Massagens*. . . As *parteiças* ou se intitulam simplesmente *Madamas* ou já se vão apodegando de cousa mais alta: *Ginecologistas*. Os *esbirros*, *tiras*, *secretas* da policia são já pomposamente *agentes policiaes*. Os *lixeiros* põem nos cartões de boas-festas: *coletores*.

Esta mesma causa social é que tem impellido os simples *bachareis* a se intitularem *doutores*, título que nunca lhes coube de direito e aos *mestres-escola*, *professores*, denominação que só aos de Universidade lhes compete. O resultado vai sendo contraproducente: o título, já por estar mal empregado, já por não ter correspondência real, já pela infinita repetição, perde o seu valor e hoje os que, realmente, o merecem, não fazem uso dêle.

A *cor* ainda que vivamos numa democracia está sujeita a estas misérias e por isto, se nos Estados Unidos o *negro* é um *colored*, no Brasil é apenas *moreno* ou então: *homem de cor*. A palavra *mestiço* está condenada e mais ainda *mulato*. Tolerase quando muito: *pardo*. Será melhor dizer: *cabelo crespo*.

Nas diversas idades humanas há palavras já atingidas de tabú, proibidas, no lugar das quais se empregam outras para que as pessoas não se ofendam. Os *meninos* já preferem ser chamados de *rapazes*. Um *madurão* enche-se de grande vaidade se lhe dermos o tratamento de *moço* ou quando muito de *senhor*. Mas o cúmulo da alegria seria se lhes chamássemos ainda *rapazes*! Uma *solteirinha* é sempre *menina*. Algumas destas *meninas* atingem os sessenta e mais anos, mas continuam *meninas*. Todas se ofendem com a palavra *mulher*. O estado de gravidez é já *estado interessante*. A mulher grávida *espera um bebê*, *espera o herdeiro*. A mulher separada do marido é *desquitada* ainda quando nem sombra houve de desquite. Gente *amasiada* é hoje toda *casada no Uruguai*.

Os altos e baixos da vida social são indicados por expressões nem sempre muito delicadas, mas, sempre muito vivas: *estar nas*

alturas, estar por cima, estar no pico do galho, no alto da montanha, no arranho céu; o contrário: estar por baixo, estar na lama, estar na merda. Moça que não acha casamento é galinha de S. Roque, ovelha de Santa Catarina, ficou para vestir anjos, para tia. Moça, que no baile, não é convidada a dançar: faz croché, carrega criança, reza padre-nosso. Menina que acompanha a irmã noiva ou namorada: carrega cesta, pega vela, é pau de amarrar égua ou então guarda defunto.

As enfermidades, especialmente, as repugnantes, as consideradas contagiosas, são todas tabus em seus nomes porque o povo crê que as palavras possam trazer o contágio, fazer aparecer a doença. O homem do povo tem horror à palavra *peste*. A *tísica* foi substituída pela *tuberculose* e esta mesma já não é mais pronunciada. Diz-se então: *doença do peito, fraqueza pulmonar*. Como o clima de S. José dos Campos e de Campos do Jordão é indicado aos tuberculosos, já se diz, em S. Paulo, que f. está necessitando de um repouso em S. José dos Campos ou em Campos do Jordão para não declarar que está realmente tísico. A *lepra*, a *morfeia* cristianizou-se no *maldelázaro*, dito popularmente *malde-lazo*. Mas agora já é apenas *sangue desmanchado, sangue ruim*. A *loucura* é *cabeça fraca, juízo fraco, gira* ou então mais polidamente: *sofrer das faculdades mentais*. O povo tem outras expressões mais pitorescas; em lugar de dizer que alguém está louco, diz apenas: *êle sofre, está sofrendo; é tantã; não regula; tem um parafuso de menos; tem uma telha de mais; tem macaquinhos no sótão; tem tela de aranha no cérebro*. A idiotice possui também seus eufemismos: é um *bom será; pax vobis; um inocente*. Se as enfermidades já são ingratas aos homens que não gostam nem sequer de lhes pronunciar os nomes, bem se pode imaginar o desgosto, o pavor que lhes causa a *morte*. Por isto mesmo, em todas as línguas, não há fato da vida humana que tenha maior número de sinónimos, de eufemismos que este. O leitor brasileiro conhecerá os que vamos enumerar muitos outros que não nos ocorrerão no momento: *dar o último suspiro, exalar a alma, o último combate, dormir, dormir para sempre, dormir no Senhor, fechar os olhos para o mundo, abrir os olhos para a eternidade, findar a luta, depor as armas*. O povo sempre irreverente usa de outras: *esticar as canelas, bater as botas, dar com o rabo na cerca, ir de pés juntos, dar o último corcovo, não aguentar o repuxo, empacotar, amarelar a sola dos pés, vidrar os olhos, ir para a chácara do vigário, já foi tarde, etc.*

Os vícios humanos, mormente, os mais graves e reprovados, como a embriaguez, o roubo, possuem seus eufemismos. Embriagar-se é: *estar na água, na chuva, a meio pau, amarrar pifão, amarrar a gata, cercar frango, trocar as pernas, tomar carraspana, descrever ss e rr, estar na trôli, estar no godório, no musté,*

estar alto. O bêbado é *esponja, caixa d'água, chuva, etc.* Roubar é *fazer mão baixa, apropriar-se do alheio, distrair-se, fazer um trabalho*. Matar é *alinhar, costurar o outro, erguer a mão contra o próximo*. O malcriado não passa hoje de um *neurastênico*.

Onde, porém, os eufemismos reinam soberanamente e cada vez mais na proporção em que os costumes se educam e se tornam mais delicados, é no capítulo referente às funções físicas inferiores, às relações sexuais. Basta, neste ponto, lermos qualquer autor clássico para vermos como certos verbos excelentes naquela época, aplicados por Vieira, Bernardes, Sousa e outros religiosos, já não podem mais ser empregados, condenados que estão pela sociedade. *Parir* é um dêles. Foi substituído por *dar à luz* e já agora esta mesma expressão repugna e prefere-se: *esperar o herdeiro, ter um menino, um bebê, etc.* *Engravidar-se* ainda, às vezes, se ouve; mais frequentemente se diz: *estar em estado interessante*. O povo, em sua rudez, diz ainda: *ficar cheia, estar cheia*. Mas *emprenhar, emprenhar-se* apenas para os irracionais. Aqui mesmo é corrente: *ser coberta, cobrir*. O *mênstruo* é já *regras* ou melhor *incômodo*. O *defloramento, deflorar*, só na linguagem jurídica. Recorre-se a eufemismos: *fazer mal, perder o principal, perder os três, não ser mais donzela, não ser mais moça boa, estar perdida*. *Abôrto, abortar* é *ter antes do tempo, botar fora, ter um insucesso*. O congresso sexual já se diz apenas *ir, estar com, ter relações com*. Todos os antigos verbos estão condenados e por isto mesmo são evitados em qualquer palestra, em qualquer assunto. A masturbação dispõem de numerosos eufemismos: *fazer crochê, descascar banana, conversar com a mariquinha das palmas, um contra cinco*, sem quereremos citar expressões mais cruas que os leitores saberão imaginar. Os órgãos genitais além dos nomes gerais de *coisa, história, negócio*, dispõem ainda de *pinto, pistola, pau, cacete, caibro, manzape, zé, nabo, clarineta, flautim, pica, bruto, careca, bicho, alavanca; pomba, rôla, caixinha, greta, aranha, batata, garage, etc.* Enquanto Leite de Vasconcelos ainda discute a etimologia de *latrina*, achando que possa vir da latim *lavatrina*, como ensina Varro, mas dando preferência a uma forma hipotética *laterina*, do verbo *latere*, esconder, ocultar, já tal vocábulo fere a pudicícia de muitos e diz-se *privada, banheiro, gabinete, escritório, lugar aonde os anjos não vão, aonde os reis vão sozinhos*. As iniciais *W. C.* são usadas bem como o número *100*. Para designar o ato próprio de tais lugares diz-se: *fazer as necessidades, aliviar o ventre, verter água, descarregar-se, fazer força, passar telegrama*, e agora com a guerra, já ouvimos a expressão curiosa: *soltar bombas de profundidade*. O homem rústico, em cuja casa ainda não há *W. C.*, continua com as antigas maneiras de dizer: *ir lá fóra, ir "no" mato*.

A mulher, que se prostitui, é chamada *mulher a tóa, da vida alegre, da vida airada* ou simplesmente, *da vida*. A expressão *vida airada* merece uma explicação porque já não vai sendo mais compreendida em todo o seu valor histórico. Veio-nos de um costume jurídico da Espanha: quando o rei desterrava, bania, exilava um nobre, conservando-o, porém, dentro do país, o termo jurídico empregado era êste: *airar*, como que *afastar dos ares* em que vivia a côrte. A pessoa *airada* era marcada de ignomínia e ninguém podia falar com ela, dar-lhe pousada, porque se contaminaria da penalidade. Vemos isto no “Cantar de mio Cid” quando o heroi, chegando a certa cidade, pede licença para ai pernoitar e não lha querem dar porque era *hombre airado*. Do fato meramente político ou jurídico, passou a denominação ao geral, do que nos resta esta expressão ainda hoje viva: *mulher airada, mulher de vida airada*, isto é, condenada socialmente a viver separada das demais que com ela não devem ter nenhuma convivência. No norte do Brasil ainda se diz *mulher dama, mulher moça* ou simplesmente *moça*. No sul é corrente a denominação de *coco, comida, trem, gado*. As casas de prostituição *conventículos*, chamadas antigamente, *mancebias*, tomam hoje a denominação geral de *pensões* e as *pensionistas* são até registradas na policia sob a denominação de *artistas*. *Bordel* já está sendo posto de lado como forte de mais. Diz-se também, de modo geral, *zona, mangue*. Quando são mais recatadas e disfarçadas o costume era de designá-las por *rendez-vous*. Em Salvador, encontramos a denominação local de *castelo* e em Recife a de *recursos*. Alguns mais líricos ousam dizer *ninhos de amor*. A palavra *rapariga* está tocada de tabú. *Filho da pulga* é disfarce da expressão crua que todos conhecem.

No tocante a palavras supersticiosas, a pragas e blasfêmias, matéria muito rica em outras línguas, pouco há que dizer da nossa porque, graças a Deus, tanto o português como o brasileiro jamais contrairam tão ruins hábitos blasfematórios. Apenas o *diabo* tem longa lista de sinónimos sem que êstes queiram provar que lhe tenhamos tanto medo, porque é conhecido o nosso ditado: *o diabo não é tão feito como se pinta*. Assim mesmo dizemos: *coisa ruim, chifruado, pé de pato, bode, tinhoso, cão tinhoso, Pedro Botelho, pé torto, dianho, diacho, espírito mau, espírito das trevas etc.*

A degradação de costumes, mormente, nos grandes centros, vem pondo mais à vista, já porque o número cresce, já porque os estudos freudianos têm chamado a atenção do público para tais desvios que sempre houve na humanidade, os afeminamentos e as masculinizções vão tendo também os seus eufemismos, variando de lugar para lugar. Para as mulheres *viragos* ainda se adota a denominação francêsa de *guignotte*. O Padre Manuel Bernardes, entretanto, emprega para tais casos o termo *afanchonada*. Diz de certas mulheres que tinham pendor para o próprio sexo que “eram

de seu natural *afanchonadas*". Justamente hoje se dá o inverso no uso desta palavra: *fanchonos* só se emprega no masculino. Nos estudos da língua medieval, Carolina Michaelis demonstra, no II volume do seu monumental "Cancioneiro da Ajuda" que o substantivo *cervo* com que se designava a conhecida espécie de animais de armação, por ter sido atingido de sentido imoral, foi substituído por *veado*. Este vocábulo, então, de geral que era, designando todo e qualquer animal, objeto da arte venatória, se particularizou na indicação do antigo *cervo*. Desta forma, naquê-le tempo, *veado* era palavra digna e *cervo*, não. Pois é justamente o contrário que se dá atualmente: evitamos todos o primeiro termo, usando o segundo porque aquê-le já foi infectado de má nota. Do espanhol *Maricon* tomou o português *Maricão* no mesmo sentido de afeminado. Em alguns Estados a denominação é de *frango*. Na literatura ainda encontramos a francesa *mignon*.

Outros eufemismos são de tal forma disfarçados que nem sempre os compreendemos à primeira vista, equivalendo quâse a casos de *criptossemias*. Dizer, por exemplo, de alguém que "per-tence à *ordem de S. Cornélio*" para significar que é enganado pela mulher, nem a todos é claro, necessitando de prestar atenção às primeiras sílabas da palavra *Cornélio*. Dizer de outrem que é "*um queima campo*", isto é, grande mentiroso. Afirmar de outro que é *bom de bico*, querendo assim indicar que é *garganta, fanfar-rão*. No mesmo caso de *S. Cornélio* está outra expressão: *não po-de usar chapéu*. E' necessário pensar na possível causa do impe-dimento, isto é, os cornos. Da mulher grávida usam dizer que "*vai empurrando seu bombo*", que "*comeu mandioca brava*", etc. Um refinado ladrão já passa por *um cavalheiro de indústria*.

O disfemismo

Se o *eufemismo* é o disfarce do termo desagradável, o recurso de que se serve a sociedade para não ofender os ouvidos, a deli-cadeza das pessoas, dsifarçando os substantivos, as expressões cruas e rudes, pondo-lhes, assim, uma espécie de máscara sob a qual a idéia não assusta tanto, o *disfemismo* é justamente o con-trário. E' o rebaixamento dos termos nobres e comuns e quando o termo já é de si inconveniente então, aumenta-lhe ainda mais a rudez da significação por uma substituição em que avulte o lado mau, desagradável, imoral, sujo. O momento em que estamos vi-vendo, mormente, no Brasil, é dos mais deslavados disfemismos. Nos bondes, nos omnibus, nas ruas, nos teatros, em qualquer reu-

não, ninguém tem mais o pudor da linguagem, o cuidado das expressões e do vocabulário e os mais deslavados palavrões são ditos, não só com cínica naturalidade, mas até com certo orgulho e muito grande prazer.

Para muitos o *automóvel* é apenas a *lata*, a *mármita*, a *banheira*. Um *Chevrolet* é dito *chevrolata*. O *bonde* toma o nome de *carroça*. Os omnibus são *geringonça*, *caçambas*. Uma banda de música é *charanga*, *lira*. Um teatro, *barracão*. As casas de apartamento chamam-se *cortiços de luxo*. Soldado é *cabeça seca*. Guarda civil: *grilo*. Almoço: *mata-fome*, *grude*, *boia*. Dinheiro: *grana*, *arame*, *milho*, *bronze*, *cobre*. Os pais são os *velhos*. A família é a *turma*. O revólver é o *berro*. Dar tiros é *soltar cachorrinhos*. O pé se diz *pata*. *Fuça* já é o rosto. Quando qualquer coisa enjoa, enfada, dizem apenas que *enche*, subentendo-se, *os testículos*.

Larga seria a exemplificação deste capítulo se entrássemos no terreno dos disfemismos que tocam de perto a moral. Não o fazemos porque ainda que os estudos científicos da linguagem comportem tais registros, estamos ainda muito atrasados neste ponto para que, ufanos da desbravação do terreno, não viessemos sucumbir sob as pragas dos leitores menos avisados em semântica.

Dentro dos próprios recursos da gramática a própria língua culta conhece meios de diminuir o valor estimativo das cousas por meios de sufixos e de outros recursos. Boa parte dos diminutivos e dos aumentativos tem esta força depreciativa. Entre os diminutivos notamos os em *ote*: *velhote*, *bispote*; os em *inho*: *bobinho*, *sabiozinho*; os em *ucho*: *papelucho*, *casucha*. Entre os aumentativos, muitos em *ão*, *ação*, *astro*: *Antonião*, *políticação*, *poetastro*. Muitos nomes basta que se encontrem no aumentativo ou no diminutivo para que logo se revistam desta modalidade de preciativa. Assim, *drama*, *dramalhão*; *escritor*, *escritorzinho*. As formas diminutivas de muitos verbos envolvem a mesma semântica: *escrever*, *escrevinhar*; *traduzir*, *traduzinhar*. O sufixo nominal *eiro*, mormente, no feminino, é diminuidor: *faladora*, *faladeira*; *oradora*, *oradeira*; *cortadora*, *cortadeira*; *lavadora*, *lavadeira*; *zeladora*, *zeladeira*, etc.

Todos os eufemismos e disfemismos pela insistência da repetição terminam por esvaziar-se do conteúdo semântico extraordinário de que vinham cheios, passando a símbolos normais, que

não nos chamam mais a atenção como dantes. Algumas dessas metáforas com as quais outróra se aumentou tanto a força significativa das expressões, de tanto repetidas, não só perderam toda a sua energia, mas até se tornaram ridículas. Assim foi com *astro rei*, *dedos da aurora*, etc. Hoje, preferimos o termo exato, *sol*, *amanhecer*. Os difemismos perdem também a sua repugnância com o uso repetido. Podemos notar isto com os palavrões do povo: outróra, nenhum dêles seria pronunciado em público sem um movimento geral de protesto; homem que recebesse um dêses insultos, responder-lhe-ia com um tiro: e hoje? ninguem se impressiona e quando muito o ofendido limita-se a ofender o agressor com outra palavra... nada mais. *Judeu* já não causa muita mozza. Muitos até se gloriam do título. Os brasileiros do sul costumam chamar os do norte de *cabeça chata*. No começo era grande ofensa, mas, agora, êles próprios assim se denominam, rindo. Aos catarinenses se dá a alcunha de *barriga verde* bem como, em geral, a todos os de beira-mar. Aos do Espirito Santo, *capichabas*. Se tais denominações foram difemismos outróra, já não o são modernamente porque ninguem se ofende, ao contrário, os naturais desses Estados são os primeiros a assim se denominarem.

CAPÍTULO XVIII

A hipersemia — Hipérboles — Causas — Expressões hiperbólicas indefinidas — O comércio e as hipérboles — O menos pelo mais — A repetição intensiva — A hipossemia.

A Hipersemia

HIPÉRBOLE

Os exageros da linguagem humana dependem muito dos estados emotivos, da constituição nervosa e impressionável das pessoas que falam, da maior ou menor sensibilidade do povo cuja língua estudamos. Comparando uma página de um poeta com outra de um prosador, vemos logo a diferença de temperamento. Em regra geral o poeta, sendo mais sensível e imaginoso que o prosador, esbanja hipérbolos de que o seu colega se mostra, por vezes, usurário. Os nossos clássicos foram infensos aos exageros de expressão. Frei Luis de Sousa, descrevendo um encontro armado dentro de cavernas, disse apenas: “Houve briga debaixo da terra”. Já os arcaicos, mormente, os poetas dos cancioneiros, das gestas medievais, não tinham medo de exagerar. Quando Mordaret consegue ferir com sua lança a el-rei Artur, diz o trovador que a luz do sol passava através da chaga aberta no peito do herói. Para os nossos modestos trovadores do ciclo provençal, a sua amada era sempre “*milhor de quantas Deos fez e mais valer*”. Com o romantismo foram abertos os diques da hipérbole, do exagero a tal ponto que se teve necessidade do refúgio da escola clássica. Entre os povos latinos, se todos são hiperbólicos, poucos poderão vencer os espanhóis que raramente se expressam em termos normais. Se os portugueses também pagam o seu tributo às tiradas veementes, os brasileiros lhes levam a palma, mormente, o nortista. Basta ler as poesias de Castro Alves e já nos tempos coloniais a prosa hiperbólica de Rocha Pita. E convem confessar que gostamos deste gênero de imagens, que nos está no sangue o gongorismo de conceito e de palavra. Entre os sexos há também graus diferenciadores: a mulher é sempre mais exagerada. As conversações de família estão repletas de hipersemias que de tanto repetidas já não nos impressionam mais. Meia hora de sono perdida já avulta como se *passasse a noite em claro*. Uma leve dor de cabeça *faz quase morrer de sofrimento*. As pequenas e inevitáveis contrariedades da vida em comum são *o inferno em vida*. Ha senhoras que *prefeririam morrer fulminadas a sair à*

rua com pouca pintura... *A minha melhor amiga* é quase sempre a primeira nomeada na conversa com as vizinhas. Se não se casar com o primeiro que lhe pede a mão, *não se casará com mais ninguém no mundo!* Pelo fato de ver a amiga com um vestido novo já vai dizendo: *you estava como uma rainha!* Em certa família de literatos, o menor elogio que davam a todos era simplesmente êste: *you é genial!* E o piór era que muitos dèsses plunitivos tomavam a sério a hipérbole caseira... Usa o povo comumente a expressão *abafar a banca* no sentido de ser o melhor, o nec plus ultra. Agora já se diz simplesmente: *abafou!*

Recorre-se muitas vezes a comparações que equivalem a verdadeiros superlativos, a verdadeiras hipérboles: *you é um Rui Barbosa!* quer significar: *you é um gênio!* Conhecemos na Bahia um modesto pregador que era o "*Rui do clero*". Certa moça, sentindo a temperatura um pouco elevada, exclamava para ser ouvida: "*Que calor senegalesco!*" O povo mais simples diz que *ficou besta, ficou bestificado*, para expressar o grau da sua admiração.

A quantidade é expressa de vários modos hiperbólicos: *com seiscentos demônios!* *Um dilúvio de gente!* *Um povo de curiosos!* *Uma tormenta de passarinhos!* *Um nunca acabar de pratos e mais pratos!* *Um mundaréu de telegramas!* *Uma imundície de pessoas!* *Uma bestidade de gente!* Já te disse isto mais de mil vezes! Os advérbios, os adjetivos ajudam a exagerar o significado insignificante das palavras: *recusou categoricamente;* *foi indignamente enganado;* *profundamente ferido em seu amor próprio;* *mortalmente ferido;* *irremediavelmente perdido;* *diabolicamente preparado;* *infernalmente feito;* *sofrimento atroz;* *alegria louca;* *prazer desvairador;* *resolução catastrófica;* *mal irreparável, etc.*

O comércio usa e abusa em seus títulos deste recurso do exagero. Conhecemos um pobre diabo que, a custo, numa portinha alugada, colocou um baldinho de sorvete, mas, no letreiro estava escrito: *A maior sorveteria da América do Sul...* Outro alfaiate intitulou a sua modesta casa: "*A tesoura mágica do mundo!*" Nos bondes da cidade de S. Paulo se lê: "*S. Paulo, o maior centro industrial da América Latina*". Algumas vezes, lança mão o homem de certas denominações modestas e até diminuidoras, com o intuito de exagerar. E' o caso da famosa *Quitandinha* no Estado do Rio. Tendo custado milhões e milhões, apresentando o maior luxo que se possa imaginar nestas partes do Brasil, denomina-se apenas *Quitandinha...* E' o mesmo processo dos que, residindo em palácios, oferecem aos amigos o seu *rancho*, a sua *choupana*.

Notamos ainda os mesmos intuitos hiperbólicos na substituição de verbos e substantivos normais por outros de significado

mais violento ou de maior estardalhaço. Para dizer que f. derrubou b. com um soco, diz-se logo: *achatou, demoliu, pulverizou, desmontou*. Uma pessoa um tanto barulhenta já é um *turbilhão*, uma *tempestade*, um *ciclone*. Outra que toma seus licores, *afoga-se em alcool, curte-se em alcool*, é uma *pipa ambulante*.

O uso continuado de tais expressões fá-las perder a sua força significativa. Outrora, *colossal, gigantesco, enorme*, diziam muito; hoje, não. *Formidável* já vai perdendo também as suas energias hiperbólicas. A própria expressão latina *nec plus ultra* já não nos impressiona mais. Muitos juntam os prefixos *super, ultra* para dar alguma idéia da sua emoção. Por isto mesmo chegamos a processo diametralmente oposto: certas palavras injuriosas passaram a elogiosas. A exclamação: *que bandido! que safado! que f. da p.!* em muitos casos, equivalem a elogios extraordinários.

Os pleonasmos e as repetições são outros recursos das hipóboles. Herdamos dos antigos as construções: *rei dos reis, santo dos santos, segredo dos segredos*. A língua está cheia de *entrar para dentro, pular para cima, jogar-se para baixo, negro preto como pixe, alvo como a neve, quente como fogo, etc.* Os nossos antepassados, em sua língua geral, expressavam o pleonasma pela repetição da palavra. Perto de S. Paulo está o famoso *Instituto Butantã* e esta palavra tupi quer dizer: terra dura, dura: *mbo-tantan*. O célebre fenómeno do embater das águas do Amazonas com as do Atlântico, a *pororoca* e o adjetivo comum *pururuca* são palavras onomatopaicas, onde a repetição da mesma sílaba quer dizer: barulho, barulho, rumor, rumor. *Tatá*, fogo, onde segundo B. Caetano, o som *ta* repetido, indica o muito *estalar* do fogo. Para o homem do povo e para muitos escritores clássicos, os graus necessitam de reforço afim de manterem a sua energia significativa. Por isto encontramos nos melhores autores: *mais mínimo, mais infimo* e no povo *mais melhor, mais pior, muito ótimo*.

Como já fizemos sentir mais acima, há muitas expressões que, aparentemente, dizem *menos* e que, de fato, significam *mais*. Não devemos tomar a aparência, mas, a realidade. Quando alguém nos manda um bom presente de doce e diz que talvez não nos dê nem para *encher a cova do dente*; que o desculpemos da *insignificância*, da *miséria* que nos envia; quando um autor nos oferece o último livro e põe na dedicatória: "Aceite estas *tolices* para as suas *horas de insônia*"; quando alguém, referindo-se aos aos bons vinhos degustados, diz apenas: "aquela deliciosa *gota* de vinho" etc., são outros tantos casos de *menos* por *mais*. Há pessoas que pedem um *gole* de café, uma *pitada* de rapé, um *tiquinho* de açúcar, um *bocado* de pão, mas, na realidade, tais palavras significam justamente o contrário: grandes quantidades. Certa velhota, querendo "comprar" um marido, escrevia à vítima: "Você não

precisará mais de trabalhar porque tenho suficiente para os nossos *alfinetes*". Tratava-se nada menos do que milhares de contos de reis. Outra, cujas rendas eram bem avultadas, afirmava que tinha *para não morrer de fome*.

Finalmente, há muito exagero, muita hipérbole, nas expressões de raiva: *Vai-te para o inferno! O diabo que te carregue! Mil raios te partam! Faça-te em pedacinhos! Arranco-te as tripas! Vai-te para os quintos dos infernos! Que te arrebetes! Mão-te os ossos! etc..*

Se os casos em que se exagera o sentido das palavras para se obter uma impressão razoável, diz-se que há *hipersemita*, haverá *hipossemita* naquêles outros em que se diminui o valor significativo dos termos afim de se conseguir a mesma impressão razoável, v. g. *Quitandinha, ter para os alfinetes, oferecer uma gota de vinho, etc..*

CAPÍTULO XIX

**A criptossemia — As frases feitas — As linguagens secretas —
Explicações da gíria dos gatunos — Linguagem e sinais caba-
lísticos — Simbolos supersticiosos.**

A Criptossemia

A dissimulação do verdadeiro significado pela substituição dos símbolos chega ao seu ponto mais alto na *criptossemia*, quer dizer, naquelas expressões, naquelas palavras, sob cujos significados exatos ocultamos outros que nem sempre são perceptíveis à primeira vista. Muitas destas criptossemias se prendem a fatos históricos, a circunstâncias sociais de velhos tempos, que não são mais conhecidos das gerações modernas e, por este motivo, são também de difícil explicação ainda que o sentido geral não seja de todo incompreensível. João Ribeiro, no Brasil, tentou a explicação de numerosas destas expressões, em seus dois volumes de "*Frases Feitas*". Leite de Vasconcelos, Cláudio Bastos, mas, sobretudo, A. Tomás Pires fizeram o mesmo em Portugal. Muitos adágios e provérbios não passam hoje de criptossemias. Uma das mais correntes é *matar o bicho* (beber). Outras bem conhecidas: *ter teia d'aranha nos olhos* (não querer ver), *fazer ouvidos de mercador* (não querer escutar), *não valer dois vintens de mel coado*, *ter pêlos no coração* (coragem) *ser-peludo* (feliz, ter sorte), *nascer empelicado* (*idem*), *tapar o sol com a peneira* (ocultar o que é evidente), *nadar como o azeite sobre a água* (*idem*), *sair com um quente e três fervendo* (a toda pressa), *dar às de Vila Diogo* (fugir), *ter carta branca* (plena liberdade), *receber bilhete azul* (ser despedido), *tirar água do poço*, *beber água debruço* (cópula), *dar à Mariquinha das Palmas*, *tocar flautim* (masturbar-se), *casa onde canta a galinha* (a mulher é quem manda), *casa de mãe Joana* (onde todos fazem o que querem), *casa da sogra* (*idem*), *casa de orates* (de loucos), *o carro adiante dos bois*, *passar mel nos beiços* (enganar), *engraxar*, *molhar as mãos de outrem* (dar-lhe gorjetas), etc..

As gírias e as "linguagens" foram tidas por muito tempo como formações puramente convencionais e criptónimas, isto é, secretas, compreensíveis apenas pelos que faziam parte do grupo social. Esta mesma idéia prevaleceu na França como nos mostra Dauzat, em seus estudos — "La Langue Française d'Aujourd'hui" — "La Défense de la Langue Française" — idéia que já vinha desde a Idade-Média. Todas as tais "linguas secretas", gírias, argots, calões, "linguagens", etc., nada possuem de impene-

trável. Usam dos mesmos termos que a lingua geral, alguns de tipo arcaico, outros e bastante numerosos de caracter estrangeiro, empréstimos. Com alguma observação, podemos explicá-los, acompanhando a evolução sofrida, quer fonética, quer semântica. *Alveitar*, médico, por exemplo, é termo arcaico, correspondendo ao que hoje dizemos *veterindrio* e, assim, foi pequena a alteração semântica. *Otário* é palavra grega, denominação clássica dos cavalos marinhos que sempre foram tidos como protótipos do bobo. *Afanar*, roubar, é palavra corrente no sentido de opressão nervosa, grande preocupação, justamente o estado psíquico em que se deve encontrar o ladrão no ato de roubar. *Araques*, objetos sem valor, falsos, é do árabe e já ficou explicado em outra parte deste livro, sendo corrente ainda hoje, na lingua portuguesa. *Filado*, preso, prende-se ao arcaico *filiar*, pegar, agarrar, segurar, que ainda existe em *cão de fila* e no adjetivo comum *filante*. *Imbronda* é a forma de cera que serve para tirar o molde das fechaduras. É mera alteração fonética do italiano *impronta*, vestígio, rastro, sinal deixado no chão úmido, etc. *Lordo*, nádegas, explica-se por *lardo*, toucinho, gordura. *Embricar*, espiar, provem de *brique*, tijolo ou têlha, portanto, duma fresta aberta na parede ou no telhado por onde podiam examinar o recinto a ser roubado. *Cotarro*, casa, quarto, é o mesmo espanhol *cotorro* levemente alterado. *Bute*, ouro, valor, provem do germânico *buten*, presa de guerra, o resultado do saque, antigamente, e hoje, apenas, a cópia de armas.

Por estas simples amostras bem se vê quão fácil seria explicar todo o vocabulário da gíria dos ladrões, que é, entre todas, a mais secreta. Não há nada de impenetrável em tais gírias ou argots. Um conhecimento geral da história das linguas basta para esclarecer os pontos mais obscuros. As outras “linguagens” são convenções introduzidas no comum do idioma geral, v. g. a linguagem do *p*, do *f*, ou da inversão das sílabas das palavras. Um pequeno exercício é suficiente para desvendar o “tremendo” segredo de tais infatilidades: “*Vopocepê japá vepeiopô dapá cipidapdepê? Tese vroli tase tofei rapa cevo*” — isto é, *Você já veio da cidade Este livro está feito para você*. Outras maravilhas destas há pela cidade e os leitores as conhecerão melhor que nós e poderão, assim, ajuizar da infundada opinião de que tais produtos sejam criptónimos e mais ainda convencionais. Pode haver mais de critónimo, secreto, que de convencional porque, o intuito dos que a tais disfarces recorrem é, certamente, dificultar o entendimento do que estão dizendo. Mas de convencional nada pode existir porque para tanto seria necessário supôr em tais individuos inteligência e cultura necessárias para construir uma lingua artificial o que ainda não foi dado a grandes mentalidades que a tanto se abalançaram.

Está neste assunto o caso da *Cabala*, da linguagem *cabalística*, dos sinais *cabalísticos*, etc. Desde a Idade-Média que se vem tomando a *Cabala* como ciência misteriosa, oculta, espécie de magia que dava aos seus iniciados o poder de comunicar-se com os espíritos invisíveis e o domínio sobre as forças da natureza. *Kabbalah* é palavra semita, encontrável em hebraico e também em árabe e se o verbo *kabbál* quer dizer apenas *receber*, *Kabbalah* significa *tradição* e foi aplicado o termo ao conjunto de tradições religiosas, morais, rituais e até medicinais, do povo de israel desde os seus primeiros tempos, fazendo alguns remontar aos Essênios. A força misteriosa deste livro esteve mais na língua em que appareceu escrito do que nas doutrinas e ensinamentos d'elle. O hebraico teve sempre certa aura de mistério, já por ser língua de um povo que se mantinha à parte dos outros, já pela dificuldade do seu aprendizado. Para as pessoas, entretanto, que conhecem o idioma e estão informadas do corpo geral das doutrinas judaicas acerca dos anjos, da criação do universo, do homem, a *Cabala* nada tem de secreto e muito menos de mistério. Mas a fama ficou e já nada mais se pode fazer para extirpá-la da opinião dos povos. Participam deste colorido misterioso todos os sinais cuja história não se conhece bem, tais como a cruz esvástica, o sigma, o signo de Salomão, dito popularmente *sino saimão*. Não existe mistério algum desde que haja inteligência, preparo e tempo. O mistério está em ordem proporcional à ignorância.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS ASSUNTOS

A

- Abafar (roubar) - 52
Abafar a banca - 156
À bessa - 39
Abreviaturas (caseiras) - 50 - 120
Abreviação dos símbolos - 22
Abatjour - 52
Abrigo - 37 - 101
Abrir o livro (gat.) - 69
Abraão - 141
À cavaleiro - 94
Acampanado (gat.) - 69
Achacar - 69
Academus - 95
Açu - 50
Acrossemia - 127
Aderência vocabular - 30
Adeus Jurema - 69
Adoquim (gat.) - 69
Aduana (gat.) - 69
Aeródromo - 50
Afanar-se - 30 - 69
Afanchonado - 150
Afetivo (elemento) - 58
Affanarsi - 30
Agonia - 66 - 40
Agricultura - 51
Agrícola (linguagem) - 59
Agônico - 40
Água sedativa - 82
Água vegeto-mineral - 79
Água de melissa - 82
Água de melissa - 82
Água d'objeto mineral - 78
Água de milícia - 82
Água nos dê que atole os pecados do mundo - 79
Água sedativa - 82
Agnus Dei - 79
Agatanhar-se - 139
Anhan - 30
Ahanner - 30
Aliterantes (formações) - 51
Alô - 30
Allons - 30
Alongamento do som - 27
Alteração social - 63
Alegre (gat.) - 69
Altoguedes - (comprar a) - 78
Altogether - 78
Almôndegas - 80
Algarismos (organismos) - 80
Alcunhas célebres - 126
Alcunhas colegiais - 126
Alcunhas raciais - 126
Alfanje - 146
Alvanel - 146
Alvião - 146
Alijó - 81
Alfinete - (gat.) - 69
Alfaiates - 146
Alturas (estar nas) - 147
Alveitar - 162 - 69
Alpes - 102
Alometassemia - 113
Amor-perfeito - 50
Amarrar a gata - 52
Amancebar-se - 64
Amigo - 67
Ambulatório - 68
Amassar o bonde - 110
Amazzare - 110
Amazonas - 120
Andar a cavalo - 93
Ancede - 81
Analogico (tipo) - 51
André Lefèvre - 26
Anjo - 66
Animal (linguagem do) - 29
Antiguidade da semântica - 11
Andantes (gat.) - 69
Antissemia - 113
Anular - 96
Andar de colete - 126

Antropossemia - 97
Antropomorfismo - 140
Andes - 102
Apagar (a luz elétrica) - 94
Aperitivo - 61 - 37 - 101
Apertuma - 37
Apricum - 37
Aragem - 53 - 102
Aranha (veículo) - 58
Arribar - 52
Arco da velha - 65
Araruta - 78
Argot (dos malfeitores) - 69
Aragão - 102
Arifes (gat.) - 69
Artelhos - 96
Arrowroot - 78
Arranha-céu - 147
Araca - 102
Aracone - 102
Araque - 109
Arrebenta-peito - 126
Artigo (em latim) - 62
Asinus burrus - 65 - 93
Associação de idéias - 39
Assomprar - 68
Aspecto perceptual - 58
Astro rei - 152

Audição (em semântica) - 77

Aura - 102
Auraticum - 102
Auratche - 102
Auto - 50
Automóvel - 50 - 96
Auto-carro - 96
Automnibus - 96
Autobus - 96
Autopsiar - 69
Aurora (os dedos da) - 152
Avião - 96

B

Babbo - 31
Bacana - 69
Baculum - 66
Baderna - 68
Bafo - 31
Bagunça - 68 - 52
Bagagem - 68
Bailly - 43
Baixo (estar por) - 147
Bambuzal - 51
Bandeirantes - 102
Bandido (linguagem de) - 69

Bandeira vermelha - 71
Banaboia - 83
Bando - 102
Barreira (ser) - 68
Baratinar - 69
Baraço e cutelo - 81
Barata (veículo) - 58
Barriga da perna - 96
Basyleos - 66
Basilica - 58 - 66
Batizar - 66
Batistério - 24
Baú - 69
Beautiful - 50
Bebado - 36
Beberagem - 94
Beber água de bruço - 161
Bebé (esperar um) - 146
Beberente - 61
Bedeutungslehre - 13
Bengala - 66
Benedito - 36 - 141
Berrante - 69
Berço (ir para o) - 127
Bessa - 39
Bestificador (ficar) - 156
Besta - 102
Bestia - 102

Betrunken - 116

Bicha - 102
Bico (bom de) - 150
Bitrunca - 116
Bitu - 69
Bilhete azul - 161
Bimbo - 31
Bigodear - 52
Boa fé - 120
Bobo - 70 - 125
Boia - 83
Bonaboia - 83
Boémios - 97
Bolo de noiva - 109
Bolsa - 107
Bofé - 120
Bordão - 109
Borra botas - 126
Boi do coice - 139
Bonde - 107 - 53
Boticário - 146
Boiar - 68
Bombardear - 68
Brasileiro - 59
Braquisssemia - 120 - 113
Blasfêmia - 149
Brahma - 12
Bréal - 12
Bragas enxutas - 80

Brete - 70
Brilho - 70
Brique - 162
Bufo - 31
Bus - 50
Burrega - 70
Butantã - 157
Buten - 152
Burro - 93
Bugre - 97
Burdonem - 109

C

Cabala - 153
Cabalistico - 153
Cabeça seca - 151
Cabelo crespo - 146
Cabeça - 132
Cabeça de turco - 89
Cabeça de prego - 89
Cabeça de negro - 89
Cabular - 68
Cabelo (gat.) - 70
Caçamba - 151
Cachorro do mato - 96
Cachorrada - 128
Cachola - 132
Cachorrinhos (soltar) - 151
Café - 68 - 136
Cão de fila - 162
Calami lapsus - 94
Camarada - 128 - 53
Calamo - 94
Cala - 70
Caldeira - 96
Caixa do peito - 96
Calmaria - 93
Camarão (veículo) - 58
Campo Santo - 67
Camisolim - 70
Campionato - 70
Cantante - 70
Cantiga d'amigo - 11
Cânones dos símbolos - 21
Canibal - 81
Caneta - 94
Canelas (esticar as) - 115
Canossa (ir a) - 128
Candra - 132
Carregar criança, cesta - 147
Cânones de Skeat - 39
Capitão - 70
Caput - 132
Carajás (língua dos) - 71
Cara - 128
Carnoy - 57 - 30 - 39 - 46
Carrasco - 60
Caribe - 81
Cardeal - 141

Carniceiro - 126
Carioca (à) - 68
Casamento (na igreja verde) - 127
Caso bonito - 68
Castiçal - 95
Causas da mudança do significado - 61
Caxiar - 68
Cavalheiro de indústria - 150
C. G. T. - 121
Celícola - 51
Celosa - 70

Cemitério - 66 - 25
Cervo - 102 - 150
charrette - 58
chá - 94
chapéu de Chile - 65
charanga - 151
chácara do vigário - 67
chegar de baixo - 71
chispar - 31 - 53
chegar - 60
Child (A) - 28
Christo - 109
Chuê - 39
chupim - 128
chulipa - 78
chumbar dentes - 93 - 65
choferar - 50
chorar - 62
chorinha - 62
chorão - 62
chazal - 51
chuva - 62
chevolata - 151
ciclos educativos - 61
cine - 50
cinegética - 50
cidreira (erva) - 94
claro-escuro - 51

classificação das metáforas - 132
Claudio de Sousa - 24
claxonar - 31
cocoricó - 30
coisa - 71
conceitualismo - 13
colored - 146
comércio (hipérboles do) - 156
Cornélio (São) 141 - 150
contexto interno-externo - 20
cortiço de luxo - 151
conceitistas (metáforas) - 132
cortar a crina - 127
cores (e o sentimentalismo) - 134
coranxim - 96
corvejar - 139
contágio semântico - 109
coco - 89
cocoruto - 89

conversaço - 77
conr-bock - 78
cor constrictum et humiliatum - 79
corimboque - 78
couro curtido e molhado - 79
copulativo (tipo) - 51
composiço (tipos de) - 51
conectivo (sincopa do) - 51
composiço e derivaço - 49
cordão de frade - 51
conteúdo psicológico (da palavra) - 54
colherzinha - 51
couraça - 65
cota - 65
constipação - 68
colar - 68
choque operatório - 68
colégio (gíria de) - 68
convento - 70
crâneo - 89
coxis - 96
crente - 68
costa - 96
crepúsculo - 81
costela - 96
cravo - 22
correio - 107
creare - 102
crisar - 81
criptossemia 150 - 161
creantia - 102
criança - 102
crianza - 102
cruz de Lorena 22
çul! 30
cualtra - 70
corrente cálam - 94
curioso - 70

D

Dama - 67 - 149
Dar à luz - 60
Dar fogo - 68
Dar corda - 94
Dar com o rabo na cerca - 115
Dar o estrilo - 127
Dar uma tesa - 136
David - 82
Dauzat - 44
dedão (ir no) - 115
dedos - 96
dedo de Deus - 131
D. I. P. 121
derribar - 97
derrubar - 97
desmontar alguém - 126
desconjuntar o esqueleto - 126
descalçadeira (passar uma) - 136

desquitada (mulher) - 146
descontinuidade semântica - 62
derrapar - 53
deslocação do nome - 62 - 87
derramar - 70
desprezo - 70
diabo - (nomes do) - 149
diassemia - 125 - 145
diminutivos (disfêmicos) - 157
Diogo - 141
degradação dos costumes (expressões - 149
Disfemismo - 145 - 150
dobrar - 60
Dominus tecum - 79
donato - 70
dongolodron - 31
dorso - 96
Douro - 102
dragão - 70
dura - 70
Durius - 102
Duria - 102

E

eclipses - 81
ecsemia - 89 - 95
efeitos da linguagem afetiva - 102
ekkleisia - 95
elementos do símbolo - 23
embarcar - 65
empréstimos - 52
embora - 110
embriagués (nomes da) - 147
empurrar o bumbo - 150
embricar - 162
enamorar - 120
encher (os testículos) - 151
encadeamento - 108
enforçar (aulas) - 68
entonação - 28
engrupir - 70
enrustir - 70
Epiménides - 12
epissemia - 121
escutar o cheiro - 110
espinha dorsal - 96
estação - 101
estômago - 96
estar em amor - 120
estrela do mar - 96
estraga papel - 126
essência da palavra - 36
estado interessante - 146

escolaça - 70
escracho - 70
espinho - 70
espinho - 70
esparro - 70
estar no godório - 79
estar no musté - 79
escuma do mar - 87
etimologia - 12 - 38
etnossemia - 97
eufemismo - 145
eugenia - 50
exercício - 101
expansão do símbolo - 22
expressões polares - 113

F

Fab - 50
Facticum 102
Fala e língua - 36
falante (gat.) - 70
faladas (palavras) - 77
fanfarra - 39
fanchono - 150
far - 39
farina - 39
farinha - 39
farra - 39
farrancho - 39
farreus (panis) - 39
Feb - 50
ferro e fogo (a) - 51
ferida brava - 67
fechar média - 68
fechado (estar) - 68
felpuda - 70
ferragem - 70
ferreiro - 70
feitoço - 102
fétiche - 102
fervendo (com 1 quente e 3) - 161
ficar gira - 67
filius - 15
fiyu - 15
filho das ervas - 127
flatus vocis - 13
flor - 62
fonfom - 96 31
fonte taurina - 80
fonte da urina - 80
fone - 121 - 50
foto - 121 - 50
formas de direção - 134
fornalha - 96
formação aliterante - 51
formidável - 61

fora (ir lá) - 67
fogo (dar) - 68
fonética e semântica - 97
fofo - 31
francesa (à) - 68
frango - 102
fuça - 151
fula de raiva - 117
fusilar (gat.) - 70
fulastra - 70
full - 50

G

Gado - 102
Gaita - 52
Gala - 93
Galo capão - 139
Galinha morta - 139
Galinha de S. Roque - 147
Galho (quebrar o) - 68
gago - 31
Ganatum - 102
Gara - 93
Gare - 93
Garção - 93
Garçon - 93
Garoto - 93
garage - 93
garei - 93
garnisé - 78
gás - 24
gata (amarrar a) - 52
gatunos (linguagem dos) - 69
gato sapato (fazer) - 83
gato do mato - 96
gazeta - 68 - 70
gazetear - 68
Gávea - 131
generalização do sentido - 70
geringonça - 151
Germânia - 69
girassol - 51
gigante deitado - 131
gire - 93
godório (estar no) - 79
Graff - 14 - 19 - 36
graia - 70
grampas - 70
grampos - 70
grilo - 151 - 58
grupista - 70
grude - 151
gringo - 141
grito (teoria do) - 25 - 26
Guará - 50
guarda-costa - 51
guerra - 52.

quita - 70
Guernesey - 78
guardar defunto - 147
guignotte - 149

H

H. C. E. - 121
Hábitos de simbolização - 36 - 37
Hag - 50
Harmónicas - 80
Haver (impes.) - 63
Havana - 66
harenga - 108

herdeiro (esperar o) - 146

hijo - 15
hipocorísticos - 50 - 131
hipersemita - 155
hipérbole - 155
hipossemita - 155
homem airado - 149
homem primitivo - 24
homem (prônimo) - 63
homossemia - 113
hospedaria - 61
hospital - 61
hospício - 61
hospes - 61
hring - 108
hunos - 97
hóstia - 66

I

Idades (vocab. das) - 73
illam - 37
illum - 32
imagem verbal - 54
imbronda (gat.) 70 - 162
imitação dos sons - 25
indicador - 96
individualização - 102
influências recíprocas - 113
individualizantes (notas) 20
inconscientes fenómenos - 43
infixos - 51
incertos - 70
incômodo - 71
interesse da semântica - 11
interjeição (teoria da) - 30
iôdo - 78
iôdo - 78
ipauçu - 50
ir lá fora - 67
ir aonde os anjos não vão - 67
ir aonde os reis vão sozinhos - 67
Itapemerim - 50

J

Jabá - 68
Japonês tem 4 filhos - 80
Jeremias (gat.) - 70
João Bobo - 141
João de Barros - 141
João Ribeiro - 33
Júlio Ribeiro - 121
Juno Moneta - 108
jurões - 67 158

K

Kabbalah 163
Kabbal - 163
kala - 93
kara - 93
Kant - 13
kikiriki - 30
kodak - 30 - 43
kukuta - 30
kauma - 93

L

Lapsus-calami - 94
lavoura (linguagem da) - 69
lancear (gat.) - 70
laracha (gat.) - 70
lazer - 71
latrina (etimol.) - 148
Le Roy - 13
Leroy - 57
linguagem (defin.) - 77
linguagem dos ladrões - 125 - 161.
linguagem do p e do f - 162
linguagem infantil - 25
linguagem animal - 129
linguagem dos sexos - 71
línguas próprias - 68
língua e fala - 36
limão doce - 114
lindo - 62
limpo - 62
livro - 94
Lisboa - 102
Lord Wellington - 78
Lorde Valentão - 78
Lorde - 162
lua - 15
luca - 70
lunfa - 70
luz - 70

M

Máqua - 38
Malha - 38 - 65
Malinowski (Bronislaw) - 24 - 26

Mamã - 36
 Mácula - 38
 madreperola - 51
 maçã-cuca - 51
 majorengo - 70
 maldelázaro - 71
 maldelazo - 71
 Magide - 81
 manso - 70
 mandarim - 79
 mandril - 79
 mandrin - 79
 manteiga - 108
 manha - 114
 malmequer - 50
 matamouro - 51
 magis - 63
 mas - 63
 mais - 63
 mancebo - 63
 mancipium - 63
 mancebia - 64
 manceba gente - 64
 maricon - 150
 marmelada - 97
 mandioca brava (comer) - 150
 mais mínimo - 157
 mais melhor - 157
 Mariquinha (das palmas) - 161
 mas - 15
 matinée - 24
 Martins Fontes - 38
 mancha - 38
 Marouzeau - 40
 mês - 15
 mens - 15
 mesteres - 68
 média (fechar) - 68
 M.C.C.C.X.L. - 121
 metecsemia - 131
 metáfora - 131
 metáfora conceitista - 132
 metáfora sinestética - 133
 metáfora complicadoras - 133
 metáfora ectópicas - 135
 metáforas afetivas - 135
 metáforas pragmáticas - 135
 meia colher - 145
 meerschäum - 84
 metassemia - 89 - 93
 mezinha - 94
 média - 96
 micho - 70
 ministro - 70 - 95
 mitra - 80
 minguinho - 96
 mínimo - 96
 milho (dia do) - 127
 minium - 115

mirim - 50
 mignon - 150
 Millardet - 13
 Mineiro - 65
 morgue - 24
 monastério - 24
 Momo - 31
 Mogi-Guaçu - 50
 Mogi-Mirim - 50
 mournful - 50
 moça - 67
 Moneta (Juno) - 108
 moeda - 108
 modistos - 146
 morte (expressões) - 147
 morfar - 70
 mosquito - 70
 mulher-dama - 67
 muté (estar no) - 79
 muquirana - 139
 mulher da vida - 149
 mulher da vida airada - 149
 muito ótimo - 157

N

Nana (fazer) - 30
 nanar - 30
 nano - 30
 naturlaute - 31
 náutica (termos de) - 52
 naifa - 70
 nave - 131
 nave - 131
 naveta - 131
 necrotério - 24
 neno - 30
 nenê - 30
 negro - 36
 neris - 70
 neologismos - 23 - 24
 ninna-nanna - 30
 nino - 30
 nifo - 30
 nominalismo - 13
 nhora - 50
 nhor - 50
 nomenclatura (da semântica) - 7

O

objetivo (tipo) - 51
 objeto-mineral (água do) - 79
 obter - 65
 ó chefe! - 128
 ódio (tintura d') - 79
 Ogden and Richards - 19 - 21
 onomasiologia - 13
 onomatopéia - 26 - 29 - 31
 onça pintada - 110

osso - 35
ossum - 35
orãge - 53
ordenados pingues - 80
otário - 162
ouvidas (palavras) - 77

P

Pacaembú - 81
paco - 70
padre - 53 - 64
padre - 53 - 64
pagar o Bernardo - 67
pai de todos - 26
palavras ao mar - 140
palavras de letras - 50
palha-milha - 51
paloma - 70
palpos de aranha - 83
pança - 56
panis farreus - 109
papá - 31
pão de ló - 51
papos de aranha - 83
papel - 94
papyrus - 94
panturrilhas - 96
paquete - 71
parlementer - 81
particularização do sentido - 84
palmeirão - 80
parabens - 51
parabrisa - 51
parabrisa - 51
parir - 60
paressemia - 127
passarinho - 71
pata - 151
pato choco - 139
pão de açúcar - 131
pastel - 52
pax tecum - 66
passarola - 96
paulista (à) - 68
Paul Neyron - 80
peão - 52
pé de moleque - 50
pedra-raia - 51
pésames - 50
petróleo - 51
perissemainomenon - 13
pé de boi - 96
pé de pato - 96
pé de galinha - 96
pé de molequete - 96
pedra de cevar - 96
pedra de escândalo - 96
peixe-boi - 96
perissemia - 107 - 89
penis - 81

pergaminho - 94
pelourinho - 95
pelosa - 70
peloso - 70
penant e- 70
penosa - 70
pendão de Jesus - 79
percepção simples - 57 - 59
percepção diferenciada - 57 - 59
percepção verbal - 57 - 59
perceptivo (aspecto) - 58
perceptual - 58
pecus - 66
pecunia - 66
peculato - 66
pecúlio - 66
pescar (aulas) - 68
pêssego - 110
pego - 114
pingado (café) - 114
pifão - 115
pisante - 70
pingues ordenados - 80
pingueponguear - 31
piano - 52
Pinda - 50
pivete - 70
Platão - 13
pitecantropo - 58
possessivo (tipo) - 51
pomada - 97
polissemia - 101
poldro - 102
potro - 102
potranca - 102
polegar - 96
porco-espinho - 96
porco-espinho - 96
pomba - 70
pó de traque - 126
pororoca - 157
pneu - 121
pneumático - 121
pragmáticas (metáforas) - 135
pragas - 149 - 158
Prestes (Fernando) - 81
prepúcio - 81
presunção e água benta - 80
prego (escuro como) - 114
preto no branco - 127
presbítero - 66
prefixos - 49
pretre - 66
príncipe-consorte - 51
proletário - 66
prostituição (expressões da) - 149
prolfaças - 83
prode - 83
prol - 83
prossomia - 89 - 101

pro aris et focis - 107
pullum - 102
pulletrum - 102
purismo dos idiomas - 52
pururuca - 157

Q

Quadrante (do sol) - 94
quarentena - 94
qualidades do símbolo - 19
quebra-costelas - 126
queima-campo - 150
quebra galho - 68
Q. G. - 121
Quita - 50
quitandinha - 156
quod ore - 79

R

Rapariga - 149
raspante - 70
eralismo - 13
renovação do vocabulário - 49
refrão - 52
referência psíquica - 61
restrição do sentido - 70
rei Davide - 82
rem - 110
ripária - 89
ribeira - 89
Rio - 102
robur - 62
robusto - 62
Roma - 71
romagem - 71
romeu - 71
romeiro - 71
roro - 72
ruim da cabeça - 67

S

sadio - 32
sanativum - 32 - 27
são e salvo - 51
santero - 70
salário - 66
sânscrito - 14
Sapir - 20 - 30 - 77
sarcófago - 132
sapo-concho - 51
sargentear - 68
saxifraga - 51
selvicola - 51
ser barreira - 68
semântica no Egito - 12
semântica na Índia - 13
semântica em Roma - 13
Sêneca - 13

semantiké tekné - 13 - 14
semasiologia - 13
semasiologia - 13
semeiologia - 13 - 14 - 19
seu vizinho - 96
S P Q R. - 121
S. P. Q. R. - 121
S. P. R. - 121
serra - 132
sempre-viva - 50
sexos (linguagem dos) - 71
Singapura - 81
sintáguas (influências mútuas) - 119
sino saimão - 163
sinais (teoria dos) - 19
sinal (qualidades do) - 19
simbolismo linguístico - 22 - 23
síncope do conectivo - 51
sintagma vocabular - 65
sissemia - 112 - 119
sonoite - 83
sobrar - 68
sopapo - 83
sopata - 83
sopé - 83
sol anêmico - 125
sota - 14
son - 15
som (alongamento) - 27
som (reduplicação) - 27
sonambulista - 70
Socony - 50
substituição de conceitos - 60
surdo-mudo - 51
Summa Theológica - 13
suta - 14
sus - 30
substituição gradativa - 94
sufixos disfêmicos - 151

T

Tabús - 31
Tailleur - 52
Taine - 13
tapavento - 51
Taubaté - 81
taurina (fonte) - 80
Taunay (Visconde de) - 24
tatá - 157
teie de aranha (ter nos olhos) - 161
teoria do grito - 26
teria da interjeição - 26
ter (por haver) - 63
terra dos pés juntos - 67
tesa (dar, levar) - 52 - 68
Teucer - 12
Tica - 50
tipos de composição - 51
tipo copulativo - 51

tipo possessivos - 51
tipo objetivo - 51
tipossemia - 97
tiras (policiais) - 146 - 70
tira-prosa - 51
tio - 70
tintura d'ódio - 79
toco - 70
tórrido - 89
torrente - 89
torrar - 89
to be in love - 120
tocha - 126
Tomás de Aquino (Santo) - 13
tostão - 60
Trabalho - 37 - 101
trastalatrás - 31
tropear - 97
troca-tintas - 126
trolhas - 145
tuda - 50
tunda - 14

U

Uíios - 15
ulcera (do estômago) - 80
umbigo (de umbigo a) - 94
umbilicum - 94
Unamuno - 40
Universais - 13
ursada - 139
urso - 35
Ursula do estômago - 90
urina (fonte da) 80
urucungo - 31
Uruguai (casado no) - 146

V

vagão - 52
valentina - 70 126
Van Elmont - 23
vandalismo - 97
Varro - 12 - 13
Vasp - 50 - 121
veado - 102 - 150
vegetus - 79
vegeto-mineral - 79
vela (pegar a) 147
Vendryès - 29 - 35
ventre - 96

vento - 70
Verba sequuntur rem - 52
verbo (interior) - 23
verbum - 12
verde - 70
vesper - 24
vesperal - 24
vesperalis - 24
via sacra - 101
viático - 66
viatche - 37
viaticum - 37
viaggio - 37
vida alrada - 148
vida militar (linguagem) - 68
vida sexual (eufemismos) - 148
vida de cachorro - 139
Victor Henry - 44
vinadinho - 51
vinho branco - 113
vinho moço - 125
vira (café) - 68
vira mais - 69
vir do Ceará - 126
você - 120
vomitar (aula) - 68
vossa mercê - 120
Vossler - 77
Vovô - 31
voyage - 37

X

X. P. T. O. - 109

Z

Z - 51
zé - 50
zipe-zape - 51
zoossemia - 135
zu - 30
zumbir - 31
zunir - 31

W

W. C. - 148
wha sha Allah 120
Weecley - 40
Whitney - 26

BIBLIOGRAFIA

- Arquivos do Museu Nacional.
VARRO — De Língua Latina.
BRÉAL — Essais de Sémantique.
SANTO TOMÁS DE AQUINO — Summa Theológica.
MILLARDET — Linguistique et Dialectologie. Romanes.
GRAFF — Language and Languages.
ODGEN AND RICHARDS — The Meaning of Meaning.
ANDRÉ LEVRÈVE — Les Races et les Langues.
WHITNEY — La Via du Langage.
VENDRYES — Le Langage.
E. SAPIR — Language.
A. CARNOY — La Science du Mot.
MARTINS FONTES — A Dança.
COELHO NETTO — Conferências Literárias.
E. WEECLEY — The Romance of the Words.
MAROUZEAU — La Linguistique et l'enseignement du Latin.
FREI JOÃO DE SOUSA — Origens Arábicas.
A. DAUZAT — La Vie du Langage.
V. HENRY — Antinomies Linguistiques.
SILVIAE vel potius AETHERIAE — Peregrinatio ad Loca Sancta.
DOM DUARTE — Leal Conselheiro.
FREI VICENTE DO SALVADOR — História da Custódia do Brasil.
LINCOLN DE AIBUQUERQUE — Vida dos Ladrões.
FREI LUÍS PALHA — Índios Curiosos.
C. VOSSLER — The Spirit of Language in the Civilization.
BURKARDT — La Civilisation en Italie au temps de la Renaissance.
VICENTE DE CARVALHO — Poemas e Canções.
MENENDEZ PIDAL — Cantar de mio Cid.
CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS — Cancioneiro da Ajuda.
JOÃO RIBEIRO — Frases Feitas.
A. DAUZAT — La Langue Française d'aujourd'hui.
A. DAUZAT — La Défense de la Langue Française.
GREENOUGH AND KITTREDGE — Words and their Ways in English Speech.
ROLAND G. KENT — Language and Philology.
STURTEVANT — Linguistic Change.
WILBUR MARSHALL URBAN — Language and Reality.
MÉILLET — Linguistique Historique et Linguistique Générale.
CH. BAILLY — El Lenguaje y la Vida.
HUGH WALPOLE — Semantics.
PACHECO DA SILVA JUNIOR — Noções de Semântica.
FELIX RESTREPO — Diseño de Semântica General.
JOÃO RIBEIRO — Curiosidades Verbais.
A. DARMSTETER — La Vie des Mots.
SKEAT — The Science of Etymology.
JÚLIO MOREIRA — Estudos da Língua Portuguesa.
A. DAUZAT — Études de Linguistique Française.
A. DAUZAT — La Toponymie Française.

